



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**MARIA ELISABETE COSTA FERREIRA DA CUNHA**

**Cuidar do Planeta**  
**no horizonte da ecologia integral**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**  
**sob orientação de:**  
**Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga**  
**2022**

## Dedicatória

Ao Gonçalo, meu filho, jovem escutista explorador, devoto de São Francisco de Assis, que o sentido de respeito pela natureza seja um valor que forme parte da tua conduta e com o senso de responsabilidade focado em que este Planeta constitui o mais belo presente de Deus. Que este trabalho fortaleça no teu coração a vontade e o compromisso de cuidar do meio ambiente e de investir num desenvolvimento mais sustentável. Por tantos sorrisos e pela capacidade de deslumbramento que te conheço, possa eu ser sempre motivo do teu orgulho, como tu és do meu.

*“Louvado sejas meu Senhor, com todas as tuas criaturas”*

(São Francisco de Assis)

## **Agradecimentos**

Um mestrado é uma longa viagem, uma trajetória com inúmeros desafios pelo caminho, que agrupa a participação de várias figuras indispensáveis para encontrar o melhor rumo em cada momento. Trilhar este caminho só foi possível com o apoio, energia e força de várias pessoas, a quem dedico especialmente este projeto.

Começo por agradecer à Universidade Católica Portuguesa e aos Secretariados Diocesanos do Porto, de Braga e Nacional a oportunidade de realizar esta viagem.

Agradeço também à Professora Doutora Isabel Varanda pela orientação, compreensão e saber, que sempre me motivou a continuar e a não desistir; e principalmente a acreditar em mim, tendo sido um dos pilares importantes para a conclusão deste trabalho. Alongo este agradecimento, à Professora Dra. Maria José Dias, orientadora cooperante, que me proporcionou muitas aprendizagens, enriqueceu a minha formação profissional com todos os seus saberes, apoios, conselhos e confiança, que foram igualmente determinantes.

Ao Agrupamento de Escola Dr. Francisco Sanches, nomeadamente à Escola Básica de S. Vítor, agradeço por me ter recebido enquanto estagiária ao longo deste ano letivo, bem como a toda a comunidade educativa, em especial ao professor de EMRC e à Professora Titular de Turma, que me acolheram como parte integrante da escola.

Agradeço também aos alunos com quem tive oportunidade de trabalhar, a turma 1 do 1º ano, onde lecionei as minhas aulas e implementei o meu projeto, pela simpatia com que me receberam e pela compreensão que demonstraram ao longo do ano.

Aos meus colegas de Mestrado, com quem partilhei longas horas de estudo e partilha de saberes e materiais, além de muitas angústias, sofrimentos, mas também alegrias e sorrisos.

Um especial agradecimento à minha família, aos meus pais, que espiritualmente me acompanharam nesta viagem, iluminando cada desafio e etapa, em particular ao meu marido e nosso filho, pelo apoio, paciência e compreensão que demonstraram, quando as horas me faltaram para eles. Bem como pelo seu dedicado esforço, para que eu pudesse auferir desta oportunidade e concluir com sucesso cada jornada, até esta etapa final.

Por fim, um agradecimento aos amigos de verdade, que sois todos vós, porque estais sempre lá, pela vossa compreensão, amizade e conforto. Vós sois os melhores dos melhores.

## Resumo

O tema que se desenvolve neste Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, que diz respeito a “Cuidar do Planeta no horizonte da ecologia integral”, está em relação com os conteúdos de aprendizagem da Unidade Letiva “Cuidar da Natureza”, lecionada a uma turma do 1.º Ano do Ensino Básico. Reflete-se sobre os temas ambientais e ecológicos, que preocupam a humanidade, a partir da abordagem introduzida pelo Papa Francisco com a publicação da Enciclia *Laudato si'*, que defende uma ecologia integral.

No campo da educação ambiental, nota-se que, em geral, os alunos estão sensibilizados para os temas ecológicos, adotando condutas de redução, reutilização e reciclagem dos resíduos dos produtos de consumo. Todavia, é preciso tomar consciência de que os problemas, que estão a fazer o Planeta entrar em colapso, só se podem resolver se houver mudanças profundas na forma como vivemos e como utilizamos os recursos naturais. A proposta pedagógica que propomos pretende demonstrar que é possível ensinar os alunos de EMRC do 1.º Ano a cuidar do Planeta no horizonte da ecologia integral. Para isso, adotamos recursos físicos e digitais, que tornem as aprendizagens motivadoras, apelativas, desafiantes e, ao mesmo tempo, profundas, consolidadas e duradouras. Deste modo, os alunos desenvolveram saberes e práticas relacionados com a criação do mundo, a beleza das criaturas criadas, o mundo como uma grande casa comum, a degradação da natureza por causa da exploração de recursos e da falta de cuidados, as formas de remediar os danos causados e os cuidados que devemos à natureza, para que esta se mantenha viva, limpa e feliz.

**Palavras Chave:** Cuidado, natureza, ética, ecologia integral, ensino e aprendizagem.

## **Abstrat**

The subject that is developed in this Final Report of the Supervised Teaching Practice, which concerns “Caring for the Planet on the horizon of integral ecology”, is related to the learning contents of the Teaching Unit “Caring for Nature”, taught to a class of the 1st Year of Basic Education. It reflects on environmental and ecological issues that concern humanity, from the approach introduced by the Pope Francisco with the publication of the Encyclical *Laudato si'*, which defends an integral ecology.

In the field of environmental education, it is noted that, in general, students are sensitized to ecological issues, adopting behaviours of reduction, reuse and recycling of waste from consumer products. However, it is necessary to be aware that the problems, that are leading the planet to its collapse, can only be solved if there are profound changes in the way we live and how we use natural resources. The pedagogical plan we propose aims to demonstrate that it is possible to teach 1st Year EMRC students to care for the Planet within the horizon of integral ecology. The pedagogical plan that we propose wants to demonstrate that it is possible to teach 1st Year EMRC students to take care of the Planet in the horizon of integral ecology. For this, we adopt physical and digital resources, which make learning motivating, appealing, challenging and, at the same time, profound, consolidated and permanent. In this way, students developed knowledge and practices related to the creation of the world, the beauty of created creatures, the world as a great common home, the degradation of nature due to the exploitation of resources and the failure of care, the ways to remedy the damage caused and the care we must provide to nature, so that it remains alive, clean and happy.

**Keywords:** Care, nature, ethics, integral ecology, teaching and learning.

## Índice geral

Dedicatória.....	iii
Agradecimentos .....	iv
Resumo .....	v
Índice de Tabelas .....	xi
Índice de figuras .....	xi
Siglas e abreviaturas .....	xii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – POR QUE CUIDAR DO PLANETA.....	4
1. Filologia do termo “cuidar” .....	6
2. O Planeta Terra enquanto mundo natural.....	8
3. A ética do cuidado segundo Leonardo Boff.....	13
4. Síntese: Cuidar por (com)paixão do Planeta .....	18
CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ECOLOGIA INTEGRAL .....	23
1. Contextualização do tema ecológico .....	27
1.1. Especificidades da ecologia.....	27
1.2. Envolvimento internacional .....	32
2. Perspetiva eclesial sobre o tema ecológico anterior à Laudato si’ .....	34
2.1. Da Rerum novarum ao Concílio Vaticano II.....	35
2.2. De Paulo VI a Bento XVI.....	40

3. A Encíclica Laudato si', do Papa Francisco .....	47
3.1. Uma ecologia integral .....	49
3.2. A ecologia integral da Laudato si': valores e princípios .....	51
3.2.1. Ecologia ambiental, económica e social .....	52
3.2.2. Ecologia cultural .....	53
3.2.3. Ecologia da vida quotidiana.....	54
3.2.4. O princípio do bem comum .....	56
3.2.5. A justiça intergeracional .....	57
4. Síntese: Educar para o cuidado no contexto da ecologia integral .....	58
CAPÍTULO III – PRÁTICA DE ENSINO: “CUIDAR DA NATUREZA” .....	61
1. Ensinar EMRC, perspetiva docente.....	61
2. O núcleo de estágio: contexto, dificuldades e potencialidades .....	64
2.1. Caraterização do meio escolar.....	64
2.2. Caraterização da turma .....	66
3. Descrição da Unidade Letiva “Cuidar da Natureza” .....	70
3.1. Organização Curricular, Domínios e Aprendizagens Essenciais .....	72
3.2. Articulação intradisciplinar e interdisciplinar .....	76
4. Estratégias de Aprendizagem .....	77
4.1. Construção do conhecimento .....	78
4.1.1. Mobilização de conhecimentos.....	79
4.1.2. Exposição de conteúdos.....	82
4.1.3. Síntese das aprendizagens.....	85
4.2. Apropriação do conhecimento.....	86
4.3. Aplicação do conhecimento .....	88

5. Recursos didático-pedagógicos .....	91
5.1. Canção: “Cantar a Natureza” .....	95
5.2. Vídeo: “É bom ter uma casa” .....	96
5.3. Jogo de descoberta “Descobre onde vivo...” .....	97
5.4. Ficha de trabalho “A diversidade da vida na terra” .....	99
5.5. Vídeo: “Na natureza temos tudo o que precisamos” .....	101
5.6. Exercício: Unir pontos.....	102
5.7. Jogo Wordwall: “A natureza dá-nos o que precisamos” .....	103
5.8. Pictograma 1: “Mundo Feliz” .....	104
5.9. Poema sobre a Criação do Mundo.....	107
5.10. Vídeo: “A história da criação” .....	110
5.11. Pictograma 2: “Mundo Triste” .....	111
5.12. Poema sobre “O cuidado da Natureza” .....	113
5.13. Vídeo: “O Planeta limpo” .....	119
5.14. Ficha de trabalho “Cuidar da Terra” .....	120
5.15. Pictograma 3: “A história da Páscoa” .....	124
5.16. Texto sobre “A história da Páscoa” .....	126
5.17. Vídeo: “O Pequeno Francisco e o Lobo de Gúbio” .....	129
5.18. Ficha de trabalho “Francisco de Assis e o lobo de Gúbio” .....	130
6. Atividades de avaliação .....	133
7. Planificação da Unidade Letiva.....	136
3.1. Planificação da Aula 1 .....	137
3.2. Planificação da Aula 2.....	139
3.3. Planificação da Aula 3.....	141
3.4. Planificação da Aula 4.....	143

3.5. Planificação da Aula 5.....	146
3.6. Planificação da Aula 6.....	148
8. Síntese e reflexão sobre a Pática de Ensino Supervisionada.....	150
CONCLUSÃO.....	154
BIBLIOGRAFIA .....	158
Documentos eclesiais .....	158
Documentos organizacionais.....	159
Referências .....	160

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Ecologia Profunda e Ecologia Superficial.....	30
Tabela 2: Domínios de aprendizagem desenvolvidos .....	74
Tabela 3: Aprendizagens Essenciais aplicadas.....	76
Tabela 4: Revisão das aprendizagens da aula anterior .....	80
Tabela 5: Atividade focal introdutória e ligação com a aula anterior .....	82
Tabela 6: Estratégias para exposição de conteúdos.....	85
Tabela 7: Síntese e termo da lecionação.....	86
Tabela 8: Estratégias para apropriação do conhecimento .....	88
Tabela 9: Estratégias para aplicação do conhecimento .....	90
Tabela 10: Recursos permanentes e prevalentes .....	92
Tabela 11: Recursos utilizados nas lecionações .....	94
Tabela 12: Estratégias e atividades de avaliação formativa .....	135

## Índice de figuras

Figura 1: Edifício da Escola Básica do 1.º Ciclo de São Victor.....	65
Figura 2: Sala de aula e equipamento disponível .....	91
Figura 3: <i>Smiles</i> para <i>feedback</i> de avaliação formativa.....	135

## **Siglas e abreviaturas**

AO	Octogesima adveniens
Cf.	Confrontar
Coord.	Coordenação
COP	Conference of the Parties (Conferência sobre Mudanças Climáticas)
CV	Caritas in veritate
DGE	Direção-Geral da Educação
EB1	Escola Básica do 1.º Ciclo
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
EV	Evangelium vitae
Gn	Génesis
LS	Laudato si'
MM	Mater et magistra
ONU	Organização das Nações Unidas
Org.	Organização
PP	Populorum progressio
QA	Ouadragesimo anno
RH	Redemptor hominis
RN	Rerum novarum
SRS	Sollicitudo rei socialis

## INTRODUÇÃO

O Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada é principalmente a demonstração de resultados de um percurso curricular e do respetivo estágio pedagógico. Encerra um ciclo começado na frequência do Curso de Mestrado em Ciências Religiosas com especialização em ensino de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), do Instituto Universitário de Ciências Religiosas, da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, de Braga. Este trabalho teve a orientação e supervisão da Professora Doutora Isabel Varanda e da Professora orientadora cooperante Dra. Maria José Dias. O estágio foi desenvolvido na Escola Básica do 1.º Ciclo de São Victor, situada na rua Beato Miguel de Carvalho, em Braga, que pertence ao Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches.

O tema que aqui desenvolvemos centra-se no “Cuidar do Planeta no horizonte da ecologia integral”, em articulação com os conteúdos da Unidade Letiva “Cuidar da Natureza”, lecionada a um grupo/turma do 1.º Ano do Ensino Básico. Aparentemente, levar os alunos deste nível de ensino a refletir sobre um tema de fisionomia ecológica não parece requerer profundos conhecimentos científicos, nem obrigar à implementação de grandes recursos didático-pedagógicos. Contudo, quem conhece o meio e entende a forma como as crianças de 6 anos se empenham na construção do seu saber, reconhece que é exatamente o contrário. Nenhuma pergunta pode ficar sem a exata resposta, concisa, clara e real. Por isso, encarámos o desafio com elevada dedicação, desde o primeiro momento, dando início à pesquisa documental, que está na raiz dos dois primeiros capítulos e partindo ao encontro do grupo, na observação de aulas, enquanto sonhávamos já a forma de desenvolver as nossas lecionações. Por conseguinte, na elaboração do Projeto de Relatório, partimos de uma questão, que consiste em saber como ensinar os alunos do 1.º Ano de EMRC a cuidar do Planeta no horizonte da ecologia integral.

Esta questão suscitou uma sequência de objetivos educacionais que, conforme veremos, irão encontrar sustentação filosófica, teológica, ética, sociológica e pedagógica não só na clarificação dos conceitos de cuidar/cuidado e de ecologia integral, mas também nos Domínios de Aprendizagem e nas Aprendizagens Essenciais da EMRC, para o 1.º Ano do 1º Ciclo. Contudo, convém salientar que os objetivos de investigação então traçados não foram, sem mais, decalcados dos objetivos previstos, no Programa da disciplina, para a Unidade Letiva lecionada. Diversamente, pretendíamos dispor de total liberdade no trabalho de pesquisa

documental para estabelecer o nosso referencial teórico. Assim, formulámos como objetivos teóricos deste trabalho a necessidade de tomar consciência de que o Planeta é uma casa comum; descobrir a visão bíblica da criação em relação com o Planeta e a Natureza; conhecer os conceitos de cuidar/cuidado e de ecologia integral; saber como cuidar do Planeta no horizonte da ecologia integral.

A questão inicial, em conjunto com estes objetivos, irá ajudar-nos a manter o foco da investigação, o que contribui de forma decisiva para aprofundar os nossos conhecimentos acerca dos conteúdos, que viremos a encontrar no círculo das Aprendizagens Essenciais que compõem a Unidade Letiva e na planificação da nossa Prática de Ensino Supervisionada.

Dividimos este Relatório em três partes. Com o desenvolvimento do tema “Por que cuidar do Planeta”, no primeiro capítulo, pretendemos encontrar as razões que nos devem levar a cuidar do Planeta, não porque assim estamos legalmente obrigados, mas porque há em nós um sentido ético de responsabilidade, que nos move e comove. Partiremos do estudo do termo cuidar/cuidado e do que significa a Terra, enquanto mundo natural, seguindo sobretudo o entendimento de Leonardo Boff, na ética do cuidado.

Depois deste capítulo introdutório, passaremos ao segundo capítulo sobre a “Educação Ambiental e Ecologia Integral”. Aqui, começaremos por contextualizar o tema ecológico. São os problemas ecológicos que tornam urgente e oportuno refletir sobre esta temática, ponderando não só o dever de cuidar da criação, mas também o modo de o fazer. Depois, em dois pontos, apresentamos a perspetiva da Igreja sobre a ecologia antes e após a publicação da Encíclica *Laudato si'*, em 24 de maio de 2015, pelo Papa Francisco. Esta data marca um ponto de viragem na doutrina da Igreja sobre o cuidado da casa comum, precisamente porque este documento, totalmente dedicado ao tema ecológico, propõe a aposta numa ecologia não parcial, mas integral. Veremos o significado deste conceito, no qual trataremos de assentar as bases para a síntese do capítulo: “Educar para o cuidado no contexto da ecologia integral”, onde também evocaremos os principais conceitos tratados na primeira parte do Relatório, conjugados com as propostas do Santo Padre.

Estabelecido o referencial teórico, o terceiro capítulo será integralmente dedicado à Prática de Ensino Supervisionada. Começaremos por expor, ainda que brevemente, o que entendemos pela atividade de docência no âmbito da disciplina de EMRC que, como se depreende, tem as suas especificidades decorrentes sobretudo de ser uma disciplina voltada para

o ensino de religião e dos valores morais e humanistas, no contorno de uma formação integral dos alunos. Em seguida, passaremos pela necessária contextualização estrutural e humana do estágio, no que se reporta à caracterização do meio escolar e do grupo/turma. Segue-se a descrição crítica da Unidade Letiva “Cuidar da Natureza”, com referência à organização curricular, domínios de aprendizagem, Aprendizagens Essenciais e articulações intradisciplinares e interdisciplinares. Logo após, passaremos às estratégias de aprendizagem implementadas e sua justificação didático-pedagógica para a construção, apropriação e aplicação do conhecimento. No ponto seguinte, bastante exaustivo, iremos encontrar os recursos utilizados na nossa prática de ensino, caracterizados quanto à originalidade, pertinência didática e adequação pedagógica. São apresentados tendo em conta as aulas em que cada recurso foi aplicado, os materiais de que são feitos, as estratégias de aprendizagem inerentes a cada um, os diapositivos de PowerPoint de apoio ao recurso e, no caso de se tratar de canções, vídeos, jogos e imagens digitais, o respetivo *link* de acesso. Posteriormente, apresentaremos os recursos, atividades e estratégias de avaliação dos alunos e de monitorização do processo de ensino. Em seguida, surgirão as planificações das aulas aplicadas e, a terminar, faremos uma síntese e reflexão geral sobre a Prática de Ensino Supervisionada.

Completa a informação deste Relatório, o Dossier da Prática de Ensino Supervisionada, elaborado durante o estágio pedagógico e que reúne os principais documentos estruturantes da atividade docente, a reprodução dos materiais físicos e digitais utilizados, as evidências do trabalho pedagógico efetuado e as produções realizadas pelos discentes.

## CAPÍTULO I – POR QUE CUIDAR DO PLANETA

Transcorridas duas décadas do século XXI, já não restam dúvidas de que as questões climáticas são o grande problema do nosso Planeta, no nosso tempo. Em 2018, a figura de uma adolescente sueca, Greta Thunberg,<sup>1</sup> converteu-se no ícone da reivindicação mundial sobre a urgência de cumprir o Acordos de Paris, sobre a redução das emissões de carbono. Curiosamente não foi um líder político carismático, nem uma estrela de Hollywood, que despertaram a população mundial para o ativismo climático, mas o pequeno gesto de uma adolescente, que deixava de assistir às aulas todas as sextas-feiras e se colocava com um cartaz de três palavras diante do Parlamento sueco.<sup>2</sup> Greta Thunberg fez-se representante da forma como o futuro olha para o presente, em busca de esperança. “A esperança de que não vamos de encontro a um desastre, mas ao encontro de um novo renascimento”. Porque “as crises são purificadoras e o caos momentâneo prepara a irrupção de uma ordem mais alta e integradora”<sup>3</sup>.

Uma esperança que clama por ação imediata. Leonardo Boff refere que “todos temos um destino e um futuro comum. E precisamos garanti-lo porque, com a situação mudada pelo aquecimento global e por outros desequilíbrios ecológicos e sociais, ele está ameaçado”<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> A 20 de agosto de 2018, Greta Thunberg iniciou uma greve escolar, em Estocolmo, para protestar contra o aquecimento global do Planeta. Frequentava o 9.º ano e tinha realizado um trabalho de projeto sobre esse tema, que concluiu com uma instalação no átrio da escola. Com o consentimento dos seus pais, decidiu não frequentar as aulas até às eleições gerais da Suécia, em 9 de setembro, sentando-se junto ao Parlamento, todos os dias, durante o horário escolar, para pedir que o futuro governo reduzisse as emissões de carbono, segundo as metas estabelecidas no Acordo de Paris. Após as eleições, continuou a fazer greve escolar, mas apenas às sextas-feiras. Foi, então, que despertou a atenção mundial, o que levou a que protestos semelhantes fossem organizados na Holanda, Alemanha, Finlândia, Dinamarca e Austrália. Desde então, Greta Thunberg tornou-se uma ativista pelo clima, participando em inúmeras iniciativas internacionais de protesto contra a emissão de gases com efeito de estufa: cf. Lucía Espejel Gómez; Jorge Alberto Hidalgo Toledo. “Discursos de Greta Thunberg: Análisis de contenido y su impacto en YouTube”. *Sintaxis*, 5 (2020), 51.

<sup>2</sup> A atitude de Greta Thunberg trouxe a debate o direito do exercício de uma cidadania ativa por parte de adolescentes e jovens, menores de 18 anos, enquanto cidadãos capazes de se envolver em causas comuns, criar propostas e participar em processos de tomada de decisão. Em Portugal também houve alunos que aderiram à greve pelo clima e foram objeto de estudos científicos, como é o caso do que foi realizado no Porto, entre maio e setembro de 2019: cf. Ana Dias Garcia; Eunice Macedo; João Queirós. “Todos nós temos um bocadinho de ativismo: Experiências de participação de jovens na Greve Climática Estudantil”. *Educação, Sociedade & Culturas*, 61 (2022), 71-91.

<sup>3</sup> Leonardo Boff. *Ética da Vida. A Nova Centralidade*. São Paulo: Record, 2009, 7.

<sup>4</sup> Leonardo Boff. “A busca de um *ethos* planetário”. *Cadernos IHU ideias*. 169 (2012), 4.

Em 2015, o Papa Francisco surpreendeu o mundo com a Carta Encíclica *Laudato si'* (LS),<sup>5</sup> afirmando: “Nesta encíclica, pretendo especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum”<sup>6</sup>. Como um novo olhar da Igreja, correlaciona a ecologia ambiental com a ecologia humana, focando-se não apenas no cuidado da casa comum, mas também no cuidado de todos os que nela habitam. O documento foi publicado a poucos meses antes da 21ª Conferência das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas, que se realizou em Paris, de 30 de novembro a 15 de dezembro de 2015. Por isso, teve um enorme eco na imprensa internacional e prendeu a atenção do mundo sobre os problemas ecológicos.<sup>7</sup>

Apesar das sucessivas conferências mundiais sobre as mudanças climáticas, promovidas pela Organização das Nações Unidas desde a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas e do Acordo de Paris, de 2015, continua a verificar-se que a intenção da maioria dos países é manter a utilização de combustíveis fósseis, embora em desaceleração. A maioria dos países reconhece que é urgente um esforço político e económico de curto prazo, mas, devido à complexidade da rede de interesses dos diversos governos, empresas e indivíduos, não será fácil nem rápido resolver os grandes problemas ambientais do nosso tempo e os resultados atuais não correspondem ao esperado. Para que a sensibilidade ecológica atinja os meios de produção e as políticas sociais e económicas, será seguramente necessário implantar nos sistemas educativos dos diversos países e nos códigos de ética das mais diversas organizações e empresas uma ética do cuidado sobre tudo o que diz respeito à vida no nosso Planeta. “Ou cuidamos da nossa casa comum ou iremos ao encontro de um abismo. Pela primeira vez a crise pela qual passamos é sistêmica e, portanto, planetária. É a crise da vida e da nossa própria existência”<sup>8</sup>.

Neste capítulo vamos tratar de estabelecer algumas linhas fundamentais que nos digam por que devemos cuidar do Planeta. Ou seja, que razões nos devem levar a ter tal atitude, pois, como educadores comprometidos, nomeadamente no campo da EMRC, devemos aprender a ensinar a cuidar do Planeta, em todas as suas dimensões, ressaltando os parâmetros normativos

---

<sup>5</sup> Francisco. “Encíclica *Laudato si'*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 107 (2015) 847-945.

<sup>6</sup> LS, 3.

<sup>7</sup> Cf. Vítor Hugo Mendes. “Ecologia Integral y Pacto Educativo Global. La Educación Integral del Papa Francisco”. *Aula: Revista de Enseñanza e Investigación Educativa*, 27 (2021), 346.

<sup>8</sup> Rogério Bianchi de Araújo. “A utopia concreta do cuidado em Leonardo Boff”. In: Márcia Pereira dos Santos; Selma Martines Peres; Maria Helena de Paula (Org.). *História, cidades, redes políticas e sociais*. São Paulo: Blucher, 2017, 76.

e culturais que legitimam e sustentam uma ecologia ética. Fazemo-lo à luz do pensamento de Leonardo Boff, começando por estudar com ele a filologia do termo “cuidar”. Em seguida, abordaremos a configuração do Planeta Terra enquanto mundo natural. Depois vamos nos debruçar sobre a noção de uma ética do cuidado e, finalmente, apresentamos a abordagem de Boff sobre a compaixão pelo Planeta.

## 1. Filologia do termo “cuidar”

Um dos maiores críticos da industrialização desordenada, do consumismo desenfreado e dos atentados contra a sustentabilidade do Planeta é Leonardo Boff,<sup>9</sup> que defende e propõe, com a máxima urgência, uma alfabetização ecológica: “Para cuidar do Planeta precisamos todos passar por uma alfabetização ecológica e rever nossos hábitos de consumo. Importa desenvolver uma ética do cuidado”<sup>10</sup>.

Na sua obra *Saber Cuidar - Ética do humano*, Boff começa por expor a fenomenologia do cuidado. Segundo a etimologia, a fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenómeno. O domínio da fenomenologia é praticamente ilimitado, pois tudo o que aparece e acontece, qualquer que seja essa realidade, neste caso o cuidado, é entendido como um fenómeno.<sup>11</sup> Assim, observar o cuidado sob o ponto de vista da fenomenologia significa que não se trata de pensar ou de falar sobre o cuidado em si, como um objeto independente do sujeito cuidador. Ao contrário, trata-se de discorrer sobre o como é vivido e se estrutura o cuidado no sujeito cuidador. Nesse sentido, em vez de dizermos que prestamos cuidado, devemos dizer que somos cuidado:

“Não temos cuidado. Somos cuidado. Isto significa que o cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano. É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos”<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> Cf. *Ibidem*, 78.

<sup>10</sup> Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 134.

<sup>11</sup> Cf. André Dartigues. *O que é a fenomenologia?*. São Paulo: Centauro Editora, 1992, 5.

<sup>12</sup> Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 89.

Isto significa que o cuidado comporta uma dimensão ontológica que passa a entrar na constituição do ser humano. Trata-se, nas palavras de Leonardo Boff, de “um modo-de-ser singular do homem e da mulher”<sup>13</sup>.

“Segundo clássicos dicionários de filologia, alguns estudiosos derivam cuidado do latim *cura*. Esta palavra é um sinónimo erudito de cuidado, usada na tradução de Ser e Tempo de Martin Heidegger. Em sua forma mais antiga, *cura* em latim se escrevia *coera* e era usada num contexto de relações de amor e de amizade. Expressava a atitude de cuidado, de desvelo, de preocupação e de inquietação pela pessoa amada ou por um objeto de estimação. Outros derivam cuidado de *cogitare-cogitatus* e de sua corruptela *coyedai*; *coidar cuidar*. O sentido de *cogitare-cogitatus* é o mesmo de cura: cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e de preocupação. O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida”<sup>14</sup>.

Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Requer a atitude fundamental de um modo-de-ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se numa realidade externa a si mesmo, não de uma maneira desajustada, mas com desvelo, solicitude, preocupação, inquietação e responsabilidade.

Na obra conjunta “Quem está escrevendo o futuro? 25 textos para o século XXI”, dirigida por Washington Araújo, Leonardo Boff estende o conceito de cuidado à relação que estabelecemos com a realidade e com cada ser da criação. Por isso, tudo o que existe ultrapassa, mesmo os seres inanimados, são valores naturais que se nos apresentam e dos quais também podemos e devemos cuidar:

“Cuidar significa entretecer uma relação amorosa com a realidade e com cada ser da criação. É investir coração, afeto e subjetividade. As coisas são mais que coisas que podemos usar. São valores que podemos apreciar, são símbolos que podemos decifrar. Cuidar significa envolver-se com as pessoas e as coisas, dar-lhes atenção, colocar-se junto delas, senti-las dentro do coração, entrar em comunhão com elas, valorizá-las e compreende-las em sua interioridade. Tudo de que cuidamos também amamos. E tudo

---

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> *Ibidem*,

que amamos também cuidamos. Pelo fato de nos ligarmos afetivamente com as pessoas e as coisas nos preocupamos com elas e sentimos responsabilidade por elas”<sup>15</sup>.

O cuidado faz parte da essência do humano. Trata-se de uma atitude identitária que o ser humano executa de forma natural, principalmente quando nos referimos ao cuidado maternal para com os filhos. Deste modo, a responsabilidade de cuidar dos outros não é uma profissão ou uma imposição, mas um modo-de-ser próprio do humano. Esta mesma tendência humana para cuidar deve refletir-se no cuidado para com a natureza. Por isso, Leonardo Boff considera que:

“O cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. Significa reconhecer o cuidado como um modo-de-ser essencial, sempre presente e irreduzível à outra realidade anterior. É uma dimensão fontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada”<sup>16</sup>.

O cuidado coloca o ser humano perante a natureza como um cuidador e não como um explorador; como um irmão e não como um dono e senhor. Este posicionamento permite captar a voz da natureza na sua grandeza, beleza e força; mas também na sua debilidade, fragilidade e desequilíbrio. Todos os seres que existem, todos os elementos da natureza são objeto do cuidado humano, de interação, de convivência e de comunhão.

## **2. O Planeta Terra enquanto mundo natural**

O Planeta Terra é dotado de singularidades próprias que possibilitam a vida, tal qual a conhecemos. Tem uma exposição aos raios solares que não é nem demasiado curta, como ocorre no Planeta Marte, tornando-se um Planeta gélido; nem excessivamente alta, como em Vênus e Mercúrio, tornando a temperatura extremamente elevada. Além disso, no sistema solar, é o único Planeta que possui uma enorme quantidade de água em estado líquido. Regista uma amplitude térmica regular e suficiente estabilidade para conservar a água nesse estado líquido,

---

<sup>15</sup> Leonardo Boff. “A perigosa travessia para a república mundial”. In: Washington Araújo (org.). *Quem está escrevendo o futuro? 25 textos para o século XXI*. Brasília: Letra Viva, 2000, 222.

<sup>16</sup> Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 34.

propiciando condições excelentes para o surgimento de seres vivos complexos. Se, por exemplo, a Terra tivesse uma órbita elíptica mais extensa, de tal modo que periodicamente nos afastasse e aproximasse do Sol, as amplitudes térmicas poderiam fazer com que toda a água congelasse e se liquefizesse todos os anos, tornando inviável muitas das formas de vida que conhecemos.<sup>17</sup> Portanto, o nosso Planeta é uma casa que habitamos, que reúne em si todas as características necessárias à nossa existência e dos demais seres vivos. No seu artigo “A busca de um *ethos* planetário”, Leonardo Boff refere que o Planeta se preparou para nos receber ao longo de milhões de anos:

“A Terra é fruto de um longo processo de evolução que já tem 13,7 bilhões de anos. Como Planeta, existe já há 4,45 bilhões de anos. Nela as coisas todas não estão justapostas, mas inter-retro-conectadas. A Terra comparece como uma totalidade físico-química, biológica, social, antropológica e espiritual, una e complexa que articula de tal forma todas estas instâncias, formando um grande sistema vivo e benfazejo para a reprodução da vida”<sup>18</sup>.

De acordo com o autor, “pertencemos à Terra; somos filhos da Terra; somos Terra. Daí que homem vem de húmus. Viemos da Terra e a ela voltaremos”<sup>19</sup>. De facto, de acordo com o testemunho dos astronautas, desde a Lua ou do espaço exterior, “a Terra se lhes mostrava em sua esplêndida e frágil unidade. Confessavam: não há diferença entre Terra e biosfera, entre Terra e Humanidade. Elas formam uma única entidade, um todo orgânico e sistêmico”<sup>20</sup>. Deste modo, defende o autor, não nos é legítimo olhar o Planeta Terra como algo que se apresenta diante de nós e distinto de nós, mas como algo ao qual pertencemos. Mais do que sermos da Terra, podemos legitimamente dizer, como o Papa Francisco: “nós mesmos somos terra (cf. Gn 2,7)”<sup>21</sup>. Por isso, “temos elementos-Terra no corpo, no sangue, no coração, na mente e no espírito. Dessa constatação resulta a consistência de profunda unidade”<sup>22</sup> entre nós e o Planeta. Esquecer essa unidade e estabelecer uma relação de domínio e exploração sobre os seus recursos, é sinal de antropocentrismo.

---

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem*, 75.

<sup>18</sup> Leonardo Boff. “A busca de um *ethos* planetário”. *Cadernos IHU ideias*. 169 (2012), 4.

<sup>19</sup> Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 72.

<sup>20</sup> Leonardo Boff. “A busca de um *ethos* planetário”. *Cadernos IHU ideias*. 169 (2012), 4

<sup>21</sup> LS, 2.

<sup>22</sup> Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 76.

Sentir que somos Terra leva-nos a “ter os pés na terra”, ou seja, no mesmo chão que é comum a todos os outros seres vivos. Faz-nos desenvolver uma sensibilidade solidária para com o Planeta, sofrendo com o seu frio ou calor, suas catástrofes e ameaças, seus dons e encantos:

“Sentir a Terra é sentir a chuva na pele, a brisa refrescante no rosto, o tufão avassalador em todo o corpo. Sentir a Terra é sentir a respiração até às entranhas, os odores que nos embriagam ou nos enfastiam. Sentir a Terra é sentir seus nichos ecológicos, captar o espírito de cada lugar, inserir-se num determinado local, onde se habita”<sup>23</sup>.

Habitar o Planeta à luz destes princípios, faz com que nos sintamos, de certa maneira, hóspedes de um lugar, de uma determinada geografia, de um tipo de clima, de uma maneira de morar, de trabalhar e de erguer a nossa história. Não somos externos ao Planeta e, assim, não podemos ser alheios ao seu destino.

De forma magistralmente simbólica, a Sagrada Escritura diz-nos que o ser humano é parte fisicamente integrante da matéria que constitui o Planeta. Sabemos que o texto bíblico não pode ser literalmente considerado, pois a intenção subjacente ao seu conteúdo não é científica, mas teológica e religiosa:

“A Sagrada Escritura não nos oferece um tratado de cosmologia nem de paleontologia, nem de biologia, nem mesmo de ecologia, no sentido de um conhecimento positivo e sistemático da constituição dos seres e da sua inserção e dinamismo interno e externo no contexto dos ecossistemas”<sup>24</sup>.

Neste entendimento, não é nossa intenção desenvolver aqui uma exegese bíblica sobre os relatos da criação que encontramos no livro do Génesis, mas simplesmente partilhar alguns dos conhecimentos adquiridos com a frequência da Unidade Curricular: Questões de Antropologia Teológica. Então, percebemos que no relato da origem do ser humano, quando o autor sagrado chama ao primeiro humano criado: *Adam*, essa palavra está relacionada com *Adamah*, que em hebraico quer dizer “terra” (Gn 2,7). Conforme explica Armindo Vaz, o termo:

“Serve ao narrador para pôr organicamente o ‘homem’ em conexão fonética e etimológica com o ‘solo cultivável’, qual matriz geradora e para o fazer depender dele,

---

<sup>23</sup> *Ibidem*, 76-77.

<sup>24</sup> Isabel Varanda. “A Ecologia como chave hermenêutica da Criação e da Evolução”. *Theologica*, 45 (2010), 457.

de forma articulada e complexa a vários níveis (literários e sonoros) e em várias relações, agarradas de forma coesa a vários pontos da narração: numa relação de origem-proveniência (2,7), de finalidade (para cultivar o solo e [...] se alimentar a partir dele: 2,5. 15; 3, 17- 18, 23) e de destino (até a ela voltar: 3, 19)<sup>25</sup>.

Depois, em Gn 2, 19, Deus modela todos os animais a partir da terra, isto é, do mesmo solo do qual o homem havia sido formado em Gn 2,7. À luz do relato bíblico, podemos dizer que mais do que considerar que nascemos e vivemos na Terra, devemos pensar que nascemos de terra e vivemos de terra, na medida em que fomos formados e nos mantemos vivos por meio de trocas físico-químicos estabelecidas entre nós e os elementos naturais provenientes do Planeta Terra. Daqui nasce uma relação de igualdade que não pode ser superada, mesmo que, mais à frente, o texto bíblico nos diga: “Enchei a Terra e submetei-a” (Gn 1,28). Este mandato não deve ser interpretado como domínio irresponsável, mas como obrigação de cuidar do Planeta.

“Em nenhum momento é dito que tudo foi criado em função do Homem e para o Homem. A cada ser criado é reconhecida bondade intrínseca, um valor, confirmado aliás pela função que a cada um é atribuída e que completa o processo de criação”<sup>26</sup>.

“O humano domina o animal, mas este domínio exclui toda e qualquer forma de violência. Exclusão simbolizada na dieta vegetariana prescrita a um e aos outros: ‘Dou-vos todas as ervas que dão semente, que estão sobre a superfície da terra, e todas as árvores que dão fruto que dão semente: isto será o vosso alimento. A todas as feras, a todas as aves do céu, a tudo o que rasteja sobre a terra e que é animado de vida dou como alimento toda a verdura das plantas’ (Gn 1,29-30). O tema do domínio reaparece aqui. Limites são instituídos”<sup>27</sup>.

Por vezes parece que ignoramos a nossa condição de criaturas, criadas a partir do mesmo barro que as outras coisas, o que leva o Papa Francisco a declarar: “O nosso corpo é constituído pelos elementos do Planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos”<sup>28</sup>. Por conseguinte, a nossa essência material é formada de átomos de carbono, água e uma

---

<sup>25</sup> Armindo Vaz. “Em vez de ‘história de Adão e Eva’: o sentido último da vida projetado nas origens. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2011, 86.

<sup>26</sup> Varanda, Isabel. “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”. *Theologica*, 38, N.º 2 (2003), 299.

<sup>27</sup> *Ibidem*, 302-303.

<sup>28</sup> LS, 2.

infinidade de minerais, todos eles oriundos do Planeta Terra. Esta constatação óbvia ajuda-nos a recuperar o nosso sentido de pertença ao mundo natural, sentindo que somos efetivamente terra. Nesse sentido, concordamos com Leonardo Boff, quando diz que:

“Sentir-se terra é perceber-se dentro de uma complexa comunidade com seus outros filhos e filhas. A Terra não gera apenas a nós seres humanos. Produz a miríade de microrganismos que compõem 90% de toda a rede da vida, produz os insetos que constituem a biomassa mais importante da biodiversidade de plantas, flores e frutos. Produz a diversidade incontável de animais, nossos companheiros dentro da unidade sagrada da vida, porque em todos estão presentes os 20 aminoácidos que entram na composição da vida. Para todos produz as condições de subsistência, de evolução e de alimentação, no solo, no subsolo, nas águas e no ar. Sentir-se Terra é mergulhar na comunidade terrenal, no mundo dos irmãos e das irmãs, todos filhos e filhas da grande e generosa Mãe, a Terra”<sup>29</sup>.

Na sequência da Cimeira Eco-92 do Rio de Janeiro, surgiu um documento centrado nos problemas que envolvem o Planeta: *A Carta da Terra*.<sup>30</sup> Aqui encontramos uma nova consciência ecológica universal e as linhas gerais de um novo paradigma de habitar o Planeta. Leonardo Boff vê neste documento os valores essenciais e princípios fundantes para estabelecer uma ética do cuidado focada no zelo pelo Planeta e pelos seus recursos, que resume do seguinte modo:

- Respeitar e cuidar da comunidade de vida com compreensão, compaixão e amor.
- Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.
- Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.
- Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social, económico e ambiental.

---

<sup>29</sup> Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 77.

<sup>30</sup> Cf. Earth Charter International. *A Carta da Terra*. Consultado em: <https://earthcharter.org/wp-content/uploads/2021/02/Carta-da-Terra-em-portugues.pdf?x62652>. Trata-se de uma declaração global consensual de valores e princípios para um futuro sustentável. O documento foi desenvolvido ao longo de quase uma década, através de um extenso processo de consultoria internacional, para a qual cerca de cinco mil pessoas contribuíram. A Carta tem vindo a ser legalmente aprovada e seguida por milhares de organizações, em que se incluem a UNESCO e a World Conservation Union.: cf. <https://cartadaterrainternacional.org/sobre-nos/perguntas-frequentes/#ec1>.

---

- Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, ao cuidado da saúde e às oportunidades económicas.
- Apoiar, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, dando especial atenção aos povos indígenas e minorias.
- Reforçar as instituições democráticas em todos os níveis e garantir-lhes transparência e credibilidade no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões e no acesso à justiça.
- Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.
- Promover uma cultura da tolerância, não violência e paz.<sup>31</sup>

Em nosso entender, o principal mérito da *Carta da Terra* consiste em partir do princípio de que o destino da Terra e da humanidade é comum, na medida em que formamos em conjunto uma unidade cósmica. Daqui deriva a necessidade de mudar o paradigma para, em vez de nos servirmos do Planeta, passarmos a ser nós a servir e a cuidar o Planeta. Confiamos na sua capacidade regenerativa, mas devemos partilhar essa responsabilidade, de modo a que seja possível reverter, quanto antes, os erros acumulados desde a revolução industrial.<sup>32</sup>

### 3. A ética do cuidado segundo Leonardo Boff

A crise ecológica mundial apresenta-se, conforme temos vindo a referir, como um desafio decisivo para o futuro do Planeta. Mas também pode ser entendida como uma lição para a vida, que permite novas abordagens e proporciona o ânimo necessário para estimular a reflexão e a criatividade.<sup>33</sup> A realidade que conhecemos através das experiências pessoais vividas no nosso quotidiano relativamente à falta de cuidado para com a natureza, por vezes comove-nos. Mas essas realidades não se comparam com as chocantes imagens com que nos sobressaltam os meios de comunicação social tradicionais ou as modernas redes sociais. As imagens das maiores atrocidades infligidas à natureza, causam-nos um sentimento de perda e

---

<sup>31</sup> Leonardo Boff. “A busca de um *ethos* planetário”. *Cadernos IHU ideias*. 169 (2012), 11.

<sup>32</sup> Cf. Jason Moore. “El auge de la ecología-mundo capitalista - I”. *Laberinto*, 38 (2013), 10-12.

<sup>33</sup> Cf. Leonardo Boff. *La dignidad de la Tierra. Ecología, mundialización, espiritualidad. La emergencia de un nuevo paradigma*. Madrid: Trota, 2000, 11.

compaixão, que podem despertar as nossas consciências e talvez nos ajudem a mergulhar nas profundas raízes da ética. Abstraímos-nos, muitas vezes, desta visão das coisas e parece que só se discutem questões relacionadas com a ética quando se sente a falta dela. Deste modo, o conhecimento objetivo sobre os problemas ecológicos, que afetam diversas áreas do Planeta, deve ser encarado por nós como uma oportunidade para repensar as nossas condutas diárias e princípios éticos. Parece-nos, pois, que a renovação ética das novas gerações poderá dar o devido lugar à esperança de um mundo melhor.

O termo ética procede da palavra grega *ethos*, que significa, por um lado, o habitat, isto é, o lugar onde se vive; e, por outro lado, os costumes, usos e tradições associados a esse lugar. Traduz igualmente o modo de ser, o carácter e o comportamento do ser humano, por referência às opções que levam aos atos.<sup>34</sup> Segundo Leonardo Boff:

“*Ethos* significava fundamentalmente a morada humana, não em sua materialidade (as quatro paredes e o teto), mas em seu sentido existencial como aquela porção da natureza (*physis*) que reservamos para nós, que organizamos e cuidamos de tal modo que se transforma em nosso habitat, o lugar onde ‘nos sentimos em casa’, protegidos, em que não habita o medo, vivendo em harmonia com todos os que nela habitam, com os vizinhos e com a natureza circundante, com seus ventos, árvores, animais e flores. A diligência com qual cuidamos da casa, a forma dos relacionamentos dentro dela e para fora, constroem concretamente aquilo que significa ética. Entretanto, para nós hoje o *ethos*-morada não é mais a nossa casa, a nossa cidade ou o nosso país. É o inteiro Planeta Terra, feito *ethos*-Casa Comum”<sup>35</sup>.

Há muito tempo que Leonardo Boff se esforça por nos alertar para a necessidade de encontrar uma ética que nos permita ordenar a nossa relação com a natureza. Uma ética que, no dizer de Arnaldo de Pinho, seja universalmente aceite e respeitada por todos os povos, sociedades, organizações e indivíduos, em que os valores e princípios se intercetem em ordem a regular o agir moral, social e individual, em ordem à construção de um *ethos* básico, universal e comum a toda a sociedade.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> Cf. Aurelio Fernández. *Compendio de Teología Moral*. Madrid: Ediciones Palabra, 1999, 21-22.

<sup>35</sup> Leonardo Boff. “A busca de um *ethos* planetário”. *Cadernos IHU ideias*. 169 (2012), 3. Os itálicos são nossos.

<sup>36</sup> Cf. Arnaldo de Pinho. “Busca dum *Ethos* Básico Universal: Reconhecimento duma ‘Humanitas’ Comum”. In *Congresso Internacional de Direito Natural. Direito Natural, Religiões e Culturas. Porto, 17-18 Maio, 2002*. Coimbra: Coimbra Editora, 2004, 116.

---

Conforme vimos a partir do pensamento de Leonardo Boff, a essência do humano reside no cuidado: o cuidado do nosso semelhante e o cuidado das outras criaturas vivas e inanimadas. Nesta concepção, o cuidado constitui-se como um princípio que pode fundamentar o *ethos* mínimo da humanidade. É por isso que podemos falar de uma ética do cuidado que, quando aplicada à natureza, poderá salvar a humanidade de uma catástrofe ecológica mundial.

Hoje, na crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Suas ressonâncias negativas se mostram pela má qualidade de vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exploração exacerbada da violência. Não busquemos o caminho da cura fora do ser humano. O *ethos* está no próprio ser humano, entendido em sua plenitude que inclui o infinito. Ele precisa voltar-se sobre si mesmo e redescobrir sua essência que se encontra no cuidado<sup>37</sup>.

A ética do cuidado implica ultrapassar a ditadura dos meios de produção e das políticas econômicas antropocêntricas, colocando o foco na sustentabilidade. Para isso, Boff propõe uma lógica diferente, que consiste em sentir-se parte da natureza e em ter compaixão pelo Planeta. Este esforço alcança-se através da capacidade de cuidar dos outros seres criados, em detrimento da lógica destruidora do modelo utilitário de conceber pessoas e coisas; a lógica da conquista e da competição. Optar pelo cuidado, em vez da exploração, é uma forma revolucionária de pensar e agir na atual conjuntura de relação entre pessoas, coisas e natureza.<sup>38</sup>

Para podermos fundamentar uma ética do cuidado, que salve o Planeta, é necessário estabelecer um consenso mínimo sobre valores e princípios que objetivamente contribuem para a sustentabilidade e que, uma vez absorvidos pela sociedade humana, possam ser aplicados por todos, conscientes de que habitamos um lugar comum, o Planeta Terra. Para Boff,

“O que se faz necessário e urgente é forjar uma base comum a partir da qual podemos articular um consenso mínimo que salvguarde e regenere a Casa Comum, hoje crucificada pela devastação industrialista/consumista e pela injustiça social internacional e que garanta um futuro comum Terra-Humanidade”<sup>39</sup>.

---

<sup>37</sup> Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 191.

<sup>38</sup> Cf. Rogério Bianchi de Araújo. “A utopia concreta do cuidado em Leonardo Boff”. In: Márcia Pereira dos Santos; Selma Martines Peres; Maria Helena de Paula (Org.). *História, cidades, redes políticas e sociais*. São Paulo: Blucher, 2017, 78.

<sup>39</sup> Leonardo Boff. “A busca de um *ethos* planetário”. *Cadernos IHU ideias*. 169 (2012), 3.

O contributo para estabelecer esse consenso ético não pode vir apenas da razão, isto é, do conhecimento real dos problemas e das formas mais lógicas de os resolver, mas também deve derivar do amor pelo Planeta e da paixão pelas suas criaturas. A razão imprime competência ao cuidado, mas é a paixão que o motiva. Da conciliação entre a razão e a paixão deverá nascer uma ecologia integral, que não deixe nada nem ninguém de fora. Leonardo Boff descobre no coração de São Francisco de Assis (1182-1226) um imperativo ético reforçado nas palavras do nosso Credo: “Creio em Deus Pai, Criador do Céu e da Terra”. A relevância deste imperativo ético reside no facto de impedir a exploração da Terra por ser tutelada pelo próprio Deus, o que implica, para nós humanos, o compromisso de defendê-la. Por outro lado, se Deus é Criador de tudo, então, tudo o que existe possui entre si uma relação de parentesco em primeiro grau. Esta circunstância leva Francisco de Assis a declarar todas as criaturas, animadas e inanimadas, como irmãs entre si. Deste modo, entre o ser humano e as demais criaturas não será legítimo estabelecer relações verticais de senhorio e domínio, mas apenas relações horizontais de igualdade e fraternidade. Na verdade, se todos são filhos de Deus, todos são irmãos entre si; e todos habitam na mesma grande casa comum, que é o Planeta.<sup>40</sup>

Desta forma, o cuidado entre criaturas, que são irmãs entre si, deve procurar ser igualmente horizontal. O cuidado torna-se uma forma de conciliar a razão com a paixão, como uma espécie de relação amorosa e fraterna entre todas as coisas, como realidades afetivamente ligadas entre si. Este cuidado fraterno para com o mundo envolve preocupação e atenção face aos problemas da ecologia e da sustentabilidade. Se, por um lado, o *ethos* ordena hábitos, costumes, usos, modos de ser e comportamentos, o cuidado afeta a forma como se organizam esses hábitos, costumes, usos, modos de ser e comportamentos. Ética e cuidado podem, assim, estar interligados, de tal modo que o cuidado, em si, não deve ser visto como uma simples ação isolada, mas tem que ser um projeto humano coletivo, proporcional aos problemas globais que enfrenta o Planeta. Através do cuidado podem-se evitar danos futuros à natureza e reparar os já ocorridos:

“O cuidado previne os danos futuros e regenera os danos passados. Correspondente ao cuidado, em termos do discurso ecológico, é a sustentabilidade que visa encontrar

---

<sup>40</sup> Cf. Leonardo Boff. *San Francisco de Asís: Ternura y Vigor. Una lectura desde los pobres*. Santander: Editorial Sal Terrae, 1982, 60-61.

---

o justo equilíbrio entre a utilização racional das virtualidades da Terra e sua preservação para nós e para as gerações futuras”<sup>41</sup>.

Tendo em conta o nível de descuido e desleixo que paira como uma ameaça sobre a biosfera e o destino humano, a ética do cuidado é hoje a ética mais urgente para toda humanidade, pois é vital cuidar competentemente não só das pessoas, dos mais pobres e marginalizados, mas também da natureza e do Planeta. Nesta nova ética, se a razão impulsiona as competências do cuidado, é a paixão que o motiva, pois: “Há vasta convergência na admissão de que a inteligência se encontra impregnada de sensibilidade, de emoções e afetos, pois são essas características que dão conta da vida quotidiana e da socialidade humana”. Por isso, “Podemos nos referir também à razão cordial, pois é no coração que residem os valores, o mundo das excelências, dos afetos e dos grandes sonhos que orientam a vida”<sup>42</sup>.

Por fim, Leonardo Boff salienta duas virtudes que acompanham a ética do cuidado. São elas a autolimitação e a justa medida. A primeira significa a renúncia necessária que a humanidade tem de fazer relativamente aos seus desejos desenfreados, patentes na voracidade da produção e do consumo. O exercício desta virtude inspira a cultura da simplicidade pessoal e das organizações, que contribuirá para salvaguardar a integridade e a sustentabilidade do nosso Planeta. A segunda, a justa medida, corresponde ao equilíbrio que encontramos originalmente nas grandes tradições éticas, quer do Oriente, quer do Ocidente. É a harmonia entre o tudo e o nada, entre o mais e o menos, entre o maior e o menor. Quando se coloca em questão da quantidade de recursos necessários a satisfazer as nossas necessidades e, ao mesmo tempo, a de conservar os bens e serviços naturais que a natureza nos dá, o exercício da justa medida leva-nos a optar conscientemente pelo pouco, pelo suficiente e pelo médio.<sup>43</sup>

O cuidado essencial é a ética de um Planeta sustentável. [...] A ética de cuidados se aplica tanto a nível internacional como a níveis nacional e individual; nenhuma nação é autossuficiente; todos lucrarão com a sustentabilidade mundial e todos estarão ameaçados se não conseguirmos atingi-la. Só essa ética do cuidado essencial poderá salvar-nos do pior. Só ela nos rasgará um horizonte de futuro e de esperança”<sup>44</sup>.

---

<sup>41</sup> Leonardo Boff. “A busca de um *ethos* planetário”. *Cadernos IHU ideias*. 169 (2012), 14.

<sup>42</sup> *Ibidem*, 12.

<sup>43</sup> Cf. *Ibidem*, 15.

<sup>44</sup> Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 135.

Portanto, o cuidado fundamenta valores e princípios básicos para estabelecer um novo *ethos*, no sentido grego originário referido, como forma de organizar a nossa casa comum, isto é, o mundo em que habitamos, em harmonia com os humanos e todos os outros seres e elementos da natureza. A ética do cuidado debruça-se sobre a dupla essência das relações humanas: o outro e a natureza. O ser humano, assim, convocado à preservação, desenvolvimento e continuidade da vida, sem colocar em causa a sustentabilidade. Os valores que dão corpo à ética do cuidado são a solidariedade, a responsabilidade e a compaixão. A solidariedade de não se cingir ao presente, mas está focada na qualidade de vida que deseja e espera para as gerações futuras, a que o Papa Francisco chama “justiça intergeracional”<sup>45</sup>. A responsabilidade da justa medida, que trata com desvelo o que se tem, sem o esbanjar nem danificar, que são atitudes que se opõem à “cultura do descarté”<sup>46</sup>, denunciada pelo Papa. A compaixão que, como veremos em seguida, antecede o próprio cuidado.

#### **4. Síntese: Cuidar por (com)paixão do Planeta**

O Planeta que habitamos é tão maravilho e belo, que merece da nossa parte toda a admiração, respeito e cuidado. É do Planeta que extraímos quanto precisamos para sermos quem somos enquanto seres biológicos e sociais, na medida em que a completude de matérias que utilizamos, desde os nossos cuidados de higiene e alimentação, até ao vestuário e habitação e muitos outros a nível particular ou industrial, são oriundos da natureza. Todavia, o que antes nos parecia ser uma fonte inesgotável de recursos, hoje dá sinais de esgotamento e exaustão, com consequências nefastas ao nível dos solos, da água, do ar e dos seres vivos. Conforme nos diz Isabel Varanda,

“Outrora, a natureza parecia ser um poço sem fundo, uma riqueza inesgotável à disposição do humano e para benefício do humano. Hoje, olha-se o fundo do poço: uma natureza vulnerável, fragilizada, empobrecida e esgotada. A Terra está doente, ouvimos dizer”<sup>47</sup>.

---

<sup>45</sup> Cf. LS, 159-161.

<sup>46</sup> Cf. LS, 22.

<sup>47</sup> Varanda, Isabel. “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”. *Theologica*, 38, N.º 2 (2003), 287-306.

A notória enfermidade do Planeta é assinalada pelo Papa Francisco, na sua Encíclica *Laudato si'*, como uma “verdadeira dívida ecológica”<sup>48</sup> para toda a humanidade, fazendo com que seja, agora, “a nossa terra oprimida e devastada, que ‘geme e sofre as dores do parto’ (Rm 8, 22)”<sup>49</sup>.

Neste documento, o Santo Padre chama a atenção para dois grupos de problemas ecológicos que assolam o Planeta: a poluição e as mudanças climáticas. A poluição reflete principalmente a poluição da atmosfera, a contaminação da água e da perda da biodiversidade terrestre e marítima.<sup>50</sup> As mudanças climáticas decorrem sobretudo devido aos gases com efeito de estufa, tendo como resultado o aquecimento global e as alterações dramáticas dos ciclos da natureza, que provocam fenómenos climáticos extremos com repercussões económicas e sociais que afetam sobremaneira os mais pobres.<sup>51</sup> Além disso, a exploração excessiva dos recursos naturais tem provocado alteração dos ecossistemas e, em muitos casos, o esgotamento efetivo desses mesmos recursos.<sup>52</sup>

“Não Há Planeta B”<sup>53</sup> é o título de uma obra com a qual nos cruzámos a propósito deste estudo. O vasto diagnóstico que faz do estado atual do Planeta é extremamente exaustivo e não nos cabe aqui, neste nosso estudo, mais do que referir alguns pontos essenciais, que corroboram a atualidade da Encíclica *Laudato si'*. As mudanças climáticas sempre existiram no nosso Planeta ao longo de milhões de anos. A dificuldade é que nos últimos 50 anos as variações climáticas sofreram uma forte aceleração, com tendência para atingirem proporções cada vez mais drásticas. As ondas de calor e as secas extremas têm sido fenómenos climáticos observados todos os anos e cada vez mais frequentes. A emissão de dióxido de carbono, que produz o efeito estufa, tem sobretudo como fonte principal da queima de combustíveis fósseis, como o carvão, o petróleo e o gás. Se não diminuirmos o dióxido de carbono na atmosfera o Planeta tende inevitavelmente a aquecer. Relativamente à poluição causada pela produção e consumo excessivo de plástico, sabe-se hoje que o impacto do plástico é tremendo. Por se tratar

---

<sup>48</sup> LS, 51.

<sup>49</sup> LS, 2.

<sup>50</sup> Cf. LS, 20-21. A questão da água: LS, 26-31; a perda de biodiversidade: LS, 32-42.

<sup>51</sup> Cf. LS, 23-24.

<sup>52</sup> Cf. LS, 25.

<sup>53</sup> Cf. Carmen Lima. *Não há Planeta B. Dicas e truques para um ambiente sustentável*. Porto Salvo: Chá das Cinco, 2020.

de um material leve, resistente, versátil e que facilmente pode ser tornado transparente, o plástico tem inúmeras aplicações industriais e domésticas. Mas depois de utilizado, permanece inalterável na natureza, porque demora entre 200 e 300 anos a degradar-se. Infelizmente, de todo o plástico produzido nos últimos 60 anos, apenas 9% foi reciclado.<sup>54</sup>

Perante os enormes problemas ecológicos, Leonardo Boff propõe a compaixão pela Terra, que nós interpretamos no título desta síntese como “Cuidar por (com)paixão do Planeta”. A compaixão não deve ser encarada como um sentimento miserabilista de piedade repartida por aqueles que sofrem ou carecem de algo. Com-paixão é, na perspectiva etimológica latina, a capacidade de participar na paixão de outrem. Paixão é aqui entendida como a ação passiva de padecer, pelo que se diz com-passivo quem com-padece, isto é, quem padece com. Para que isso seja possível, avança Leonardo Boff, é preciso sair da nossa própria circunstância e “entrar na galáxia do outro enquanto outro para sofrer com ele, alegrar-se com ele, caminhar junto com ele e construir a vida em sinergia com ele”. E acrescenta: “Em primeiro lugar, essa atitude leva à renúncia de dominar e, no limite, de matar qualquer ser vivo, recusando toda violência contra a natureza. Em segundo, procura construir a comunhão a partir dos que mais sofrem e são mais penalizados”<sup>55</sup>. Podemos, então, falar de uma ética da compaixão, guarnecida pelo compromisso de sofrer com o Planeta e, neste, com aqueles que mais padecem a crise climática e ecológica:

“A ética da com-paixão para com todos os seres que sofrem, a começar pelo Planeta como um todo, as espécies em extinção e especialmente os milhões e milhões de seres humanos submetidos a grandes tribulações. Junto da compaixão comparece a solidariedade e a cooperação, princípios fundantes mais do que virtudes, pois foi por elas que o ser humano deu o salto da animalidade para a humanidade e ainda hoje estão na base de qualquer forma de sociabilidade”<sup>56</sup>.

Trata-se de “uma atitude alternativa, de profunda veneração e confraternização para com o universo e de compaixão e ternura para com todos os membros da comunidade cósmica e planetária”<sup>57</sup>. A solidariedade e a cooperação devem estender-se não só às pessoas que sofrem com os problemas ecológicos, mas também ao próprio Planeta. Esta é a nossa única casa e é

---

<sup>54</sup> Cf. *Ibidem*, 4-5.

<sup>55</sup> Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 126.

<sup>56</sup> Leonardo Boff. “A busca de um *ethos* planetário”. *Cadernos IHU ideias*. 169 (2012), 15.

<sup>57</sup> Leonardo Boff. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, 271.

apenas aqui que podemos morar. Ele é, um sistema de sistemas e um superorganismo cujo equilíbrio é complexo e foi ajustado ao longo de milhões de anos. O ser humano não existiu sempre neste Planeta e, em verdade, sob o ponto de vista cosmológico, é perfeitamente prescindível. Quer isto dizer que a subsistência do Planeta não depende da existência ou não existência humana. Aliás, é o ser humano a espécie que mais danos tem provocado ao Planeta, ao longo dos tempos. Desde o começo da industrialização, no século XVIII, a população mundial cresceu 8 vezes, consumindo cada vez mais recursos para a sua subsistência e para a construção das sociedades urbanas. O agravamento deste quadro com a aceleração do processo produtivo coloca questões cada vez mais insolúveis face ao futuro da nossa vida na Terra.<sup>58</sup> O planeta precisa, pois, de ser cuidado de uma forma eticamente comprometida.

Já ouvimos, seguramente, a nova máxima: “Pensar global, agir local”, aplicada à questão ecológica. O local e o global não se excluem mutuamente. Pelo contrário, o local deve ser entendido como um aspeto do global.<sup>59</sup> Para Leonardo Boff,

“O cuidado com a Terra representa o global. O cuidado com o próprio nicho ecológico representa o local. O ser humano tem os pés no chão (local) e a cabeça aberta para o infinito, abismo e estrelas, local e global. A lógica do coração é a capacidade de encontrar a justa medida e construir o equilíbrio dinâmico”.<sup>60</sup>

Para tal, sustenta o autor, cada um de nós precisa de se descobrir como sendo parte integrante de um ecossistema local, seja no que diz respeito ao ambiente natural em que vive; seja no que concerne à dimensão social e cultural que o envolve. Por outras palavras, regressando ao facto de sermos terra e, como tal, irmãos dos outros seres animados e inanimados, trata-se de conhecer localmente todos os nossos irmãos e irmãs, que respiram a mesma atmosfera, observam a mesma paisagem, se nutrem do mesmo solo e se refrescam da mesma água. Precisamos de travar conhecimento íntimo com todo o tipo de plantas, animais e microrganismos que convivem connosco no mesmo nicho ecológico comum. É essencial conhecer a história das nossas paisagens, percorrer os seus trilhos, subir as montanhas, ouvir as cascatas, entrar nas grutas, atravessar as florestas. Faz-nos falta entender a história dos povos

---

<sup>58</sup> Cf. Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 133.

<sup>59</sup> Cf. Paulo Márcio Cruz; Zenildo Bodnar; Grazielle Xavier. “Pensar globalmente e agir localmente: o estado transnacional ambiental em Ulrich Beck” *Revista de Doutrina da Quarta Região*, 27 (2008), 823.

<sup>60</sup> Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 135.

que nos precederam, os fundadores da civilização local, que viveram as suas aventuras em harmonia com a natureza. Estabelecer uma relação fraterna com o nicho ecológico, isto é, com o local onde habitamos e com todas as criaturas que o compõem, significa admirar os seus elementos e dar-lhes espaço no nosso coração, predispondo-se a compadecer-se e descobrir as razões para os preservar e cuidar com consideração e respeito, sem os danificar, mas obedecendo à dinâmica do ecossistema.<sup>61</sup>

O que é dito em relação a cada um de nós, deve dizer-se igualmente também da comunidade sociológica local. Esta deve adaptar-se ao ecossistema local e cuidar do meio-ambiente, conforme adverte o Papa Francisco:

“Cada território detém uma parte de responsabilidade no cuidado desta família, pelo que deve fazer um inventário cuidadoso das espécies que alberga a fim de desenvolver programas e estratégias de proteção, cuidando com particular solicitude das espécies em vias de extinção”.<sup>62</sup>

Compete-lhe utilizar os recursos de forma frugal, reduzir os gastos de água e eletricidade, reciclar todos os materiais passíveis de reciclagem, conservar e promover a biodiversidade. Deve também conhecer a história política, social, económica e etnográfica, o seu folclore. Deve cuidar da sua urbanidade, dos hospitais, igrejas, escolas, bibliotecas, teatros, museus, espaços de lazer e monumentos que constituem a memória coletiva do povo.<sup>63</sup>

O cuidado do nicho ecológico só será possível se houver um processo coletivo de educação e de troca de saberes, costumes, tradições, representações e competências comunitárias, que compreendem o seu património imaterial.<sup>64</sup> Esse património revela dimensões da realidade local e são portadores de sentido, que garante a “profunda harmonia dinâmica do ecossistema onde os seres vivos e inertes, as instituições culturais e sociais, enfim todos encontram o seu lugar, interagem, se acolhem, se complementam e se sentem em casa”<sup>65</sup>.

---

<sup>61</sup> Cf. *Ibidem*, 135-136.

<sup>62</sup> LS, 42.

<sup>63</sup> Cf. Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 136.

<sup>64</sup> Cf. Adriano de Souza. “Alcance e desafios do património cultural imaterial. Propostas contemporâneas”. *Tópicos de Cultura: América Latina y El Caribe*, 1, N.º 1 (2021), 140.

<sup>65</sup> Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 136.

## CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ECOLOGIA INTEGRAL

Nas últimas décadas, o Planeta Terra tem enfrentado vários problemas ambientais que nos devem preocupar. Desde o acumular de resíduos sem tratamento, até às alterações climáticas; desde a poluição atmosférica, até à destruição da camada de ozono; desde seca severa até à poluição dos rios e oceanos; desde a dependência das energias fósseis, até a perda da generalizada da biodiversidade, entre muitos outros problemas.

É certo que, nos anos mais recentes houve uma evolução positiva no campo da educação ambiental, com a generalização de hábitos e de condições para a separação de resíduos e o incentivo para a redução do consumo e para a reutilização e reciclagem de diversos materiais. A melhoria da qualidade da água para consumo humano e a obrigação de cumprir determinados critérios para controlar as emissões de gases com efeito estufa, são também fatores positivos. Mas, ainda assim, há algumas práticas ambientalmente danosas que persistem, como uso excessivo de produtos descartáveis, sobretudo os recipientes e embalagens feitos de materiais não reciclados, a prevalência da opção pelo transporte individual em detrimento do transporte coletivo, o insuficiente investimento em energias renováveis. Com a crise criada pela guerra na Ucrânia, percebemos que a economia dos principais países europeus se encontra muito dependente dos combustíveis fósseis. Todas estas evidências mostram-nos que a humanidade mantém ainda uma grande pegada ecológica.

As mudanças climáticas fazem parte da história passada do nosso Planeta, ao longo de milhões de anos. Contudo, neste último século as variações sofreram uma forte aceleração, evidenciando uma tendência ascendente capaz de atingir proporções dramáticas se não forem tomadas medidas ambientais firmes. A comunicação social reporta ocorrências, um pouco por todo o mundo, de ondas de calor e secas extremas, cada vez mais frequentes.<sup>66</sup>

Relativamente à poluição do mar pelo plástico, estudos recentes sobre o impacto do plástico em contexto de marinho têm confirmado a morte de milhares de crias de aves marinhas que, por engano, são alimentadas pelos progenitores com resíduos de plástico de pequenas

---

<sup>66</sup> Cf. Patrícia de Souza Albrecht Coutinho; Angélica Dias Magalhães; Aldo Ramos Santos. “Mudanças Climáticas e os Impactos na Produção de Alimentos”. *Anais do Encontro Nacional de Pós-graduação*, 5. N.º1 (2021), 231.

---

dimensões, que não se degradam no seu sistema digestivo. Outro problema é provocado pelos micro e nanoplásticos cada vez mais presentes na água dos rios, albufeiras e oceanos, que os peixes ingerem involuntariamente, mesmo enquanto respiram, ficando alojados para sempre no seu tónus respiratório e entram, assim, na cadeia alimentar humana.<sup>67</sup>

É tempo de implementar uma autêntica educação ambiental. Com o intuito de criar um novo modelo para proteger o ambiente e combater as alterações climáticas, além de combater a pobreza e promover a prosperidade e o bem-estar de todos, em 2015, foram estabelecidos os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que se baseiam nos anteriores Objetivos de Desenvolvimento do Milénio, estabelecidos, então, para o período entre o ano 2000 e 2015.<sup>68</sup> Os 17 novos objetivos, até 2030, são os seguintes:<sup>69</sup>

---

<sup>67</sup> Cf. W. R. Turrell. “How litter moves along a macro tidal mid-latitude coast exposed to a coastal current”. *Marine Pollution Bulletin*, 160 (2020), 1; estima-se que desde a década de 50 já foram produzidas 9.000 milhões de toneladas de plástico, mas apenas foi reciclado 9% desse total. Anualmente, cerca de 8 milhões de toneladas de resíduos de plástico chegam aos oceanos, demorando entre 200 a 400 anos a decompor-se naturalmente. Destas cifras fazem parte os micro e nanoplásticos, que são pequenas fibras e minúsculas partículas de plástico derivadas dos inúmeros tipos de produtos plásticos que produzimos e eliminamos de forma incorrecta. Muitos de nós não sabem que os micro e nanoplásticos são um ingrediente muito comum em cosméticos e artigos de higiene pessoal como esfoliantes, protetores solares, cremes dermatológicos, pensos, emplastos e outros produtos de beleza e farmacêuticos. Como são demasiado pequenos para serem filtrados pelas estações de tratamento de resíduos, os micro e nanoplásticos seguem os cursos de água e chegam ao mar, acabando por serem ingeridos e inspirados pelos peixes, entrando depois na cadeia alimentar humana, quando se come essa carne de peixe selvagem contaminada: cf. *Ibidem*, 1-2. “Diversos são os efeitos negativos da ingestão de micro e nanoplásticos pelos peixes. Análises mostraram que a carga total desses poluentes no trato gastrointestinal de um peixe durante a sua vida é alta, o que conseqüentemente poderá afetar sua saúde. Observou-se, como efeitos, o bloqueio intestinal, o dano físico, as alterações histopatológicas no intestino, as mudanças de comportamento e do metabolismo lipídico e sua transferência para o fígado. Resultados preocupantes foram obtidos a partir de estudos realizados no estuário do Douro (Portugal) que microplásticos, bem como a abundância e distribuição desses resíduos e larvas de peixes, os quais mostraram que a densidade que nanoplásticos superou a de larvas de peixes na maioria das estações e áreas estuarinas onde foram coletadas”: Lisandro Diego Giraldez Alvarez; Fernanda Braz De Jesus; Ana P. Lacerda Costal; Leticia E. Ferraz Bastos; Daniel A. Moura de Souza; Douglas Gonçalves da Silva. “Efectos de los microplásticos en el medio ambiente: Un macroproblema emergente”. *Revista de Ciencia y Tecnología*, 33, N.º 1 (2020), 101.

<sup>68</sup> Cf. Organização das Nações Unidas. *Objetivos de Desenvolvimento do Milénio*. Consultado em: [https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/objectivos\\_desenvolv\\_milenio.pdf](https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/objectivos_desenvolv_milenio.pdf). Os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio foram elaborados pela Organização das Nações Unidas, em 2000, tendo sido assinada pelos líderes de 191 nações, na sede das Nações Unidas, em Nova York. Estes comprometeram-se a estabelecer metas que melhorassem a qualidade de vida da sociedade até 2015. Os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio, até 2015, foram os seguintes: 1. Erradicar a pobreza extrema e a fome; 2. Alcançar o ensino primário universal; 3. Promover a igualdade de género e a valorização das mulheres; 4. Reduzir a mortalidade infantil; 5. Melhorar a saúde materna; 6. Combater o HIV/SIDA, a malária e outras doenças; 7. Garantir a sustentabilidade ambiental; 8. Desenvolver uma parceria global para o desenvolvimento.

<sup>69</sup> Cf. Organização das Nações Unidas. *Guia sobre Desenvolvimento Sustentável. 17 objetivos para transformar o nosso mundo. Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável*. Consultado em: [https://www.instituto-camoes.pt/images/ods\\_2edicao\\_web\\_pages.pdf](https://www.instituto-camoes.pt/images/ods_2edicao_web_pages.pdf).

1. Erradicar a pobreza.
2. Erradicar a fome.
3. Saúde de qualidade.
4. Educação de qualidade.
5. Igualdade de gênero.
6. Água potável e saneamento.
7. Energias renováveis e acessíveis.
8. Trabalho digno e crescimento económico.
9. Indústria, inovação e infraestruturas.
10. Reduzir as desigualdades.
11. Cidades e comunidades sustentáveis.
12. Produção e consumo sustentáveis.
13. Ação climática.
14. Proteger a vida marinha.
15. Proteger a vida terrestre.
16. Paz, justiça e instituições eficazes.
17. Parcerias para implementação dos objetivos.

Ao definir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para 2030, a ONU destacou sobretudo nos seus números 6, 7, 11, 12, 13, 14, e 15, algumas estratégias que se afiguram como necessárias para salvar o Planeta e dar mais qualidade de vida às populações. Por sua vez, o Papa Francisco promoveu a realização de um evento a nível mundial, no dia 14 de maio de 2020, a que deu o nome de “Reconstruir o pacto educativo global”:

“Um encontro para reavivar o compromisso em prol e com as gerações jovens, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão. Nunca, como agora, houve necessidade de unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna”<sup>70</sup>.

---

<sup>70</sup> Francisco. *Mensagem do Papa Francisco Para o Lançamento do Pacto Educativo*. Vaticano, 12 de setembro de 2019. Em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco\\_20190912\\_messaggio-patto-educativo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html).

---

Este encontro deu origem a um extenso projeto que pretende ser realizado em colaboração com diferentes instituições da Igreja, das religiões e das organizações educativas dos diversos países.<sup>71</sup> Entre os temas que o Santo Padre pretendeu debater, esteve o futuro do Planeta, solicitando um dialogo empenhado de todos e “uma aliança entre os habitantes da Terra e a ‘casa comum’, à qual devemos cuidado e respeito”<sup>72</sup>. Com esta iniciativa, o Papa pretende que, no campo da ecologia, se ponham em prática as suas propostas educativas, que nos deixou no capítulo VI da Carta Encíclica *Laudato si’*, dedicado à “Educação e Espiritualidade Ecológicas”, “um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração”<sup>73</sup>. Trata-se de educar as gerações futuras para “a aliança entre a humanidade e o ambiente”<sup>74</sup>. Efetivamente, o Santo Padre conta com os mais novos, porque “têm uma nova sensibilidade ecológica e um espírito generoso, e alguns deles lutam admiravelmente pela defesa do meio ambiente”<sup>75</sup>.

“Às vezes, porém, esta educação, chamada a criar uma ‘cidadania ecológica’, limita-se a informar e não consegue fazer maturar hábitos. A existência de leis e normas não é suficiente, a longo prazo, para limitar os maus comportamentos”<sup>76</sup>.

Felizmente, conforme lembra o Santo Padre, a atual educação ambiental já não é como foi no final do século XX:

“A educação ambiental tem vindo a ampliar os seus objetivos. Se, no começo, estava muito centrada na informação científica e na consciencialização e prevenção dos riscos ambientais, agora tende a incluir uma crítica dos ‘mitos’ da modernidade baseados na razão instrumental (individualismo, progresso ilimitado, concorrência, consumismo, mercado sem regras) e tende também a recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus”<sup>77</sup>.

---

<sup>71</sup> Cf. Mendes, Vítor Hugo. “Ecologia Integral y Pacto Educativo Global. La Educacion Integral del Papa Francisco”. *Aula: Tevista de Ensenanza e Investigacion Educativa*, 27 (2021), 345.

<sup>72</sup> Francisco. *Mensagem do Papa Francisco Para o Lançamento do Pacto Educativo*. Vaticano, 12 de setembro de 2019. Em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco\\_20190912\\_messaggio-patto-educativo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html).

<sup>73</sup> LS, 202.

<sup>74</sup> LS, 209.

<sup>75</sup> *Ibidem*.

<sup>76</sup> LS, 211.

<sup>77</sup> LS, 210.

Aos docentes, o Papa Francisco confia a missão desta educação ambiental em função de uma ecologia integral, porque, acredita ele, “há educadores capazes de reordenar os itinerários pedagógicos numa ética ecológica, de modo que ajudem efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado assente na compaixão”<sup>78</sup>. Uma compaixão pelo Planeta semelhante à preconizada por Leonardo Boff, a que fizemos anteriormente referência.

Vejam os neste capítulo, depois da contextualização do tema, a perspectiva da Igreja sobre a questão ecológica antes da publicação da *Laudato si'*, sobretudo nos documentos que dizem respeito à Doutrina Social da Igreja. Depois iremo-nos deter na temática da ecologia integral, a partir da *Laudato si'*, pesquisando os seus principais valores e princípios.

## **1. Contextualização do tema ecológico**

2015 foi um ano muito interessante, atendendo não só à COP 21 e conseqüente ao Acordo de Paris, mas também à promulgação da *Laudato si'*, a primeira encíclica da Igreja totalmente dedicada ao tema ecológico. Vejam os, pois, o significado específico da ecologia, para depois nos centrarmos nos principais acontecimentos que marcam os trabalhos ecológicos realizados a nível internacional.

### **1.1. Especificidades da ecologia**

O tema ecológico não pode ser visto unicamente a partir da dicotomia entre luzes e sombras. Todas as pessoas gostam da natureza e as crianças sentem por ela uma atração ainda mais elevada. Quando pensamos na natureza, vem-nos à mente algo externo a nós, aos nossos corpos, à nossa vida social, à nossa cidade, à nossa indústria, no fundo, algo externo à nossa cultura. Todavia, nem a natureza é algo exterior a nós, nem nós somos exteriores à natureza, pois, conforme atrás dissemos, segundo o pensamento de Leonardo Boff, enquanto humanos pertencemos à Terra, somos natureza e a natureza está em nós.<sup>79</sup> Neste encaço, o Papa

---

<sup>78</sup> *Ibidem*.

<sup>79</sup> Cf. Leonardo Boff. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, 72.

Francisco apreça-se a afirmar que, juntamente com todos os seres animados e inanimados, vivemos todos numa imensa e única casa comum.<sup>80</sup>

A própria palavra “ecologia” nos ajuda a compreender isso. Ela é um neologismo introduzido pelo biólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919), em 1886, para designar a ciência que estuda as relações dos seres vivos e não vivos com o meio ambiente.<sup>81</sup> Haeckel construiu a palavra através da união de dois termos gregos: *oikos*, que significa casa, e *logos*, que quer dizer: expressão, pensamento, estudo e conhecimento. Então a *oiko-logia* é a expressão, o pensamento, o estudo e o conhecimento da casa, enquanto habitat, isto é, o lugar onde se vive.<sup>82</sup> A nossa casa é a mesma casa de todos os animais, aves, peixes, plantas e demais seres vivos e não vivos, sem exceção. Portanto, conforme diz o Papa Francisco, “a ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem”<sup>83</sup>.

Aprendemos a conviver, ou seja, a viver-com a natureza, da qual somos parte integrante, mas o nosso discurso surge geralmente antropocentrado, como sintoma de discriminação face às outras espécies e a outros elementos da natureza.

“Ora, o antropocentrismo ecológico não serve os interesses da natureza, pelo contrário, ele atenta ao seu verdadeiro carácter e substância e em fim de escala acaba por prestar também um mau serviço aos humanos. Noutros termos, a natureza, na sua dimensão ontológica, continua votada ao esquecimento”<sup>84</sup>.

Desde os anos 70 do século passado, o debate ecológico tem sido feito em sucessivas Cimeiras Internacionais sobre o Ambiente Humano, promovidas pelas Nações Unidas, das quais têm resultado muitos discursos, bastantes boas intenções e alguns compromissos mundiais. Muito se teorizou acerca da Ecologia Profunda (*Deep Ecology*) e da Ecologia Superficial (*Shallow Ecology*). A Ecologia Profunda nega que o ser humano seja superior às demais realidades da natureza e, por isso, não tem o direito de as submeter, pela via da dominação, da colonização e da exploração. Baseia-se em dois princípios operativos: a Auto-

---

<sup>80</sup> Cf. LS, 3.

<sup>81</sup> Cf. Leonardo Boff. *Ética da Vida. A Nova Centralidade*. São Paulo: Record, 2009, 11; cf. Leonardo Boff. *La dignidad de la Tierra. Ecología, mundialización, espiritualidad. La emergencia de un nuevo paradigma*. Madrid: Trota, 2000, 21.

<sup>82</sup> Cf. Felipe Milanez. *Fundamentos de ecologia*. Salvador: UFBA - Faculdade de Direito, 2020, 11.

<sup>83</sup> LS, 138.

<sup>84</sup> Varanda, Isabel. “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”. *Theologica*, 38, N.º 2 (2003), 289.

Realização (*Self-Realization* e *Self in Self*) em que cada indivíduo se realiza na totalidade do mundo orgânico, pelo que o humano não se pode realizar no mundo não humano; e a Igualdade Biocêntrica (*Biocentric Equality*), que deriva da igualdade de todos os organismos e do seu inalienável direito à vida. Por sua vez, a Ecologia Superficial tem por princípio que a defesa e proteção da natureza têm de ter como primeiro objetivo a salvaguarda dos interesses da humanidade.<sup>85</sup>

Ora, conforme se depreende, estas duas formas de entender a ecologia são opostas. A Ecologia Profunda é mais radical e opõe-se ao antropocentrismo acentuando a centralidade não do humano, mas de todas as outras espécies, valorizando-as tanto ao mais que os seres humanos. Em contrapartida, a Ecologia Superficial procura salvaguardar a proteção das espécies e outras realidades da natureza, sem nunca por em causa a supremacia antropológica no âmbito dos ecossistemas.<sup>86</sup> Vejamos o resumo que se segue:

<b>Ecologia Profunda</b>	<b>Ecologia Superficial</b>
Explora soluções técnicas e políticas, procura justiça social e uma ética ecológica.	Procura soluções puramente técnicas.
Questiona o estilo de vida das pessoas e sociedades.	Não questiona o modo de vida dominante das pessoas e das sociedade industriais.
Inspira-se no princípio da colaboração (eu e tu; vive e deixa viver), que favorece a diversidade dos modos de vida humana e das outras espécies biológicas.	Inspira-se no princípio da competitividade (tu ou eu), dando primazia a algumas espécies biológicas e formas culturais.
Valoriza a capacidade de coexistir e cooperar em inter-relações complexas.	Valoriza a luta pela sobrevivência e pela supremacia dos mais aptos.
Favorece a consciência de relações de interdependência com e respeito por outras	Promove relações de exploração das espécies biológicas e de certos grupos humanos.

---

<sup>85</sup> Cf. *Ibidem*, 290-291.

<sup>86</sup> Cf. Ricardo Rozzi. “Ecología superficial y profunda: Filosofía ecológica”. *Revista Ambiente y Desarrollo*, 23, N.º 1 (2007), 103.

espécies biológicas e diversos grupos humanos.	
Objetivo central: mudança de percepção, mudança de políticas e mudança de valores ambientais.	Objetivo central: subsistência e bem-estar dos seres humanos, principalmente os mais influentes da sociedade.

Tabela 1: Ecologia Profunda e Ecologia Superficial

Deste modo, vemos que a Ecologia Superficial não reconhece o valor intrínseco da natureza e admite a legitimidade do ser humano colocar em risco o ambiente natural e, inclusive, foras de cultura menos representativas em termos sociais e económicos. É uma ecologia antropocêntrica. Por outro lado, no outro extremo, a Ecologia Profunda pretende impor uma visão ecocêntrica do mundo e da sociedade humana, lutando pela alteração das políticas públicas e económicas de modo a favorecer a biodiversidade e a sustentabilidade.

Face a estes dois extremos, surgiu uma via intermédia, com base na Ecologia Superficial, chama *Medium Ecology*. Rege-se por um princípio utilitarista, em que se salvaguardam os legítimos interesses humanos, mas é dada primazia ao bem-estar animal, à preservação das espécies e à redução da degradação das condições ambientais.<sup>87</sup>

Em 1989, o filósofo Félix Guattari (1930-1992), com uma abordagem inovadora, publico um livro em que fala de outras três ecologias: ambiental, social e mental.

“Para este filósofo, a ecologia ambiental, a ecologia social e a ecologia mental são a chave de uma *ecosofia global*, quer dizer, de uma sabedoria ecológica cósmica que deverá passar precisamente pela assunção simultânea destes três pontos de vista ecológicos”<sup>88</sup>.

Há uma correlação entre estas três ecologias. A ecologia ambiental não pode dissociar-se das interações dos humanos com o meio ambiente, nem, tão pouco das relações dos humanos entre si. Portanto, existe ligação de compromisso entre a ecologia ambiental e a ecologia social, com implicações para a família humana, quer em casa, quer no trabalho, na escola, no lazer, em

---

<sup>87</sup> Cf. Varanda, Isabel. “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”. *Theologica*, 38, N.º 2 (2003), 291.

<sup>88</sup> *Ibidem*, 296.

todos os lugares onde se pode desenvolver o estatuto social humano. Por outro lado, há um abismo entre as pessoas, que reflete, em parte os abismos na relação do indivíduo consigo mesmo, que deve ser colmatado através de uma ecologia mental, cujo objeto consiste na relação do de cada sujeito com o seu próprio ser e com os mistérios da vida e da morte. Isto significa que o problema ecológico deve ser equacionado enquanto deficit de relação com a natureza, com os outros e consigo mesmo.

A crise ecológica não revela apenas o mau estado em que se encontra o Planeta, a extensão de espécies animais e vegetais, e a poluição do ar, da terra e dos oceanos. Guattari considera que há uma devastação ecológica do ser humano, que se reflete na crise das sociedades e dos indivíduos.<sup>89</sup> Quando Leonardo Boff contextualiza o conceito de ecologia, acentua a relação:

“Ecologia é relação, interação e diálogo de todas as coisas existentes (viventes ou não) entre si e com tudo o que existe, real ou potencial. Ecologia não diz respeito apenas à natureza (ecologia natural), mas também à sociedade e à cultura (ecologia humana, social, etc.). Numa visão ecológica, tudo o que existe, coexiste. Tudo o que coexiste pré-existe. E tudo o que coexiste e pré-existe subsiste através de uma cadeia infinita de relações omni-compreensivas. Não existe fora da relação. Tudo se relaciona com tudo em todos os pontos”<sup>90</sup>.

A relação de interdependência entre todos os seres leva-nos a encarar a ecologia numa perspectiva de rejeição da lei do mais forte, pois todos os seres e todos os elementos do mundo natural, por mais microscópicos e insignificantes que sejam, têm o seu significado, a sua relativa e autonomia. Nada pode ser entendido como supérfluo ou marginal. Em consequência, a tudo o que existe deve ser garantido um futuro dentro da casa comum.

---

<sup>89</sup> Cf. *Ibidem*, 295-296.

<sup>90</sup> Leonardo Boff. *La dignidad de la Tierra. Ecología, mundialización, espiritualidad. La emergencia de un nuevo paradigma*. Madrid: Trota, 2000, 19.

## 1.2. Envolvimento internacional

As principais iniciativas mundiais dos últimos 30 anos,<sup>91</sup> para conter aquecimento global do Planeta, anteriores à COP 27, que se realizou recentemente em Charm el-Cheik, no Egito, tiveram início formal na Cimeira da Terra, no Rio de Janeiro, em 1992. Na ocasião, os trabalhos debruçaram-se sobre as evidências científicas que atestavam o aquecimento global da Terra e as alterações do clima devido à ação humana. Três anos volvidos, seguiu-se a COP 1 de Berlim, em 1995, onde os países participantes assumiram compromissos sobre a redução de emissões de gases com efeito de estufa. Em 1997 tivemos a COP 3, em Quioto, que é tida como o momento fundador do ataque às alterações climáticas graças ao Protocolo de Quioto, um tratado jurídico internacional que impõe limites a um conjunto específico de países no que respeita à emissões de gases com efeito d estufa e estabelece o mercado do carbono. Em Haia, ma COP 6, do ano 2000, foram retiradas as divergências entre os países europeus os Estados Unidos acerca das regras do Protocolo de Quioto, comprometendo-se os americanos a cumprir as mesmas metas.

Após este percurso, o desentendimento entre os países impede o êxito da COP 7, realizada em Marraquexe, no ano 2001. A conferência reafirma a relação direta entre o desenvolvimento sustentável e a necessidade de deter as alterações climáticas, mas regride quanto ao compromisso para com o Protocolo de Quioto. Algo semelhante aconteceu em Copenhaga, na COP 15, de 2009, que defraudou as expectativas mundiais, pois o Acordo de Copenhaga não chegou a ser assinado por todos os países participantes. Apesar disso, o documento tem o mérito de reconhecer a importância de controlar o aumento da temperatura do Planeta, embora sem consenso quanto aos compromissos de cada país para a redução de emissões de dióxido de carbono.

O rumo certo só voltou a ser encontrado em 2010, na COP 16, celebrada no México. De lá surgiu a ideia de criar um Fundo Verde para o Clima, de 100 mil milhões de dólares por ano, embora este só tenha vindo a ser aprovado em 2015, na cimeira de Paris. Também positivas

---

<sup>91</sup> Nesta síntese das principais iniciativas mundiais para evitar o aquecimento do Planeta cf. SIC Notícias; Lusa. *Os principais acontecimentos em 30 anos de esforços para conter aquecimento global*. Consultado em: <https://sicnoticias.pt/especiais/cimeira-do-clima/2022-11-06-Os-principais-acontecimentos-em-30-anos-de-esforcos-para-conter-aquecimento-global-f0a49ce7>.

foram as decisões da COP 18, realizada no Qatar, em 2012. Aqui foi aprovada a chamada Emenda de Doha, que prolonga a vigência do Protocolo de Quioto até 2020.

Por iniciativa unilateral, em 2014, a União Europeia aprovou uma meta vinculativa para os estados membros de 40% de redução de emissões de gases com efeito de estufa até 2030. Neste quadro, devemos notar que, em 2020, aumentou esse objetivo para 55%. Também na Europa, em 2015, temos o Acordo de Paris, resultado da COP 21. Este é considerado um acordo histórico, por ter fixado metas precisas para impedir que o aquecimento global ultrapasse os 2°C acima dos valores médios da época pré-industrial, ou de preferência não ultrapasse 1,5°C. Todavia, ao contrário do Protocolo de Quioto, o Acordo de Paris não estabeleceu metas sobre as emissões de gases com efeito de estufa, mas responsabilizou os países por apresentarem e cumprirem as metas por si estabelecidas. Em 2017, na COP 23, em Bona, foi lançado o Diálogo de Talanoa, com o intuito de estabelecer um balanço dos esforços dos países para atingir as metas de neutralidade carbónica. A regra seria não produzir mais gases de efeito de estufa do que aqueles que o Planeta consegue absorver anualmente. Em 2018, na COP 24, organizada na Polónia, os países adotaram o Pacote de Katowice, que indica os procedimentos e mecanismos para pôr o Acordo de Paris em prática.

Nesse mesmo ano, na Coreia do Sul, os Cientistas do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas avisaram que para evitar os piores efeitos das alterações climáticas o mundo precisa de uma mudança profunda e sem precedentes. consideraram insuficientes as metas do Acordo de Paris, pois se ocorrer uma subida de 2°C todos os corais morrerão, haverá extinção de espécies de peixes e de animais, juntamente com a destruição de ecossistemas, fenómenos extremos de calor e degelo.

Em 2019, a COP 25, realizada em Madrid, foi mais um fracasso, terminando sem nada de substancial aprovado, nem a regulamentação sobre o mercado do carbono. Em 2020 os Estados Unidos, um dos principais emissores, afastar-se do Acordo de Paris, só voltando a ele em 2021.

Em novembro desse ano, ocorreu na Escócia a COP 26, onde foi aprovado o Pacto Climático de Glasgow, que mantém o objetivo de conter o aumento da temperatura em 1,5°C e regula finalmente o mercado do carbono. Para isso, será necessário reduzir as emissões de dióxido de carbono em 45% até 2030. O texto final deste Pacto menciona a necessidade de substituir gradativamente os combustíveis fósseis, como carvão e petróleo, por energias limpas.

Aponta, por isso, para a necessidade de mudar gradualmente das fontes de energia para opções energéticas renováveis e não poluentes. No entanto, apenas 40 países se comprometeram a eliminar o uso do carvão mineral até 2040<sup>92</sup> e, infelizmente, com o conflito armado que despoletou na Ucrânia, alguns deles estão a considerar a hipótese de atrasar este processo.

Em novembro de 2022, os dirigentes mundiais reuniram-se em Charm el-Cheik para a 27.ª Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (COP 27), com quatro objetivos principais, marcados por quatro verbos: atenuar, adaptar, financiar e colaborar: Atenuar os efeitos do aquecimento global, apontando a meta de 1,5 °C acima dos níveis pré-industriais. Adaptar a indústria mundial para evitar a emissão de gases com efeito de estufa. Financiar com 100 mil milhões de dólares por ano para ajudar os países em desenvolvimento para fazer face aos efeitos adversos das alterações climáticas. E colaborar com os países interessados em cumprir as metas do Acordo de Paris.<sup>93</sup>

O resultado mais visível da COP 27 foi a criação do fundo para perdas e danos por problemas causados pelas mudanças climáticas. Contudo, embora não tenha havido progressos adicionais sobre os esforços para limitar as emissões de gases com efeito de estufa, a cimeira de Sharm el-Sheikh reiterou a necessidade de os reduzir em 43% até 2030, em relação aos níveis de 2019. Além disso, apelou à aceleração dos esforços para eliminar gradualmente o uso de combustíveis fósseis, passando para o uso de energias limpas, justas e renováveis.<sup>94</sup>

## 2. Perspetiva eclesial sobre o tema ecológico anterior à *Laudato si'*

A Igreja encerra um percurso com dois mil anos de história, mas o fundamento da sua tradição assenta em raízes mais antigas, as do povo hebreu. Nesse sentido, toda a reflexão teológica e doutrinal da Igreja, fiel a esse ancestral, tem como principal legado a Sagrada

---

<sup>92</sup> Cf. Nirwan; Yamini; Rajeev. “Developing Glasgow Accord for COP-26. Using Game Theory”. *Journal of Climate Change*. 7 (2021), 2.

<sup>93</sup> Cf. Conselho de União Europeia. *Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (COP27), Cimeira sobre a execução da ação climática, Charm el-Cheik, Egito, 7-8 de novembro de 2022. Principais resultados da Cimeira sobre a execução da ação climática*. Consultado em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/meetings/international-summit/2022/11/07-08/>.

<sup>94</sup> Cf. Florence Schmit; Georgia Gratton; Michael Ball. *Cop 27: Climate deal falls short on GHG cuts: Update*. In *Argus* 2022. Consultado em: <https://www.argusmedia.com/en/news/2393017-cop-27-climate-deal-falls-short-on-ghg-cuts-update>.

Escritura. Ao questionarmos a perspectiva eclesial sobre o tema ecológico, não nos cabe, como é evidente, no âmbito deste trabalho, apresentar o texto bíblico como fundamento do pensamento ecológico da Igreja, nem, tão pouco, desenvolver detalhadamente um percurso doutrinal consentâneo com o tema. Assim, o nosso interesse é apenas colocar em evidência alguns momentos em que a documentação publicada pelo Magistério nos permite captar uma reflexão compatível com a nossa temática. Como critério de pesquisa, focar-nos-emos principalmente em documentos que compõem a chamada Doutrina Social da Igreja.

## **2.1. Da *Rerum novarum* ao Concílio Vaticano II**

É hoje consensual que a Encíclica *Rerum novarum* (RN),<sup>95</sup> de 15 de maio de 1891, inaugurou a chamada Doutrina Social da Igreja. Nesse magnífico texto, o Papa Leão XIII (1878-1903) toca os temas da economia, da política, da cultura e da sociedade. Não podemos afirmar que se debruce diretamente sobre as questões da ecologia, pelo menos nos moldes em que o assunto é tratado atualmente. Todavia, a ecologia como ciência já existia e o termo, como atrás dissemos, também já tinha sido criado por Ernst Haeckel, em 1886. Ainda assim, o texto que se segue é representativo de como Leão XIII entende a relação do ser humano com o Planeta Terra:

“A Terra, sem dúvida, fornece ao homem com abundância as coisas necessárias para a conservação da sua vida e ainda para o seu aperfeiçoamento, mas não poderia fornecê-las sem a cultura e sem os cuidados do homem. Ora, que faz o homem, consumindo os recursos do seu espírito e as forças do seu corpo em procurar esses bens da natureza? Aplica, para assim dizer, a si mesmo a porção da natureza corpórea que cultiva e deixa nela como que um certo cunho da sua pessoa, a ponto que, com toda a justiça, esse bem será possuído de futuro como seu”<sup>96</sup>.

Leão XIII refere-se à relação da humanidade com a Terra, enquanto Planeta, mediada pelo trabalho, através do qual, com esforço, procura extrair recursos da natureza. Neste texto é notável que a Terra seja o sujeito da ação; e o predicado seja composto pelo verbo fornecer.

---

<sup>95</sup> Leão XIII. “Encíclica *Rerum novarum*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 23 (1890-1891) 641-670.

<sup>96</sup> RN, 5.

Portanto, a sua abordagem considera que é a Terra que fornece à humanidade o necessário para a sua subsistência: “A Terra, sem dúvida, fornece ao homem com abundância as coisas necessárias para a conservação da sua vida e ainda para o seu aperfeiçoamento”<sup>97</sup>. Todavia, logo de seguida, o Papa acrescenta a relação próxima da Terra com a ação do ser humano, declarando que a Terra não cumpriria o seu fim sem a cultura e os cuidados humanos. Ou seja, o ser humano é um cultivador e um cuidador da terra, enquanto solo arável. Tal significa que os cuidados do ser humano são decisivos para que a terra produza os bens necessários à subsistência humana, tornando esta relação numa simbiose vantajosa para ambas as partes.

Quando a *Rerum Novarum* completou quarenta anos de história, em 1931, o Papa Pio XI (1922-1939) redigiu uma Encíclica comemorativa da efeméride: a *Quadragesimo anno* (QA).<sup>98</sup> O Documento mantém as mesmas preocupações da Doutrina Social da Igreja, salientando as questões do trabalho, da economia e da justiça social. É neste enquadramento que encontramos o seguinte texto alusivo à relação entre os bens criados por Deus, disponíveis na natureza, e a humanidade:

“Todos os bens criados por Deus se considerem como instrumentos dos quais o homem deve usar tanto, quanto lhe sirvam a conseguir o último fim. Nem deve julgar-se que esta filosofia rebaixa as artes lucrativas ou as considera menos conformes à dignidade humana; pelo contrário ensina a reconhecer e venerar nelas a vontade manifesta do divino Criador, que colocou o homem sobre a terra para a cultivar e usar dela segundo as suas múltiplas precisões”<sup>99</sup>.

Considera-se aqui que o ser humano deve utilizar os bens criados por Deus como instrumentos para realizar a sua finalidade no mundo. Contudo, na expressão: “quanto lhe sirvam a conseguir o último fim”, ressalta-se o princípio da justa media, pelo qual a humanidade não está autorizada a usar os “bens criados” em função de si mesma, do prazer, do lucro fácil, da usurpação, da exploração ou de qualquer outro distúrbio, mas na medida exata em que lhe sirvam para aquilo que foram criados. Esta é uma perspetiva compatível com a visão ecológica atual, consentânea com a doutrina da *Laudato si'*:

---

<sup>97</sup> *Ibidem*.

<sup>98</sup> Pio XI. “Encíclica *Quadragesimo Anno*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 23 (1931), 177-228.

<sup>99</sup> QA, 3.

“Se procurarmos pensar quais possam ser as relações adequadas do ser humano com o mundo que o rodeia, surge a necessidade duma conceção correta do trabalho, porque, falando da relação do ser humano com as coisas, impõe-se-nos a questão relativa ao sentido e finalidade da ação humana sobre a realidade”<sup>100</sup>.

O texto que referimos de Pio XI sublinha a consciência do Magistério em relação ao papel do ser humano enquanto cultivador dos bens naturais, particularmente quando diz que o Criador “colocou o homem sobre a terra para a cultivar e usar dela segundo as suas múltiplas precisões”<sup>101</sup>. Trata-se, uma vez mais, de uma ação de cultivo que deverá ser realizada pela prestação de cuidados adaptados, com o objetivo de um uso proporcional à satisfação das múltiplas e reais necessidades humanas.

No cinquentenário *Rerum Novarum*, em 1941, o Papa Pio XII (1939-1958) não publicou nenhuma encíclica alusiva aos temas sociais. Mas, na celebração da data, emitiu uma radiomensagem comemorativa. Viviam-se os difíceis tempos da Segunda Guerra Mundial. Nessa mensagem, o Santo Padre coloca em evidência a pertinência da intervenção da Igreja e na ordem social do mundo e salienta os pontos fortes da *Rerum Novarum* e da *Quadragesimo anno*. A propósito do uso dos bens materiais do Planeta, refere que estes devem ser distribuídos por todas as pessoas de forma equitativa, justa e caritativa:

“Chamamos a atenção de todos sobre o um ponto fundamental, que afirma, como dissemos, a exigência incontestável de que os bens criados por Deus para todos os homens, afluam a todos equitativamente, segundo os princípios da justiça e da caridade. Com efeito, todo homem, como vivente dotado de razão, recebeu da natureza o direito fundamental de usar dos bens materiais da terra, embora se deixe à vontade humana, às formas jurídicas dos povos o regular mais particularmente a sua prática atuação”<sup>102</sup>.

Portanto, o ser humano tem o direito de utilizar os bens naturais para o seu próprio sustento. Este direito tem prioridade os outros direitos, nomeadamente de natureza económica. Este posicionamento traduz uma ecologia humana e social de base divina, tendo em conta a

---

<sup>100</sup> LS, 125.

<sup>101</sup> QA, 3.

<sup>102</sup> Pio XII. *Radiomensagem na Solenidade de Pentecostes: 50º Aniversário da Carta Encíclica ‘Rerum Novarum’ de Leão XIII*. Cidade do Vaticano, 1 de junho de 1941. Consultado em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1941/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19410601\\_radiomessage-pentecost.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1941/documents/hf_p-xii_spe_19410601_radiomessage-pentecost.html).

origem declarada dos bens, “criados por Deus”, e o seu destino universal: “para todos os homens”. A respeito de “usar dos bens materiais da terra”, o Santo Padre defende que este deverá estar submetido não apenas “à vontade humana”, que pode levar a uma utilização desregrada e abusiva dos recursos do Planeta; mas deve também ser regulamentado segundo as “formas jurídicas”. São estas formas jurídicas que, ainda hoje, nos faltam, pelo menos no que diz respeito à redução do consumo de combustíveis fósseis que produzem gases com efeito de estufa, pois as convenções internacionais assinadas não têm produzido os resultados esperados.

No pontificado do Papa João XXIII (1958-1963), a Encíclica *Mater et magistra* (MM),<sup>103</sup> de 1961, celebra os 70 anos da publicação da *Rerum novarum*, voltando aos mesmos assuntos específicos da Doutrina Social da Igreja: trabalho, rendimento, economia, finanças, justiça, entre outros. Na terceira parte deste documento, encontramos um pequeno texto com bastantes traços da temática ecológica:

“Estamos convencidos que os protagonistas do progresso económico e social e da elevação cultural nos meios rurais devem ser os mesmos interessados, quer dizer, os lavradores. Podem facilmente convencer-se de quanto é nobre o seu trabalho: vivem no templo majestoso da criação; estão em relações frequentes com a vida animal e vegetal, inesgotável nas expressões e inflexível nas leis, a qual lembra constantemente a Providência do Criador; das suas mãos, por assim dizer, brotam, em toda a sua variedade, os alimentos que sustentam a família humana; e com elas proporcionam à indústria um número cada vez maior de matérias-primas”<sup>104</sup>.

O Sumo Pontífice dirige-se aos agricultores e ao seu trabalho “nos meios rurais”, isto é, coloca o olhar sobre aquelas pessoas que, por razões do seu trabalho e organização económica, estão em relação direta com a natureza arável. Mas, neles podemos ver todos aqueles e aquelas que amam a natureza, pois, em seguida, enobrece a relação estabelecida entre o universo humano e o universo natural, na medida em que “vivem no templo majestoso da criação”. Ora, esta afirmação é digna de nota, pois salienta com uma delicada doçura a grandeza do espaço que habitamos neste Planeta. A terminologia “templo majestoso” evoca a casa comum, isto é, a *oikos* que todos habitamos, que não é uma simples cabana, apartamento, moradia ou mansão, mas sim um “templo”. Geralmente a palavra templo está associada a um espaço onde nos

---

<sup>103</sup> João XXIII. “Encíclica *Mater et magistra*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 53 (1961) 401-464.

<sup>104</sup> MM, 143.

podemos encontrar com Deus. A referência expressa ao “templo majestoso da criação” é, igualmente, uma alusão ao paraíso criado por Deus, conforme Gn 2. Lugar onde vivem em harmonia os humanos, com todas as espécies animais e vegetais, e que é visitado regularmente pelo próprio Deus, que “percorria o jardim pela brisa da tarde” (Gn 3,8), para se encontrar com as suas criaturas.

João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, em 11 de outubro de 1962. Não temos um documento conciliar específico sobre a ecologia, mas a Constituição Pastoral *Gaudium et spes* (GS),<sup>105</sup> que trata fundamentalmente das relações entre a Igreja e o mundo contemporâneo onde está e atua, permite-nos descortinar alguns temas que se inserem dentro da problemática. Em primeiro lugar, na introdução surge o apelo a “investigar a todo o momento os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho”<sup>106</sup>. Este é uma disposição de princípio, que, ainda hoje, pode e deve orientar a reflexão eclesial sobre a temática ecológica em todas as suas dimensões. Os números 12 e 34 da Constituição reforçam os princípios com que tradicionalmente a Doutrina Social da Igreja apresenta as relações do ser humano com as obras criadas, à semelhança dos documentos a que fizemos referência. Não faltam, aqui, as falhas atribuídas à atividade humana devidas ao seu percurso corrompido, mas que podem ser ultrapassadas, graças à redenção:

“Porque, remido por Cristo e tornado nova criatura no Espírito Santo, o homem pode e deve amar até as coisas criadas por Deus. Pois recebeu-as de Deus e considera-as e respeita-as como vindas da mão do Senhor. Dando por elas graças ao benfeitor e usando e aproveitando as criaturas em pobreza e liberdade de espírito, é introduzido no verdadeiro senhorio do mundo, como quem nada tem e tudo possui. ‘Todas as coisas são vossas; mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus’ (1 Cor. 3, 22-23)”<sup>107</sup>.

---

<sup>105</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II. “Constituição Pastoral *Gaudium et spes*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 58 (1966) 1025-1115. “Um outro documento do Concílio Vaticano II muito importante no ‘corpus’ da doutrina social da Igreja é a Declaração *Dignitatis humanae* (1965), no qual se proclama o direito à liberdade religiosa. O documento trata o tema em dois capítulos. No primeiro, de caráter geral, se afirma que o direito à liberdade religiosa tem o seu fundamento na dignidade da pessoa humana e afirmam que ele deve ser reconhecido e sancionado como direito civil no ordenamento jurídico da sociedade. O segundo capítulo aborda o tema à luz da Revelação esclarecendo as suas implicações pastorais, recordando tratar-se de um direito que concerne não somente às pessoas individualmente consideradas, ma também às diversas comunidades”: *CDSI*, 97.

<sup>106</sup> GS, 4.

<sup>107</sup> GS, 37.

De certo modo, este texto antecipa o discurso ecológico atual de desprendimento face às criaturas, no sentido de não se sentir dono delas, nem as explorar desmesuradamente. Todavia, a motivação não é intrínseca às coisas, mas o amor que deve ser nutrido por elas fundamenta-se no facto de serem criadas por Deus. Então, o humano ecológico é aquele que procura ter o necessário, mas “como quem nada tem e tudo possui”. Podemos, sem dúvida, aplicar esta enunciação às coisas criadas, que fazem parte do nosso quotidiano e sem as quais não podemos viver, como os alimentos, a água e a energia, entre outras realidades; mas também se aplica a outros bens fabricados pelo ser humano e que, por causa do consumismo exagerado, estão a esgotar os recursos e a poluir o Planeta. A salvaguarda dos recursos para as gerações futuras é apoiada pelo número 70 do mesmo documento conciliar, quando afirma que:

“Indivíduos, grupos ou poderes públicos devem ter presentes estes fins e reconhecer a grave obrigação que têm de vigiar para que assegurem os requisitos necessários a uma vida digna dos indivíduos e de toda a comunidade; e, ainda, de prever o futuro e garantir um sã equilíbrio entre as necessidades do consumo hodierno, individual e coletivo, e as exigências de investimentos para a geração futura”<sup>108</sup>.

De certo modo, aflora-se aqui a ideia de desenvolvimento sustentável, propondo a satisfação as necessidades da geração atual, sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras também poderem satisfazer as suas necessidades. A mesma ideia será retomada pelo Papa Paulo VI, conforme veremos em seguida.

## 2.2. De Paulo VI a Bento XVI

O mundo despertou para a questão ecológica a partir dos anos 70 do século XX. Para isso contribuíram, conforme dissemos, as Conferências Internacionais desenvolvidas pelas Nações Unidas. Não alheia aos problemas emergentes, a Igreja irá acompanhar este debate.

Paulo VI (1963-1978), na Encíclica *Populorum progressio* (PP),<sup>109</sup> de março de 1967, retoma a questão do desenvolvimento sustentável ao afirmar que nós, enquanto: “herdeiros das gerações passadas e beneficiários do trabalho dos nossos contemporâneos, temos obrigações

---

<sup>108</sup> GS, 70.

<sup>109</sup> Paulo VI. “Encíclica *Populorum progressio*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 59 (1967) 257-299.

para com todos, e não podemos desinteressar-nos dos que virão depois de nós”<sup>110</sup>. Mas, o seu contributo para a reflexão ecológica torna-se mais evidente na mensagem que enviou ao Secretário Geral da Conferência Internacional das Nações Unidas sobre o Ambiente, realizada em Estocolmo, em 1972.

Nesse breve documento o Papa começa por comprovar que “hoje existe a consciência de que o homem e o seu ambiente natural são, como nunca antes, inseparáveis”<sup>111</sup>. Depois, denuncia os principais atentados contra o ambiente, cuja atualidade é absolutamente inegável:

“Como ignorar os desequilíbrios causados na biosfera pela exploração desordenada das reservas físicas do Planeta, mesmo com o objetivo de produzir coisas úteis, bem como o desperdício de recursos naturais não renováveis, a contaminação do solo, da água, do ar e do espaço, com os consequentes atentados contra a vida vegetal e animal? Tudo isso contribui para empobrecer e deteriorar o meio ambiente do homem a ponto de ameaçar, segundo se diz, a sua própria sobrevivência”<sup>112</sup>.

Por fim, faz um apelo à mudança de mentalidade no uso dos recursos do Planeta, pois que “todas as medidas técnicas serão ineficazes se não forem acompanhadas da tomada de consciência da necessidade de uma mudança radical de mentalidades”<sup>113</sup>.

A pretexto da celebração dos 80 anos da *Rerum novarum*, em 1971, Paulo VI publicou a Carta Apostólica *Octogésima Adveniens* (OA),<sup>114</sup> onde voltamos ao tema das dramáticas consequências que a ação imponderada da humanidade pode ter para o futuro da natureza. Os riscos referidos são os seguintes:

“Por motivo da exploração inconsiderada da natureza, começa a correr o risco de destruí-la e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação. Não só já o ambiente material se torna uma ameaça permanente, poluições e lixo, novas doenças, poder destruidor absoluto; é mesmo o quadro humano que o homem não consegue dominar, criando assim, para o dia de amanhã, um ambiente global, que poderá tornar-se-lhe

---

<sup>110</sup> PP, 17.

<sup>111</sup> Paulo VI. *Mensaje de su Santidad Pablo VI a la Conferencia de las Naciones Unidas sobre el medio ambiente*. Cidade do Vaticano. 1 de junho de 1972. Consultado em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/messages/pont-messages/documents/hf\\_p-vi\\_mess\\_19720605\\_conferenza-ambiente.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/messages/pont-messages/documents/hf_p-vi_mess_19720605_conferenza-ambiente.html).

<sup>112</sup> *Ibidem*.

<sup>113</sup> *Ibidem*.

<sup>114</sup> Paulo VI. “Carta Apostólica *Octogésima adveniens*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 63 (1971) 401-441.

insuportável. Problema social de envergadura, este, que diz respeito à inteira família humana”<sup>115</sup>.

Os danos aqui citados, que podem ser causa de destruição da natureza e do próprio ser humano, são interpretados pelo Santo Padre como um problema social global, que afeta toda “a inteira família humana”. Portanto, já não está em causa apenas a qualidade do ar e a água potável, a contaminação dos oceanos e a ameaça de várias espécies animais e vegetais, pois o ser humano, que é causa de todo o desequilíbrio ecológico, é também uma vítima.

Por sua vez, o Papa João Paulo II (1978-2005), tem em conta os problemas da ecologia na Encíclica *Redemptor hominis* (RH),<sup>116</sup> de 1979, como sendo uma questão que pode por em causa o progresso da humanidade. Por isso, começa por solicitar a boa utilização dos dons concedidos por Deus à humanidade, em vez de simplesmente tratar de dominar a Terra, porque: “era vontade do Criador que o homem comunicasse com a natureza como ‘senhor’ e ‘guarda’ inteligente e nobre, e não como um ‘desfrutador’ e ‘destrutor’ sem respeito algum”<sup>117</sup>. De facto, os dons naturais não podem ser utilizados de forma arbitrária e desordenada, mas cabe ao ser humano guardá-los e protegê-los. Todavia, continua o Santo Padre:

“Parece que estamos cada vez mais conscientes do facto de a exploração da Terra, do Planeta em que vivemos, exigir um planeamento racional e honesto. Ao mesmo tempo, tal exploração para fins não somente industriais, mas também militares, o desenvolvimento da técnica não controlado nem enquadrado num plano com perspectivas universais e autenticamente humanístico, trazem muitas vezes consigo a ameaça para o ambiente natural do homem, alienam-no nas suas relações com a natureza e apartam-no da mesma natureza. E o homem parece muitas vezes não dar-se conta de outros significados do seu ambiente natural, para além daqueles somente que servem para os fins de um uso ou consumo imediatos”<sup>118</sup>.

Portanto, mais do que reconhece um direito de utilizar a natureza, João Paulo II insiste na ideia de que compete à humanidade o dever de a cuidar, precisamente por ter sido constituído como o ‘senhor’ da obra criada.

---

<sup>115</sup> AO, 21.

<sup>116</sup> João Paulo II. “Carta Encíclica *Redemptor Hominis*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 71 (1979), 257-324.

<sup>117</sup> RH, 16.

<sup>118</sup> RH, 16.

---

No seguimento deste pensamento, em 1988, a Carta Encíclica *Sollicitudo rei socialis* (SRS)<sup>119</sup> refere que o ser humano tem muito em comum com os outros seres criados, porque todos habitam o mesmo universo criado, mas a humanidade foi chamada a cuidar dos outros seres vivos, na medida em que recebeu essa missão de Deus, no momento da criação, juntamente com o direito de utilizar a natureza:

“O homem, deste modo, passa a ter uma linha de afinidade com as outras criaturas: é chamado a utilizá-las, a cuidar delas e, sempre segundo a narração do Génesis (2, 15), é colocado no jardim, com a tarefa de o cultivar e guardar, estando acima de todos os outros seres, postos por Deus sob o seu domínio (cf. ibid. 1, 25-26). Mas, ao mesmo tempo, o homem deve permanecer submetido à vontade de Deus, que lhe prescreve limites no uso e no domínio das coisas (cf. ibid. 2, 16-17)”<sup>120</sup>.

Como vemos, a fundamentação de João Paulo II é feita sobretudo a partir do relato da criação do livro do Génesis, sublinhando o lugar inicial comum a todas as criaturas: o jardim; e a tarefa que lhe é confiada: cultivar e guardar as coisas criadas. A sensibilidade ecológica do Papa reside no facto de manifestar plena consciência de que foram prescritos “limites no uso e no domínio das coisas”. Portanto, o ser humano tem o dever de respeitar os outros seres criados.

Referências mais claras relativamente à questão ecológica encontramos-las na mensagem papal para o Dia Mundial da Paz, de 1990, cujo título é extremamente elucidativo: “Paz com Deus Criador, paz com toda a criação”<sup>121</sup>. É certo que parte, uma vez mais, das referências aos relatos bíblicos da criação e retoma a ideia do direito de uso e do dever de cultivar e guardar a obra criada. Mas, neste documento surge um alerta sobre os excessos quanto ao uso e quanto à falta de cuidado relativamente ao cultivo e guarda da criação, como pecados que se abatem sobre a harmonia inicial, pois: “Quando o homem se afasta do desígnio de Deus criador, provoca uma desordem que se repercute inevitavelmente sobre o resto do universo”<sup>122</sup>. De

---

<sup>119</sup> João Paulo II. “Encíclica *Sollicitudo rei sociales*”. Acta Apostolicae Sedis, 80 (1988) 513-586.

<sup>120</sup> SRS, 29.

<sup>121</sup> João Paulo II. *Paz com Deus Criador, paz com toda a criação*. Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXIII Dia Mundial da Paz. Cidade do Vaticano, 1 de janeiro de 1990. Consultado em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19891208\\_xxiii-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace.html).

<sup>122</sup> *Ibidem*.

---

modo concreto, o Papa debate os temas ecológicos que, na década de noventa, preenchiam o debate ecológico da humanidade:

“O gradual esgotamento do estrato do ozônio e o conseqüente ‘efeito de estufa’ que ele provoca já atingiram dimensões críticas, por causa da crescente difusão das indústrias, das grandes concentrações urbanas e dos consumos de energia. Escórias industriais, gases produzidos pela combustão de carburantes fósseis, desflorestação imoderada, uso de alguns tipos de herbicidas, refrigerantes e propelentes, tudo isto, como se sabe, é nocivo para a atmosfera e para o ambiente. Daí resultam múltiplas mudanças meteorológicas e atmosféricas, cujos efeitos vão desde os prejuízos para a saúde até à possível submersão, no futuro, de terras baixas”<sup>123</sup>.

João Paulo II contesta não só a falta de cuidado que, por mandato de Deus, é devido à natureza, mas também a desordenada exploração dos recursos naturais e a progressiva degradação das condições de vida. Entre as soluções que aponta para contruir um mundo mais sustentável a nível ambiental, está a necessidade de educar as novas gerações para a responsabilidade ecológica:

“Há uma necessidade urgente, pois, de educação para a responsabilidade ecológica: responsabilidade em relação a si próprio, responsabilidade em relação aos outros e responsabilidade em relação ao ambiente. [...] A educação autêntica para a responsabilidade implica uma verdadeira conversão na maneira de pensar e no comportamento. [...] A primeira educadora, no entanto, permanece a família, na qual as crianças aprendem a respeitar o próximo e a amar a natureza”<sup>124</sup>.

Na comemoração dos 100 anos da publicação da *Rerum novarum*, João Paulo II promulgou a Encíclica *Centesimus annus* (CA),<sup>125</sup> em 1 de maio de 1991. Aqui recorda os primeiros passos da Doutrina Social da Igreja, sublinhando a atualidade dos seus principais temas. Ao relembrar a responsabilidade do ser humano sobre os bens criados e que devem estar ao serviço de todos, chama a atenção, para o problema ecológico, mas com dois níveis de entendimento. Por um lado, menciona a degradação da natureza; por outro lado, faz referência à degradação moral, o que o leva a referir a necessidade de estabelecer uma “ecologia humana”:

---

<sup>123</sup> *Ibidem*.

<sup>124</sup> *Ibidem*.

<sup>125</sup> João Paulo II. “Encíclica *Centesimus annus*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 83 (1991) 793-867.

“Além da destruição irracional do ambiente natural, é de recordar aqui outra ainda mais grave, qual é a do ambiente humano, a que se está ainda longe de prestar a necessária atenção. Enquanto justamente nos preocupamos, apesar de bem menos do que o necessário, em preservar o ‘habitat’ natural das diversas espécies animais ameaçadas de extinção, porque nos damos conta da particular contribuição que cada uma delas dá ao equilíbrio geral da terra, empenhamo-nos demasiado pouco em salvaguardar as condições morais de uma autêntica ecologia humana”<sup>126</sup>.

Neste texto encontramos unidas a ecologia ambiental e a ecologia humana. Efetivamente, se o Planeta deve ser preservado nas suas espécies animais e vegetais e em todos os demais recursos, do mesmo modo, também devem ser criadas condições de habitabilidade para todos os seres humanos, em que a relações de uns para com os outros sejam pautadas por princípios éticos, que nos levem à construção de um mundo melhor e mais habitável. O mesmo tema é retomado, quatro anos depois, na Carta Encíclica *Evangelium vitae* (EV):

“Chamado a cultivar e guardar o jardim do mundo (cf. Gn 2, 15), o homem detém uma responsabilidade específica sobre o ambiente de vida, ou seja, sobre a criação que Deus pôs ao serviço da sua dignidade pessoal, da sua vida: e isto não só em relação ao presente, mas também às gerações futuras. É a questão ecológica: desde a preservação do ‘habitat’ natural das diversas espécies animais e das várias formas de vida, até à “ecologia humana” propriamente dita”<sup>127</sup>.

Em suma, podemos dizer que João Paulo II introduz no Magistério da Igreja a noção de “ecologia humana”, segundo a qual a responsabilidade atribuída por Deus à humanidade não se cinge apenas ao poder de uso e consumo e ao dever de guardar e cuidar das obras criadas, mas abrange também o cuidado do seu semelhante, nomeadamente o acolhimento e a proteção dos mais frágeis e desprotegidos. Este conceito será mantido e aprofundado pelo seu sucesso, conforme veremos agora.

Bento XVI (2005-2013) soube observar os sinais dos tempos, conforme solicitava a Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, e interpretá-los à luz do Evangelho”<sup>128</sup>. No campo ecológico esteve particularmente atento à necessidade de não se

---

<sup>126</sup> CF, 42.

<sup>127</sup> CV, 51.

<sup>128</sup> Cf. GS, 4.

dissociar os problemas ambientais, que afetam o meio ambiente natural, dos problemas sociais e económicos, que atentam contra a natureza humana. Nesse sentido, encontramos o tema da “ecologia humana” patente na sua primeira Carta Encíclica *Caritas in veritate* (CV),<sup>129</sup> de 29 de Junho de 2009, reforçando a ligação entre a ecologia ambiental e a ecologia humana:

“A Igreja sente o seu peso de responsabilidade pela criação e deve fazer valer esta responsabilidade também em público. Ao fazê-lo, não tem apenas de defender a terra, a água e o ar como dons da criação que pertencem a todos, mas deve sobretudo proteger o homem da destruição de si mesmo. Requer-se uma espécie de ecologia do homem, entendida no justo sentido. “De facto, a degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana: quando a ecologia humana é respeitada dentro da sociedade, beneficia também a ecologia ambiental”<sup>130</sup>.

O progresso da humanidade não pode ser concretizado de costas voltadas contra o universo natural nem contra o universo humano. Não se pode submeter a natureza a todos os caprichos humanos, nem, tão pouco, se podem forçar os povos a viver uma vida indigna, porque “Dar de comer aos famintos (cf. Mt 25, 35.37.42) é um imperativo ético para toda a Igreja, que é resposta aos ensinamentos de solidariedade e partilha do seu Fundador, o Senhor Jesus”<sup>131</sup>.

Tal como Paulo VI, também Bento XVI faz um apelo a uma mudança de mentalidade, para introduzir novas formas de viver e atuar, nas sociedades atuais, com base em relações mais respeitadoras do ambiente e do próximo:

“É necessária uma real mudança de mentalidade que nos induza a adotar novos estilos de vida, nos quais a busca do verdadeiro, do belo e do bom e a comunhão com os outros homens para um crescimento comum sejam os elementos que determinam as opções dos consumos, das poupanças e dos investimentos. Toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais, assim como a degradação ambiental por sua vez gera insatisfação nas relações sociais”<sup>132</sup>.

Assim, requerem-se novas formas de utilização dos recursos naturais, que sejam mais eficientes, mas não nos impeçam de apreciar o que é bom e belo. O modo de ser mais ecológico deverá salvaguardar a sustentabilidade do Planeta e, ao mesmo tempo, garantir o bem-estar da

---

<sup>129</sup> Bento XV. “Encíclica *Caritas in veritate*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 101 (2009) 641-709.

<sup>130</sup> CV, 51.

<sup>131</sup> CV, 27.

<sup>132</sup> CV, 51.

atual população mundial e das gerações futuras. Para Bento XVI, o respeito pelo ser humano e o respeito pela natureza devem estar interligados como testemunho de amor ao Criador e à sua criação.

### 3. A Encíclica *Laudato si'*, do Papa Francisco

Com a Encíclica *Laudato si'*, de 24 de maio de 2015, a Igreja propõe ao mundo um caminho de salvaguarda não só dos recursos naturais, mas também dos valores humanos, que passa por uma ecologia integral, convocando articuladamente as vertentes do ambiente, da economia, da política, da cultura, da sociologia e da antropologia. A ecologia integral, ou seja, cuidar da natureza de forma integral, incorpora, além da dimensão ambiental, também as dimensões económica, social, cultural, biológica e espiritual. De facto, para o Santo Padre não é possível compreender o verdadeiro significado e alcance do tema ecológico sem a inter-relação dos elementos humanos e não humanos que compõem a casa comum.<sup>133</sup>

Em todos estes cenários, o Papa Francisco estabelece um diálogo profundo a partir das ciências ambientais, da ética, da teologia, da Sagrada Escritura, da tradição judaico-cristã e do exemplo de São Francisco de Assis.<sup>134</sup> O documento, em nosso entender, merece a adjetivação de Encíclica verde,<sup>135</sup> não por quaisquer motivos ideológicos, mas porque nos desperta para os multifacetados problemas e vulnerabilidades do ambiente e da biosfera, pois “anualmente, desaparecem milhares de espécies vegetais e animais, que já não poderemos conhecer, que os nossos filhos não poderão ver, perdas para sempre”<sup>136</sup>.

---

<sup>133</sup> Cf. Bodnar, Zenildo; Freitas; Kaira. “A epistemologia interdisciplinar da sustentabilidade por uma ecologia integral para a sustentação da casa comum”. *Revista Brasileira de Direito*, Vol. 12, 2 (2016), 59.

<sup>134</sup> Cf. LS, 10-11.

<sup>135</sup> Cf. Afonso Murad. “*Laudato si'* e a Ecologia Integral. Um novo capítulo da Doutrina Social da Igreja”. *Medellín. Biblia, Teología y Pastoral para América Latina y El Caribe*, 43, N.º 168 (2017), 470; cf. Víctor Toledo. “La encíclica verde: ecología política, emancipación social y catolicismo”. *Papeles de Relaciones Ecosociales y Cambio Global*, 131 (2015), 13-19. Nem todos os autores concordam com esta adjetivação. Fernández-Reyes afirma, inclusive, que o próprio Papa Francisco terá negado explicitamente que se tratava de uma Encíclica verde, mas, antes, uma Encíclica social: Rogelio Fernández-Reyes. “La encíclica *Laudato si'* en el diario La Razón y en el suplemento L'Osservatore Romano”. In *Actas del I Congreso Internacional Comunicación y Pensamiento. Comunicacion y Desarrollo Social*. Madrid: Egregius, 2016, 816.

<sup>136</sup> LS, 33.

As primeiras palavras da Encíclica, ou seja: *Laudato si'*, que lhe dão o título segundo a velha tradição da Igreja, significam “Louvado sejas”. São inspiradas no famoso Cântico das Criaturas, de São Francisco de Assis (1182-1226), cujo primeiro verso começa com as mesmas palavras: “Laudato si’, mi’ signore”<sup>137</sup>, que quer dizer: “Louvado sejas meu Senhor”<sup>138</sup>. Este santo da Idade Média, que, conforme veremos no próximo capítulo, é hoje um ícone universal da defesa das causas ecológicas. Assim, ao evocar a trajetória histórica deste santo, o Papa mostra-nos que “nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, compromisso com a sociedade e a paz interior”<sup>139</sup>.

A *Laudato si'* tem como principal objetivo “nos ajudar a reconhecer a grandeza, a urgência e a beleza do desafio que temos pela frente”<sup>140</sup>, ou seja: “a pretensão de cuidar e melhorar o mundo [que] requer mudanças profundas nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades”<sup>141</sup>. O motivo pelo qual o Santo Padre retoma o imperativo das necessárias “mudanças profundas nos estilos de vida”, já antes evocado pelos seus antecessores Paulo VI e Bento XVI, talvez seja porque essas mudanças nunca ocorreram de verdade no mundo, ou porque foram sempre insuficientes para garantir a sustentabilidade do Planeta. Tais mudanças não serão concretizadas a não que se abandonem os estilos de vida baseados no consumismo desenfreado e se adote uma autodisciplina de consumo moderado a nível global. Por isso, o Papa dirige-se não só aos católicos, mas “a cada pessoa que habita neste Planeta”<sup>142</sup>, para “unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral”<sup>143</sup>. Os diversos caminhos de futuro abertos por esta Encíclica irão ajudar-nos a responder à questão de fundo deste trabalho: o cuidado do Planeta no horizonte da ecologia integral.

---

<sup>137</sup> LS, 1.

<sup>138</sup> Vítor Hugo Mendes. “Ecología Integral y Pacto Educativo Global. La Educación Integral del Papa Francisco”. *Aula: Revista de Enseñanza e Investigación Educativa*, 27 (2021), 346.

<sup>139</sup> LS, 10.

<sup>140</sup> LS, 15.

<sup>141</sup> LS, 5.

<sup>142</sup> LS, 3.

<sup>143</sup> LS, 13.

### 3.1. Uma ecologia integral

A concepção antropocêntrica da vida deu origem a uma visão utilitarista da relação do ser humano com os outros e com o mundo natural. Paralelamente, o relativismo ético imposto pela pós-modernidade, “que provoca uma situação de incerteza moral no sujeito”<sup>144</sup>, fez cair no esquecimento ou remeteu para o fórum individual a consciência dos limites quanto à utilização e consumo de todo o tipo de bens e artefactos. Neste sentido, o Papa Francisco refere que “O homem e a mulher deste mundo pós-moderno correm o risco permanente de se tornar profundamente individualistas, e muitos problemas sociais de hoje estão relacionados com a busca egoísta duma satisfação imediata”<sup>145</sup>.

O egoísmo imoderado das últimas décadas, tanto dos indivíduos como das empresas e organizações, refletido na produção e consumo de bens materiais, tende a agravar o esgotamento dos recursos naturais disponíveis, colocando em causa a sobrevivência de muitas espécies animais e vegetais e também a nossa, porque tudo está interrelacionado. Precisamos, por isso, de encontrar respostas ambientais integradas, subordinadas a uma ética do cuidado, conforme fizemos referência a partir do pensamento de Leonardo Boff.

A expressão “ecologia integral” não é uma originalidade do Papa Francisco, mas é relevante que, na sua Encíclica *Laudato si'*, a apresente como sendo a melhor forma de exercício ecológico para o nosso tempo, sobretudo devido à sua insistência numa ecologia humana, sem que esta seja antropocentrada. Esta circunstância surge da opção por dar voz em simultâneo a diversas ecologias, conforme vemos no próximo ponto.

O adjetivo “integral”, no quadro de uma discussão filosófica, utiliza-se para designar uma reflexão que reúne os diferentes elementos conhecidos de uma determinada realidade, em paralelo e de forma articulada. No campo ético, utilizamos o termo “íntegro” traduz a postura da sinceridade, da transparência, da fidelidade aos valores e princípios, rejeitando, por exemplo, a corrupção. Como ação, o verbo “integrar”, derivado do latim *integrare*, que quer dizer agregar aquilo que está separado, fragmentado ou dividido, significa: aglutinar, ligar, unir, juntar,

---

<sup>144</sup> Ernesto Candeias Martins. “Da ética da certeza à ética dos valores pós-modernos”. *Revista de educação PUC-Campinas*, 22 (2007), 27.

<sup>145</sup> LS, 162.

---

aproximar. Por sua vez, a forma pronominal “integrar-se”, aplicada ao universo humano, traduz a ação de passar a fazer parte de algo, que pode ser uma associação, um clube, uma empresa, um partido, uma ideologia, etc. Portanto, o adjetivo “integral”, assim como os termos: “integrar”, “integrar-se”, “íntegro” e “integrado” têm esta gama de significados, opondo-se à ideia de parcial, restrito e unidimensional.<sup>146</sup>

Vemos, assim, que ao associar o adjetivo “integral” ao conceito de ecologia, imediatamente se adquire uma visão pluridimensional da questão ecológica, quer a montante, no diagnóstico dos problemas, quer jusante, na procura de soluções. Portanto, o compromisso ecológico não se limita às questões da natureza, compreendida como mundo físico externo a nós, mas diz respeito também ao facto humano, conforme deixa claro o Papa Francisco:

“Dado que tudo está intimamente relacionado e que os problemas atuais requerem um olhar que tenha em conta todos os aspetos da crise mundial, proponho que nos detenhamos agora a refletir sobre os diferentes elementos duma ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais”<sup>147</sup>.

A grande nota da ecologia integral é a noção de interdependência de todos os ecossistemas, com os quais os humanos estão em constante relação. Leonardo Boff diz: “Queremos o ambiente inteiro, vale dizer, uma visão sistêmica da Terra, da vida e da civilização humana, constituindo um grande todo, feito de redes de interdependências, complementaridades e reciprocidades”<sup>148</sup>.

A procura de um Planeta habitável significa não só a preservação da qualidade do ar, da água, dos solos e dos outros recursos, mas também a qualidade ética das relações estabelecidas entre os seres humanos e destes com os outros elementos da natureza não humanos. A ecologia da *Laudato si'* é integral porque incluir um esforço por pensar e atuar de maneira articulada em diversas áreas, para o bem da humanidade e da biosfera.

---

<sup>146</sup> Cf. Afonso Murad. “*Laudato si'* e a Ecologia Integral. Um novo capítulo da Doutrina Social da Igreja”. *Medellin. Biblia, Teología y Pastoral para América Latina y El Caribe*, 43, N.º 168 (2017), 475-476.

<sup>147</sup> LS, 137.

<sup>148</sup> Leonardo Boff. “O Desafio Ecológico à Luz da *Laudato si'* do Papa Francisco e da Cop21 de Paris”. In Héctor Alimonda (Org.); Catalina Toro Pérez; Facundo Martín. *Ecología Política Latinoamericana: Pensamiento Crítico, Diferencia Latinoamericana y Rearticulación Epistémica*. Buenos Aires: CLACSO, 2017, 216.

### 3.2. A ecologia integral da *Laudato si'*: valores e princípios

A ecologia integral da *Laudato si'* não se restringe ao espaço do cuidado ambiental da casa comum, que foi a primeira dimensão que esteve na origem da palavra, derivada de *oikos* (casa), conforme demonstrámos antes. Diversamente, implica refletir sobre o cuidado da casa comum a partir do universo humano e das suas múltiplas relações, sem omitir o âmbito político, social, económico e cultural, entre outros. Deste modo, o Papa Francisco propõe-nos precisamente uma abordagem holística dos problemas ecológicos, através da implementação de uma ecologia integral:

“Hoje, a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e da relação de cada pessoa consigo mesma, que gera um modo específico de se relacionar com os outros e com o meio ambiente. Há uma interação entre os ecossistemas e entre os diferentes mundos de referência social e, assim, se demonstra mais uma vez que o todo é superior à parte”<sup>149</sup>.

A ecologia integral é uma visão global da questão ecológica. “O holismo não significa a soma das partes, mas a captação da totalidade orgânica, una e diversa nas suas partes, mas sempre articuladas entre si”<sup>150</sup>. Partindo de um paradigma universal e agregador, a ecologia integral apresentada no capítulo IV da Encíclica *Laudato si'* abarca vários tipos de ecologias:

- Ecologia ambiental, económica e social;<sup>151</sup>
- Ecologia cultural;<sup>152</sup>
- Ecologia da vida quotidiana.<sup>153</sup>

Além disso, esta ecologia integral compreende também princípios fundamentais, que se inspiram na tradição da Doutrina Social da Igreja:

- O bem comum e a opção preferencial pelos pobres;<sup>154</sup>

---

<sup>149</sup> LS, 141.

<sup>150</sup> Leonardo Boff. *La dignidad de la Tierra. Ecología, mundialización, espiritualidad. La emergencia de un nuevo paradigma*. Madrid: Trota, 2000, 180.

<sup>151</sup> Cf. LS, 138-142.

<sup>152</sup> Cf. LS, 143-146.

<sup>153</sup> Cf. LS, 147-155.

<sup>154</sup> Cf. LS, 156-158.

- A justiça intergeracional.<sup>155</sup>

Portanto, a ecologia integral proposta pelo Papa Francisco tem em conta quer as relações das pessoas umas com as outras, quer com o mundo natural. Estas relações não podem ser, em nenhum caso, de domínio, coação ou competição, mas devem assentar numa ética do cuidado, que compreende o dever de cooperação e reciprocidade, estendido também às gerações futuras.

Cada um destes elementos é fundamental no diálogo da Igreja com a sociedade, pelo que nos parecem significativos para os objetivos do nosso trabalho e, por isso, os passamos a caracterizar individualmente, conforme constam no documento papal.

### ***3.2.1. Ecologia ambiental, económica e social***

A ecologia da *Laudato si'* começa por ser exposta a partir da dimensão mais comum, a ambiental, enquanto conhecimento, análise, reflexão, defesa e proteção do meio ambiente. Mas, a esta dimensão junta-se a económica e social, porque “Nunca é demais insistir que tudo está interligado”<sup>156</sup>. Deste modo, podemos dizer que:

“Quando falamos de ‘meio ambiente’, fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida”<sup>157</sup>.

Portanto, a ecologia integral não considera apenas cada ser em particular, mas o ecossistema, ou seja, o conjunto composto por todos os tipos de organismos que convivem num determinado lugar, tidos como criaturas de Deus:

“Assim como cada organismo é bom e admirável em si mesmo pelo facto de ser uma criatura de Deus, o mesmo se pode dizer do conjunto harmónico de organismos num determinado espaço, funcionando como um sistema”<sup>158</sup>.

---

<sup>155</sup> Cf. LS, 159-162.

<sup>156</sup> LS, 138.

<sup>157</sup> LS, 139.

<sup>158</sup> LS, 140.

É inegável que a humanidade enfrenta problemas ambientais de elevada gravidade, como pudemos ver anteriormente. Esses problemas também não podem ser considerados isoladamente, mas no seu conjunto. Desta forma, devemos falar de uma única crise ambiental, que precisa de uma resposta integral, que toque os problemas humanos e ambientais: “As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza”<sup>159</sup>.

Por seu turno, o crescimento económico não pode ser realizado à margem da salvaguarda dos recursos e da proteção do meio ambiente, pois há uma interação entre os ecossistemas e as comunidades humanas.

“Por isso, é necessária uma ecologia económica, capaz de induzir a considerar a realidade de forma mais ampla. Com efeito, a proteção do meio ambiente deverá constituir parte integrante do processo de desenvolvimento e não poderá ser considerada isoladamente”<sup>160</sup>.

Ao referir a ecologia social, o Santo Padre envolve a atuação das empresas e organizações entre si e a relação destas com as pessoas, nomeadamente os seus trabalhadores. As instituições, pequenas ou grandes, são convidadas a atuar de modo a não prejudicar o ambiente nem a qualidade da vida humana.<sup>161</sup>

### ***3.2.2. Ecologia cultural***

A ecologia cultural surge, nas palavras do Papa Francisco, com fazendo “parte da identidade comum de um lugar, servindo de base para construir uma cidade habitável”. Trata-se, pois, não apenas de construir e proteger a nossa “casa comum”, mas sobretudo de a tornar um espaço mais habitável, mais agradável e mais personalizado. A cultura tem, de facto, a virtude conferir identidade quer aos povos, quer aos lugares por eles habitados. Também aqui devemos incluir os princípios de uma ética do cuidado, antes referidos, com o foco na

---

<sup>159</sup> LS, 139.

<sup>160</sup> LS, 141.

<sup>161</sup> Cf. LS, 142.

preservação das riquezas culturais da humanidade, valorizando particularmente a sabedoria e o patrimônio popular em paralelo com as tradições e os monumentos do passado.<sup>162</sup>

O respeito pelas culturas dos povos é expresso pelo Papa com um apelo à flexibilidade das possíveis soluções, que não devem ser meramente técnicas nem podem ser aplicadas sem ter em conta os protagonistas culturais, mesmo que os objetivos pareçam irrenunciáveis, como as questões da qualidade de vida: “Nem mesmo a noção da qualidade de vida se pode impor, mas deve ser entendida dentro do mundo de símbolos e hábitos próprios de cada grupo humano”<sup>163</sup>. Com efeito, “o desaparecimento duma cultura pode ser tanto ou mais grave do que o desaparecimento duma espécie animal ou vegetal”<sup>164</sup>.

A forma de cultivar uma ecologia cultural consiste em cuidar dos povos e culturas que correm o risco de extinção, despidos dos nossos preconceitos ou paternalismos, mas dando valor à identidade cultural como “um tesouro da humanidade”<sup>165</sup>.

### ***3.2.3. Ecologia da vida quotidiana***

O termo quotidiano, do latim *quotidianus*, refere-se ao dia-a-dia das pessoas, envolvendo tudo o que se faz e acontece de forma habitual ou frequente. Com a introdução deste tema, o Papa Francisco salienta a atitude das pessoas que, no seu quotidiano, são capazes de estabelecer laços de pertença e de convivência, tornando o seu dia-a-dia e dos que convivem consigo, mais belo, acolhedor e harmonioso. A este cuidado chama “ecologia humana”. São os pobres, segundo o Papa, que melhor desenvolvem uma ecologia humana, apesar das enormes limitações ambientais a que estão submetidos no seu quotidiano doméstico, laboral e social, na medida em que geram uma rede de comunhão e de pertença.<sup>166</sup>

Contudo, a vida caótica das cidades e a falta de infraestruturas essenciais no meio rural ofende a dignidade do ser humano. Por outro lado, a organização das grandes cidades e,

---

<sup>162</sup> Cf. LS, 143.

<sup>163</sup> LS, 144.

<sup>164</sup> LS, 145.

<sup>165</sup> LS, 144.

<sup>166</sup> Cf. LS, 148.

particularmente, dos subúrbios socialmente desfavorecidos, funcionam como potenciadores de criminalidade e marginalidade:

“Para os habitantes de bairros periféricos muito precários, a experiência diária de passar da superlotação ao anonimato social, que se vive nas grandes cidades, pode provocar uma sensação de desenraizamento que favorece comportamentos anti-sociais e violência”<sup>167</sup>.

Por isso, torna-se conveniente que as estruturas urbanas e ruais sejam contruídas de tal forma que possam proporcionar condições de vida básicas, para que os moradores sintam que aquela aldeia, aquele bairro ou aquela cidade é verdadeiramente a sua casa.

“Dada a relação entre os espaços urbanizados e o comportamento humano, aqueles que projetam edifícios, bairros, espaços públicos e cidades precisam da contribuição dos vários saberes que permitem compreender os processos, o simbolismo e os comportamentos das pessoas. Não é suficiente a busca da beleza no projeto, porque tem ainda mais valor servir outro tipo de beleza: a qualidade de vida das pessoas, a sua harmonia com o ambiente, o encontro e ajuda mútua”<sup>168</sup>.

Portanto, uma planificação urbana deve integrar a qualidade de vida, a harmonia com o ambiente, o encontro e a interajuda das pessoas. Todos devem estimar e cuidar das estruturas urbanas e dos espaços comuns, como se se tratasse da nossa própria casa:

“É preciso cuidar dos espaços comuns, dos marcos visuais e das estruturas urbanas que melhoram o nosso sentido de pertença, a nossa sensação de enraizamento, o nosso sentimento de ‘estar em casa’ dentro da cidade que nos envolve e une”<sup>169</sup>.

Cativam-nos as aldeias, vilas e cidades que oferecem aos seus cidadãos espaços de encontro e lazer, que favorecem a confraternização e o convívio com o outro, fatores essenciais para a ecologia humana. Neste ponto, o Papa Francisco evoca o seu antecessor: “Bento XVI dizia que existe uma ‘ecologia do homem’, porque também o homem possui uma natureza, que deve respeitar e não pode manipular como lhe apetece”. E acrescenta: “Nesta linha, é preciso

---

<sup>167</sup> LS, 149.

<sup>168</sup> LS, 150.

<sup>169</sup> LS, 151.

reconhecer que o nosso corpo nos põe em relação direta com o meio ambiente e com os outros seres vivos”<sup>170</sup>.

#### **3.2.4. O princípio do bem comum**

O princípio do bem-comum encontra-se consagrado na Doutrina Social da Igreja, tendo por base formulação emanada da Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, que a própria Encíclica *Laudato si'*, igualmente refere:

“Por bem comum se entende: o conjunto de condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada um dos seus membros, atingir mais plena e facilmente a própria perfeição”<sup>171</sup>.

Os termos deste enunciado são explorados pelo Papa Francisco, reafirmando a defesa da dignidade humana e dos direitos humanos, bem como valorizando todas as formas de progresso que tenham por fim o bem da humanidade. Para o Papa, “a ecologia integral é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social”<sup>172</sup>.

Mas bem-comum não é só um direito, é também um dever de todos, que não será atingido enquanto o progresso não chegar a todas as pessoas que habitam o Planeta. Para a construção do bem comum são necessárias estruturas sociais, entre as quais “destaca-se de forma especial a família enquanto célula basilar da sociedade”<sup>173</sup>.

Além disso, o bem comum é também uma missão da Igreja, em particular quando nos deparamos com contextos sociais:

“Onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres”<sup>174</sup>.

---

<sup>170</sup> LS, 155.

<sup>171</sup> GS, 26.

<sup>172</sup> LS, 156.

<sup>173</sup> LS, 157.

<sup>174</sup> LS, 158.

A opção preferencial pelos mais pobres é, como a própria expressão indica, uma escola e uma decisão de discriminação positiva em favor dos mais pobres. Trata-se de um desígnio muito caro ao Papa Francisco, que surge como meio operativo para estabelecer uma ecologia humana que não deixe ninguém e fora. De facto: “Basta observar a realidade para compreender que, hoje, esta opção é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum”<sup>175</sup>.

### 3.2.5. *A justiça intergeracional*

O Papa Francisco insere a questão da sustentabilidade ecológica, que se reflete na preocupação com as gerações futuras, na sequência da construção do bem comum, porque a ecologia integral tem de ter reflexos não apenas no presente, mas também no futuro. Trata-se “duma questão essencial de justiça, pois a terra que recebemos pertence também àqueles que hão de vir”<sup>176</sup>. Sob o ponto de vista teórico, estamos interessados em oferecer aos vindouros um Planeta habitável, com uma rica biodiversidade e cada vez mais sustentável. Todavia, o que vemos é o contrário:

“As previsões catastróficas já não se podem olhar com desprezo e ironia. Às próximas gerações, poderíamos deixar demasiadas ruínas, desertos e lixo. O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do Planeta, que o estilo de vida atual – por ser insustentável – só pode desembocar em catástrofes, como aliás já está a acontecer periodicamente em várias regiões”<sup>177</sup>.

A justiça intergeracional coloca-se igualmente como um desafios ético, no sentido de tornar o mundo cada vez mais habitável quanto “à sua orientação geral, ao seu sentido, aos seus valores”<sup>178</sup>. Cabe-nos, portanto, ampliar o quadro das nossas preocupações ecológicas e prever o melhor para deixarmos às gerações futuras não só a nível ambiental, mas também humano, económico, social e cultural.

Em síntese, a ecologia integral da *Laudato si'* é um desafio colocado a toda a humanidade no intuito do cuidado com a casa comum, através da preservação da

---

<sup>175</sup> *Ibidem*.

<sup>176</sup> LS, 159.

<sup>177</sup> LA, 161.

<sup>178</sup> LS, 160.

biodiversidade, da utilização responsável dos recursos, do respeito pelos ciclos da natureza e também através da construção de mais justiça social.

#### **4. Síntese: Educar para o cuidado no contexto da ecologia integral**

A Encíclica *Laudato si'* estabelece “um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração”<sup>179</sup>, com a finalidade de reconfigurar o tecido social e recuperar a sustentabilidade da casa comum, conforme temos vindo a dizer. De forma particular, a educação mostra-se essencial como mediação que pode produzir as mudanças necessárias no estilo de vida e, conseqüentemente, no rumo da própria humanidade. Por isso, diz-nos o Papa Francisco: “a consciência da gravidade da crise cultural e ecológica precisa de traduzir-se em novos hábitos. [...] Por isso, estamos perante um desafio educativo”<sup>180</sup>.

A necessidade de criar novos estilos de vida desperta a pertinência de educar as novas gerações para uma nova relação entre a humanidade e o ambiente, pacífica, equilibrada, solidária, quer penetre nos valores e princípios de uma ética ecológica:

“A educação ambiental deveria predispor-nos para dar este salto para o Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo. Além disso, há educadores capazes de reordenar os itinerários pedagógicos numa ética ecológica, de modo que ajudem efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado assente na compaixão”<sup>181</sup>.

Tendo como ponto de partida uma ecologia integral, a educação ecológica adquire uma dimensão interdisciplinar, capaz de mobilizar e articular todas as esferas do saber, bem como os diversos agentes educativos. Esta educação, conforme afirma o Santo Padre, deve ter início desde cedo: “Vários são os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, e outros. Uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida”<sup>182</sup>. No entanto, apesar de ser relevante o papel da educação escolar, deve assegurar-se também um papel fundamental às famílias, como ensina a Encíclica,

---

<sup>179</sup> LS, 202.

<sup>180</sup> LS, 209.

<sup>181</sup> LS, 210.

<sup>182</sup> LS, 213.

“Na família, cultivam-se os primeiros hábitos de amor e cuidado da vida, como, por exemplo, o uso correto das coisas, a ordem e a limpeza, o respeito pelo ecossistema local e a proteção de todas as criaturas”<sup>183</sup>.

Educar para o cuidado no contexto da ecologia integral leva a incorporar nas rotinas diárias estas e outras ações simples, de tal modo que surja nas consciências dos alunos uma “cidadania ecológica”, que dispense a multiplicação de normas de conduta, na medida em que já fazem parte do seu estilo de vida.

O encargo da educação ecológica consiste em insistir na tomada de consciência que todos devem ter quanto à sua presença no mundo e as consequências dos atos pessoais. Mas, para formar uma consciência ecológica integral não basta respeitar e defender o meio ambiente, é necessário também nutrir uma corresponsabilidade para com os mais pobres e a construção do bem comum. A educação ecológica proposta pela *Laudato si'* tem como eixo centrar o ser humano e a sua relação com o próximo e com os demais elementos naturais do Planeta.

Em 2022, cinco anos após a publicação da *Laudato si'*, o Grupo de Trabalho Interdicasterial da Santa Sé sobre a Ecologia Integral publicou um documento com a finalidade de analisar formas de promover a ecologia integral. Aí encontramos alguns princípios orientativos, que nos parecem adequados aos interesses deste trabalho, tendo em conta o próximo capítulo, no qual trataremos de apresentar a nossa prática de ensino supervisionada, que versou sobre o tema: “Cuidar da Natureza”, junto de um grupo de crianças do 1º ano de escolaridade.

O Grupo de Trabalho Interdicasterial começa por assinalar que a educação escolar desempenha um papel central na a formação do pensamento crítico e da responsabilidade social. Reconhece que a escola mantém, ainda, uma centralidade no âmbito educativo face às novas gerações, pelo que não se deve focar unicamente na transmissão de conhecimentos. Por isso, deve ajuda as crianças a selecionar, compreender e pensar criticamente, transmitindo valores éticos que abram as portas à responsabilidade social no contexto da ecologia integral. Assim,

---

<sup>183</sup> *Ibidem*.

no processo educativo, é fundamental que as crianças conheçam os problemas ecológicos reais e aprendam a intervir, dando, assim, um contributo significativo para o bem comum.<sup>184</sup>

Em suma, uma abordagem pedagógica do cuidado no contexto da ecologia integral deve inspirar novas formas de agir no mundo, para criar um novo estilo de vida, fazendo refletir a necessidade de superar a ambígua compreensão da ecologia, de como estivéssemos perante duas crises separadas: a do humano e a do Planeta. A educação ambiental integral é um treino para uma cidadania de respeito tanto para com o ser humano com não humano.

---

<sup>184</sup> Cf. Grupo de Trabajo Interdicasterial de la Santa Sede Sobre la Ecología Integral. *En Camino Para el Cuidado de la Casa Común. A Cinco Años de la Laudato si'*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020, 47-48.

---

### **CAPÍTULO III – PRÁTICA DE ENSINO: “CUIDAR DA NATUREZA”**

A prática de ensino não encerra todo o trabalho de docência, o que significa que não se circunscreve ao que acontece dentro da sala de aula, pois começa muito antes, ao planificar; e encerra-se muito depois, ao avaliar. Como atividade multiforme, depende de inúmeras condições, que vão desde a formação académica do próprio docente, às condições estruturais do meio escolar, passando pela realidade do grupo discente, os programas curriculares, a bibliografia adotada, as estratégias de ensino e aprendizagem, a resposta e a reação dos alunos e, entre outros fatores, os dispositivos legais, nomeadamente o Decreto-Lei N.º 54/2018, de 6 de julho; e o Decreto-Lei N.º 55/2018, de 6 de julho.<sup>185</sup>

Não obstante, ensinar EMRC acarreta um conjunto de especificidades, que nos merecem alguma atenção, conforme iremos ver de seguida. Assim, nesta terceira parte do nosso Relatório, em que nos dedicamos especificamente à preparação, desenvolvimento e análise da Prática de Ensino Supervisionada, começaremos por referir brevemente alguns traços da perspetiva docente sobre o ensino da EMRC. Depois, apresentamos a caracterização do nosso núcleo de estágio, no que toca ao meio escolar e ao grupo/turma. Em seguida, faremos a descrição da Unidade Letiva, que foi objeto de lecionação. Posteriormente, focaremos as estratégias de aprendizagem, os recursos didático-pedagógicos e as formas de avaliação implementados. A terminar, deixaremos a nossa reflexão crítica sobre o trabalho realizado ao longo da Prática de Ensino Supervisionada.

#### **1. Ensinar EMRC, perspetiva docente**

A EMRC é uma disciplina focada na formação integral dos alunos, pelo que o Programa acompanha o seu crescimento. Neste sentido, os seus conteúdos enriquecem a cultura dos alunos, ajudam-nos a compreender as grandes interrogações da humanidade e a encontrar respostas sobre o sentido da vida, os valores morais e humanos e as formas de exprimir os

---

<sup>185</sup> Cf. Decreto-Lei N.º 54/2018, de 6 de julho. Diário Da República, I Série, 129 (2018), 2918-2928; Decreto-Lei N.º 55/2018, de 6 de julho. Diário Da República, I Série, 129 (2018), 2928-2943.

---

sentimentos religiosos. Por isso, o Programa da EMRC tem por base a articulação organizada de três elementos fundamentais:

- “A sociedade, que tem uma história, instituições, valores dominantes, necessidades próprias e opções económicas, culturais e políticas;
- os conhecimentos científicos (conteúdos) de toda a ordem, que se transmitem ou se utilizam a partir das disciplinas científicas ligadas ao currículo, das ciências da educação e das diversas áreas da psicologia;
- o aluno, com as suas características próprias, no estágio de desenvolvimento físico e psicológico em que se encontra, inserido num determinado ambiente sócio-cultural”<sup>186</sup>.

Integrada no sistema de ensino português, ao abrigo da Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa,<sup>187</sup> a EMRC é uma disciplina que, conforme se lê no Artigo 2.º da Lei de Bases do Sistema Educativo:

“Responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho”<sup>188</sup>.

Trata-se de uma disciplina “de oferta obrigatória por parte dos estabelecimentos de ensino e de frequência facultativa”<sup>189</sup>, mas pode ser frequentada por a todos os alunos que assim o desejarem, mediante a autorização expressa dos seus Encarregados de Educação. Portanto:

“A EMRC é oferecida a todos os alunos, independentemente da sua diversidade de crenças e opções religiosas: com fé católica ou outra, em situação de procura, indiferentes ou descrentes. Esta diversidade corresponde à situação das famílias que solicitam o apoio da EMRC”<sup>190</sup>.

---

<sup>186</sup> Cristina Sá Carvalho. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2014, 3. A divisão por pontos é nossa.

<sup>187</sup> Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé. *Diário da República*, I Série-A, 269 (2004), 6741-6750.

<sup>188</sup> Lei N.º 46/1986, de 14 de outubro. *Diário da República*. I Série, 237 (1986), 3067-3081.

<sup>189</sup> Decreto-Lei N.º 70/2013, de 23 de maio. *Diário da República*. I Série, 99 (2013), 3031-3033.

<sup>190</sup> Conferência Episcopal Portuguesa. *Educação Moral e Religiosa Católica. Um Valioso Contributo para a Formação da Personalidade*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2006, 6.

O ensino de EMRC propõe-se contribuir para o crescimento dos alunos no caminho do amor e a despertar neles os valores humanos da fraternidade, da paz, da verdade, da gratidão, do perdão, da generosidade e do respeito pelos outros e pela natureza. O conhecimento amadurecido de uma consentânea hierarquia de valores ajuda a criança e o jovem a tomar decisões e a melhor relacionar-se com os seus pares, a escola, a família e a sociedade. Por outro lado, a disciplina trata igualmente de transmitir um conjunto de saberes histórico-culturais, que descrevem o fenómeno religioso na sua maior abrangência, destacando as principais religiões do mundo, os seus fundadores, ideias e princípios morais. Toca a vida e obra de Jesus de Nazaré, a história da Igreja, a sua doutrina Social, os direitos humanos.<sup>191</sup> Estabelece as bases para o diálogo inter-religioso, entre a cultura e a fé. Destaca o património artístico e religioso da humanidade, os símbolos do cristianismo e das outras religiões, as formas de se relacionar com o sagrado, nas suas mais diversas manifestações, realizadas pela humanidade ao longo dos tempos.<sup>192</sup>

Este desenvolvimento abrange as áreas: intelectual, emocional, social, moral e religiosa. Sob o ponto de vista da organização curricular, compete à Igreja Católica, através dos órgãos próprios em que delega, a orientação dos programas, a edição de manuais e de outras ferramentas didático-pedagógicas, geralmente disponíveis nos sites da Conferência Episcopal Portuguesa, do Secretariado Nacional da Educação Cristã e dos diversos Secretariados Diocesanos.<sup>193</sup> Contudo, na nossa Prática de Ensino Supervisionada, procurámos criar os nossos próprios materiais, para podermos concretizar os objetivos didático-pedagógicos do nosso estágio e proporcionar aos alunos uma experiência de contacto com a disciplina única e memorável. De facto, os alunos que nos foram confiados tiveram, este ano letivo, o primeiro contacto com a disciplina e, quanto a nós, seria de todo relevante que gostassem do que aprenderam.

---

<sup>191</sup> Cf. *Ibidem*, 14.

<sup>192</sup> Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica - Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2007, 20-21.

<sup>193</sup> Cf. *Ibidem*, 9-10.

---

## **2. O núcleo de estágio: contexto, dificuldades e potencialidades**

Para compreendermos o contexto e o desenvolvimento da nossa Prática de Ensino Supervisionada, que está na base deste Relatório, começaremos por estabelecer uma análise descritiva da realidade escolar, para, em seguida, procedermos à caracterização da turma, que nos foi confiada no nosso estágio pedagógico. O contexto educativo é constituído pelas circunstâncias que o cercam e, de certa forma, condicionam. Deste modo, o meio ambiente socioeducativo em que se situa a escola é um fator a ter em conta quando se realiza o levantamento da realidade em que se irão desenvolver os processos e ações de ensino e aprendizagem. Do diagnóstico fazem parte não só as características sociais, culturais e económicas das famílias, mas também as condições básicas, de infraestrutura, serviços de apoio e a composição da comunidade educativa.<sup>194</sup> A sucinta contextualização do núcleo de estágio, que agora apresentamos, resulta não só da observação do meio escolar, do contacto com a comunidade educativa e com o grupo discente, prévia às lecionações, mas também da pesquisa documental, designadamente os documentos organizacionais, melhor referenciados em Bibliografia.

### **2.1. Caracterização do meio escolar**

Desenvolvemos a nossa prática de ensino, correspondente ao estágio pedagógico de EMRC do Curso de Mestrado em Ciências Religiosas, na Escola Básica do 1.º Ciclo de São Victor, situada na rua Beato Miguel de Carvalho, em Braga. Trata-se de uma das cinco escolas deste nível de ensino pertencentes ao Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. A sua área de implantação, de onde recebe a maior parte dos alunos, é o território da freguesia de São Victor.

---

<sup>194</sup> Cf. Marisela Arriaga Hernández. “El diagnóstico educativo, una importante herramienta para elevar la calidad de la educación en manos de los docentes”. *Atenas*, 3, 31 (2015), 69.

---



Figura 1: Edifício da Escola Básica do 1.º Ciclo de São Victor

Esta Freguesia, com cerca de 5 Km<sup>2</sup>, alberga atualmente mais de 32 mil habitantes.<sup>195</sup> É um espaço urbano da cidade de Braga, situado a nascente, na transição entre a parte antiga, que comunica com o centro histórico, e a parte moderna, vizinha da Universidade do Minho. Além da malha urbana, densamente povoada, integra pequenas bolsas de áreas agrícolas e um valioso património arquitetónico e paisagístico, marcado sobretudo pela magnífica Igreja Paroquial, anterior ao século XVII, e o Complexo Monumental das Sete Fontes, uma obra de engenharia hidráulica da época romana, ampliada na época medieval e consolidada no século XVIII, que forneceu água aos bracarenses até à década de sessenta do século XX.<sup>196</sup>

---

<sup>195</sup> Ricardo Silva. *Município. Freguesia de S. Victor*. Câmara Municipal de Braga. Consultado em: <https://www.cm-braga.pt/pt/0701/municipio/freguesias/item/item-1-383>.

<sup>196</sup> Luís Fontes; Francisco Andrade; Mário Pimenta; Maurício Guerreiro. “The water collecting system of the Sete Fontes, Braga (4th-20th century)”. *Arqueología de la Arquitectura*, 15 (2018), 4.

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, implantado na parte oriental da cidade, reúne sete estabelecimentos de educação e ensino, abrangendo todos os níveis de ensino até ao 9.º Ano, ou seja, desde o Pré-Escolar até ao 3.º Ciclo do Ensino Básico.<sup>197</sup> A sua comunidade educativa ultrapassa a cifra das mil e novecentas pessoas, repartidas por 1700 alunos, 75 docentes, 55 assistentes técnicos operacionais e 5 assistentes técnicos especializados.<sup>198</sup>

A população residente que envolve o território do Agrupamento caracteriza-se por ser composta por diferentes estratos sociais e económicos. Mas a nota mais importante é a diversidade cultural, devida à presença de muitos agregados familiares imigrantes, oriundos de diversas origens, com predominância do Brasil. Os dados que nos oferece o “Projeto Educativo”, referem a frequência das escolas do Agrupamento de 24 nacionalidades diferentes, representando cerca de 18% dos alunos inscritos em 2018. Por isso, o Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches é Território Educativo de Intervenção Prioritária, desde 2009, tendo sido incorporado na Rede de Escolas de Educação Intercultural, em 2017.<sup>199</sup>

## 2.2. Caracterização da turma

O conhecimento do contexto escolar e dos alunos é vital para o sucesso do processo educativo. Por um lado, os alunos têm a sua maneira específica de aprender; e, por outro, o contexto apresenta um conjunto de meios e condições, que influenciam o processo de ensino e aprendizagem. Por sua vez, os professores devem ajustar os métodos e formas de ensino às necessidades educativas dos alunos e às condições que encontram na escola e, em especial, na sala de aulas.<sup>200</sup>

Por isso, é importante que o professor estagiário tenha a oportunidade de frequentar o meio escolar e de observar o grupo, estabelecendo com ele uma primeira relação pedagógica,

---

<sup>197</sup> Cf. Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. *Projeto Educativo 2018-2022*. Braga, 2018, 3; cf. Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. *Regulamento Interno*. Braga, 2019, 14.

<sup>198</sup> Cf. Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. *Projeto Educativo 2018-2022*. Braga, 2018, 3; 5-6.

<sup>199</sup> Cf. *Ibidem*, 3-4; 6-11.

<sup>200</sup> Cf. Marisela Arriaga Hernández. “El diagnóstico educativo, una importante herramienta para elevar la calidad de la educación en manos de los docentes”. *Atenas*, 3, 31 (2015), 69.

antes da aplicação da prática de ensino, para que este conhecimento influencie positivamente a planificação e venha a favorecer a execução das tarefas de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, vários meses antes de darmos início às leccionações, no âmbito do estágio pedagógico, tivemos o privilégio de acompanhar a turma e de colaborar com os alunos na execução de algumas tarefas, em sala de aula, de acordo com a docente titular da disciplina de EMRC, que também nos orientava. Assim, a pouco e pouco, tornámo-nos familiares ao grupo, percebemos os seus interesses pessoais e coletivos, as suas dificuldades e potencialidades. Ao mesmo tempo, este período de observação que, em si, é já parte integrante do estágio pedagógico, facultou-nos uma leitura da realidade escolar concreta, bem como das potencialidades e limites dos materiais e equipamentos disponíveis na sala de aulas.

A turma frequentava o 1º Ano do Ensino Básico, sendo constituída por 21 alunos. Destes, 14 estavam inscritos na disciplina de EMRC, sendo 7 do sexo masculino e 7 do sexo feminino. No momento em que as leccionações ocorreram, todos tinham 6 anos de idade.

Pela observação prévia realizada, o grupo evidenciava ainda algumas notas das dificuldades de adaptação ao regime do Ensino Básico, devido aos hábitos adquiridos na frequência do Pré-Escolar. A transição entre estes dois contextos educativos, que se dá no 1.º Ano do 1.º Ciclo, constitui um momento sensível na vida das crianças, que pode influenciar o seu bem-estar emocional e condicionar o seu percurso escolar.<sup>201</sup>

No caso do nosso grupo de alunos, referimo-nos sobretudo à dificuldade em cumprir regras, a participação desorganizada e a facilidade de se levantarem do respetivo lugar sem requerer autorização. Os seus períodos de atenção eram geralmente curtos, mas, no decurso da nossa Prática de Ensino Supervisionada, percebemos que podiam ser prolongados através da utilização simultânea de diversos estímulos e recursos. Efetivamente, os alunos reagem bem à utilização de materiais audiovisuais, como pequenos vídeos, mas também à exploração de histórias, exposição dramatizada de conteúdos, músicas e poemas. Todos se mostraram interessados, dinâmicos, colaboradores e intervenientes, embora, nos momentos de diálogo se verificassem intervenções pouco organizadas e, por vezes, descontextualizadas.

---

<sup>201</sup> Cf. Luís Miguel Gonçalves de Oliveira. “Estratégias de transição entre a educação pré-escolar e o 1.º CEB: articulação e continuidade educativa”. *Revista San Gregorio*, 16 (2017), 55.

---

Atendendo à idade, sabíamos de antemão que o grupo deveria preferir aprender pelo contacto com situações exemplificadas de forma concreta, que tivessem alguma relação com a sua realidade conhecida. De facto, de acordo com a teoria do desenvolvimento cognitivo proposta por Jean Piaget, antes dos 7 anos de idade, a criança encontra-se no período da inteligência representativa, que conduz às operações concretas, caracterizada pela tendência de reconhecer a realidade de forma quantitativa.<sup>202</sup>

Daqui deriva a sua maior apetência para explorar o mundo real, corpóreo e material, que, como é evidente, coloca sérios desafios à EMRC, sobretudo quando se tem de falar do divino a crianças de seis anos, na exposição de conteúdos em contexto letivo. Conforme veremos adiante, uma das aprendizagens essenciais consiste em “Reconhecer Deus, na mensagem cristã, como o Criador”<sup>203</sup>.

Porém, pelos 5 ou 6 anos, a psicologia da aprendizagem, desenvolvida pelo mesmo autor, diz-nos que a criança dá início às funções orientadas, para o que concorrem os vários tipos de memória e conservação, que contribuem para compreender e interpretar melhor a comunicação concreta. Portanto, nesta idade, as crianças são atraídas pela execução de tarefas intelectuais básicas e por jogos com regras simples, pois já desenvolvem um certo pensamento lógico-matemático.

Além disso, na passagem do Pré-escolar para o 1º Ano do Ensino Básico, aumentando a consciência recíproca, os alunos tornam-se menos egocêntricos, começam a perceber os pontos de vista diferentes do seu, aprendem a resolver problemas de forma autónoma e aceitam o controlo externo das suas ações e produções.<sup>204</sup> Portanto, começam a ter a perceção de que o pensamento e os sentimentos dos outros podem ser diferentes dos seus, passando a desenvolver a capacidade para inferir ideias, intenções e sentimentos a partir do comportamento dos outros, mesmo que sejam personagens de uma história.<sup>205</sup>

---

<sup>202</sup> Cf. Jean Piaget; Rolando García. *Las explicaciones causales*. Barcelona: Barral, 1973, 10-11; Cf. Jean Piaget. “La teoría de Piaget”. *Infancia y aprendizaje*, 4 (1981), 19-22.

<sup>203</sup> Direção-Geral da Educação. *Aprendizagens Essenciais. Educação Moral e Religiosa Católica. 1.º Ano - 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Direção-Geral da Educação, 2018, 6.

<sup>204</sup> Cf. Jean Piaget; Rolando García. *Las explicaciones causales*. Barcelona: Barral, 1973, 10-11; Cf. Jean Piaget. “La teoría de Piaget”. *Infancia y aprendizaje*, 4 (1981), 19-22.

<sup>205</sup> Cf. Cristina Sá Carvalho. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2014, 165.

---

Conforme se percebe, a verificação destas características contribuiu para nos ajudar, no momento da planificação, a escolher as melhores estratégias didático-pedagógicas para, na aplicação da nossa prática letiva, captar a atenção de cada um dos discentes e mantê-los focados nas aprendizagens e dinâmicas implementadas. Conforme pudemos constatar ao longo da nossa Prática de Ensino Supervisionada, a aprendizagem faz-se com entusiasmo, de modo factual, processual e casuístico.

Registamos também que o “Programa de Educação Moral e Religiosa Católica”, para esta faixa etária, em conformidade com as dimensões pedagógicas que afetam os conteúdos programáticos, está perfeitamente ajustado às características intelectuais e psicológicas dos alunos do 1º Ano, atendendo a que o 1º Ciclo do Ensino Básico é:

“Um tempo para ir além do círculo familiar e explorar ludicamente as capacidades emergentes, para aprender o uso do corpo, mente e objetos materiais, as ferramentas práticas do mundo adulto, o desenvolvimento de um sentido de crescimento, superação, trabalho e esforço. O trabalho escolar deve proporcionar objetivos claros e oportunidades de sucesso para que a criança se mantenha motivada para crescer e aprender, evitando sentimentos de inadequação ou inferioridade”<sup>206</sup>.

Portanto, no momento de planificar a nossa prática de ensino, partimos do princípio de que os conteúdos e as Aprendizagens Essenciais, previstos para a Unidade Letiva “Cuidar da Natureza”, se encontram criteriosamente ajustados à mentalidade e experiência humana das crianças deste nível de ensino, que se caracteriza por uma conceção da realidade demarcada pelo concreto, pelo observado e pelo experimentado.

Neste enquadramento, a respeito da dimensão teológica e religiosa, atendendo às características intelectuais, psicológicas e sociais da criança com 6 anos, encontra-se ao seu alcance uma visão antropomórfica de Deus, sem que isso signifique a anulação da sua divindade. A criança entende os traços de Deus e os atributos da sua ação, como se de um ser humano se tratasse. Neste âmbito poderá igualmente reconhecer conceitos diferenciados sobre Deus, como, por exemplo, ser o autor da Criação e o interlocutor de Adão e Eva.<sup>207</sup> Portanto, nesta idade, Deus surge na mente infantil como sendo uma personagem real e presente. No

---

<sup>206</sup> Cf. *Ibidem*, 165.

<sup>207</sup> Cf. Fernando Martel. “Las primeras imágenes de Dios en los niños”. *Proyección: Teología y Mundo Actual*, 227 (2007), 309-323.

fundo, esta conceção é compatível com o Deus Todo-Poderoso, também veiculado pela Teologia e, de forma usual, na liturgia, em referência, por exemplo, ao Credo cristão.<sup>208</sup> Todavia, na condição de docentes de EMRC, devemos estar precavidos para a eventualidade de, em momentos aprendizagens anteriores, em casa ou na catequese, a criança ter desenvolvido uma imagem de Deus estereotipada, associada à figura do pai, de um idoso, entre outras possibilidades.

Entre os 3,5 e os 6 anos: nesta segunda etapa, a primeira noção de Deus, que a criança concebe em termos familiares: como um homem velho, um pai ou filho dotado de poderes mágicos. Conceitualmente, Deus tem três conotações vitais: Deus é Todo-poderoso, Deus é bom, Deus é Pai. Nesta etapa, surgem, portanto, os primeiros sinais da futura religiosidade<sup>209</sup>.

Assim, antes de aplicar a nossa Prática de Ensino Supervisionada, desencadeamos o processo de planificação da Unidade Letiva cientes de que a forma de ver Deus, na perspetiva das crianças de 6 anos, é compatível com o seu reconhecimento como o Criador, conceito que integra as Aprendizagens Essências previstas,<sup>210</sup> conforme veremos em seguida.

### **3. Descrição da Unidade Letiva “Cuidar da Natureza”**

O Programa de EMRC encontra-se organizado por níveis de ensino, desde o 1.º ao 12.º Ano de escolaridade, cobrindo todos os ciclos do Ensino Básico e Secundário. Em cada nível encontramos diversas Unidades Letivas.<sup>211</sup> No caso do 1.º Ano do 1.º Ciclo, temos dispostas as seguintes:

---

<sup>208</sup> Cf. Victor Ordoñez Yunda. *De la idea de Dios en los niños de grado sexto de la Institución Educativa San Luis Beltran y su influencia en la vida cotidiana*. Neiva: Universidad Santo Tomás, Facultad de Educación - Licenciatura en Filosofía y Educación Religiosa, 2018, 47-49. Consultado em: <https://tinyurl.com/28q6dhf9>.

<sup>209</sup> Giraldo Andrade, Yamileth. *Dios y los niños. Orientación y propuesta pastoral para iluminar la problemática relacional de los niños, a partir del amor de Dios*. Santiago de Cali: Universidad Pontificia Bolivariana, Facultad de Filosofía, Teología y Humanidades, 2020, 17. Consultado em: <https://tinyurl.com/2dy7v6aq>.

<sup>210</sup> Cf. Direção-Geral da Educação. *Aprendizagens Essenciais. Educação Moral e Religiosa Católica. 1.º Ano - 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Direção-Geral da Educação, 2018, 6.

<sup>211</sup> Cf. *Ibidem*, 9.

**Unidade Letiva 1:** Ter um Coração Bondoso;

**Unidade Letiva 2:** Jesus Nasceu;

**Unidade Letiva 3:** Crescer em Família;

**Unidade Letiva 4:** Cuidar da Natureza.<sup>212</sup>

Esta última, que foi a nossa opção, desenvolve os objetivos do Programa, estabelecidos em 2015, indo ao encontro das Aprendizagens Essenciais, homologadas em 2018. De certo modo, podemos dizer que foi a articulação entre o conhecimento prévio do grupo, com os objetivos e os conteúdos das Aprendizagens Essenciais, que orientou as ações de ensino e aprendizagem por nós aplicadas, determinando também as estratégias didático-pedagógicas adotadas em cada aula.<sup>213</sup>

Uma das figuras centrais e exemplares apresentadas no Programa para exemplificar o cuidado, respeito e o amor que devemos nutrir para com a Natureza é Francisco de Assis. É extraordinário que, no século XIII, em plena Idade Média, haja um homem que tenha tido uma visão de futuro tão extensa. O modo como Francisco de Assis vê o mundo natural está cheio de lucidez, reverência e respeito em relação a todas as obras da criação, por referência ao Criador. Como nos diz Leonardo Boff, para Francisco de Assis todas as coisas criadas são relevantes e não existem para estar simplesmente ao alcance do apetite possessivo do ser humano, mas para serem colocadas lado a lado com ele. Todos os seres, animados e inanimados têm a sua razão de ser e estabelecem laços de sangue com a humanidade, morando juntos na mesma casa comum.<sup>214</sup>

São Francisco de Assis (1182-1226) foi nomeado padroeiro da ecologia por João Paulo II, em 29 novembro de 1979, pela Bula *Inter sanctos*. Neste texto papal podemos ler que:

“Entre os santos e homens ilustres que tiveram um amor singular à natureza, como um magnífico dom feito por Deus à humanidade, inclui-se precisamente São Francisco de Assis. Ele, de facto, apreciou muito todas as obras do Criador e, com inspiração quase sobrenatural, compôs aquele belo ‘Cântico das Criaturas’, através do

---

<sup>212</sup> Cf. Cristina Sá Carvalho (Coord). *O Girassol. Manual do 1.º Ano do Ensino Cásico – Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015, 2-3; 55-66.

<sup>213</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>214</sup> Cf. Leonardo Boff. *San Francisco de Asís: Ternura y Vigor. Una lectura desde los pobres*. Santander: Editorial Sal Terrae, 1982, 59.

qual, especialmente do irmão sol, irmã lua e das estrelas, ele prestou ao todo-poderoso e bom Senhor devido louvor, glória, honra e toda bênção. [...] Portanto, nós, conhecendo o parecer da Sagrada Congregação para os Sacramentos e Culto Divino, através desta nossa Bula e perpetuamente, proclamamos São Francisco de Assis celeste Padroeiro do zelo ecológico”<sup>215</sup>.

Leonardo Boff comprova que aquilo “que Francisco de Assis intuía em sua mística cósmica, chamando a todos os seres com o doce nome de irmãos e irmãs, nós o sabemos por experimentação científica”<sup>216</sup>. No mesmo sentido a Encíclica *sobre o cuidando da casa comum* o diz de forma bela:

“Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra”<sup>217</sup>.

Francisco de Assis propõe um modelo que supera a razão e que tem no coração o seu centro, ou seja, a ternura e a comunhão o humano, as criaturas e a natureza em geral. Na nossa prática de ensino, conforme veremos, a história deste santo prende-se com o acontecimento que envolve a reconciliação da cidade de Gúbio, na Itália, com um lobo feroz que vivia nas imediações e atacava terrivelmente a população e os seus animais e rebanhos. Reservamos esta figura para a última lição, depois de termos estudado a diversidade da vida na terra, a criação do mundo e os problemas ambientais.

### 3.1. Organização Curricular, Domínios e Aprendizagens Essenciais

Tratando-se de um grupo de alunos do 1.º Ano do Ensino Básico, não podíamos ser demasiado ambiciosos no que respeita à aquisição formal de conhecimentos, nomeadamente de carácter teórico, pois, como atrás dissemos, os alunos nesta faixa etária têm uma forma de

---

<sup>215</sup> João Paulo II. “Bula *Inter sanctos*”. Consultado em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost\\_letters/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19791129\\_inter-sanctos.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1979/documents/hf_jp-ii_apl_19791129_inter-sanctos.html).

<sup>216</sup> Leonardo Boff. “O Desafio Ecológico à Luz da *Laudato si'* do Papa Francisco e da Cop21 de Paris”. In Héctor Alimonda (Org.); cf. Catalina Toro Pérez; Facundo Martín. *Ecología Política Latinoamericana: Pensamiento Crítico, Diferencia Latinoamericana y Rearticulación Epistémica*. Buenos Aires: CLACSO, 2017, 216-217.

<sup>217</sup> LS, 92; cf. 86.

aprender que se nutre mais do exemplo concreto e do enredo lógico, do que conceptual. Todavia, a nossa preocupação serenou ao constatarmos que essas Aprendizagens Essenciais serão retomadas, mais tarde, pelos alunos, acreditando obviamente que se manterão inscritos em EMRC. Isto porque:

“Na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica a organização curricular desenvolve-se em espiral, onde os mesmos conhecimentos, capacidades e atitudes são desenvolvidos com maior profundidade ao longo do tempo de forma a transformar as representações mentais, as competências e as atitudes na medida em que a capacidade de cognição dos alunos evolua”<sup>218</sup>.

Esta forma de organizar o percurso curricular da EMRC segue o modelo proposto por Jerome Bruner,<sup>219</sup> segundo o qual os alunos voltam a ter a possibilidade de aprender mais sobre os mesmos temas, uma vez que vão estudá-los várias vezes, ao longo do seu percurso académico. Veremos em que níveis de ensino isso sucede, no que toca às Aprendizagens Essenciais da Unidade Letiva aplicada, quando falarmos da articulação intradisciplinar.

Cientes da dinâmica interna da disciplina, sentimo-nos mais confiantes para desenvolver o nosso trabalho docente em função do nosso grupo/turma. Ou seja, os conteúdos a lecionar e a forma de os aplicar aos alunos do 1º Ano, no âmbito do desenvolvimento da Unidade Letiva “Cuidar da Natureza”, poderiam e deviam, antes de mais, ser ajustados e adaptados à realidade concreta conhecida dos nossos alunos. Aliás, esse é um dos princípios consagrados pela forma de desenvolvimento do currículo em espiral, defendido no próprio Programa da disciplina, onde se preceitua que temas sejam abordados em consonância com a evolução cultural e afetiva dos alunos, com a sua faixa etária e com a sua capacidade reflexiva, de forma a contribuir para a “estruturação do seu agir ético e moral, a partir da visão cristã da vida e da experiência religiosa, tornando possível que progridam de forma equilibrada à plenitude do humano”<sup>220</sup>.

Desde o 1.º ao 12.º Ano, a disciplina abarca três domínios de aprendizagem:

---

<sup>218</sup> Direção-Geral da Educação. *Aprendizagens Essenciais. Educação Moral e Religiosa Católica. 1.º Ano - 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Direção-Geral da Educação, 2018, 2.

<sup>219</sup> Cf. Moisés Guilar. “Las ideas de Bruner: De la revolución cognitiva a la revolución cultural”. *Educere*, 44 (2009), 236-237. Jerome Bruner foi um dos psicólogos que inovou na psicologia da educação propondo um modo de aprender de forma progressiva e em espiral, com base na sua reflexão sobre a relação da mente humana com a aquisição cultural, desenvolvida no âmbito da sua psicologia cognitiva.

<sup>220</sup> Direção-Geral da Educação. *Aprendizagens Essenciais. Educação Moral e Religiosa Católica. 1.º Ano - 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Direção-Geral da Educação, 2018, 2.

- Domínio da Religião e Experiência Religiosa;
- Domínio da Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida;
- Domínio da Ética e da Moral.<sup>221</sup>

Os domínios de aprendizagem são as áreas de ensino abrangidas pela disciplina, “que agregam logicamente os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer (campos de conhecimento, conteúdo) e do que o aluno deve saber fazer (processos ou competências)”<sup>222</sup>. O currículo da disciplina é desenvolvido de forma harmoniosa e equilibrada, mas atribui maior peso ao domínio “Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida”<sup>223</sup>, circunstância que veio a refletir-se na nossa Prática de Ensino Supervisionada, conforme veremos.

Na aplicação da nossa prática letiva desenvolvemos os seguintes domínios de aprendizagem:

<b>Domínios de Aprendizagem</b>	
Aula 1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida.</li> </ul>
Aula 2	
Aula 3	
Aula 4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida.</li> <li>• Domínio da Ética e da Moral.</li> </ul>
Aula 5	
Aula 6	

Tabela 2: Domínios de aprendizagem desenvolvidos

Enquanto documento curricular, as Aprendizagens Essenciais orientam a planificação, aplicação e avaliação do ensino e da aprendizagem, no propósito de desenvolver as áreas de competências do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.<sup>224</sup> Como conjunto

<sup>221</sup> Cf. Cristina Sá Carvalho. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2014, III.

<sup>222</sup> *Ibidem*, 8.

<sup>223</sup> Cf. *Ibidem*, III.

<sup>224</sup> Martins, Guilherme (Coord.); Carlos Gomes; Joana Brocardo; José Pedroso; José Carrillo; Luísa Silva; Maria Encarnação; Maria Horta; maria Calçada; Rui Nery; Sónia Rodrigues. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Direção-Geral Da Educação, 2017.

organizado de conhecimentos, capacidades e atitudes, são a base comum de referência para a aprendizagem de todos os alunos, ou seja, o denominador curricular comum que todos os alunos têm o direito de aprender.<sup>225</sup> Expressam-se na seguinte tríade de elementos:

- “a) o que os alunos devem saber (os conteúdos de conhecimento disciplinar estruturado, indispensáveis, articulados conceitualmente, relevantes e significativos);
- b) os processos cognitivos que devem ativar para adquirir esse conhecimento (operações/ações necessárias para aprender);
- c) o saber fazer a ele associado (mostrar que aprendeu), numa dada disciplina — na sua especificidade e na articulação horizontal entre os conhecimentos de várias disciplinas —, num dado ano de escolaridade”<sup>226</sup>.

Em EMRC, cada nível de ensino obedece a Aprendizagens Essenciais específicas, distribuídas pelas Unidades Letivas próprias. Na Unidade Letiva número 4, do 1.º Ano do 1.º Ciclo do Ensino básico, “Cuidar da Natureza”, as Aprendizagens Essenciais definidas incidem no respeito pela vida na Terra:

- Descobrir a beleza e a diversidade da vida na Terra;
- Identificar a Terra como a nossa casa comum;
- Reconhecer Deus, na mensagem cristã, como o Criador;
- Promover atitudes de defesa da vida na Terra.<sup>227</sup>

Estas Aprendizagens Essenciais foram estabelecidas com base no Programa de EMRC, nas Metas Curriculares, na Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, no referencial para a Segurança, a Defesa e a Paz, no referencial para o Desenvolvimento e no referencial para a Dimensão Europeia da Educação.<sup>228</sup> Vejamos no seguinte quadro como foram aplicadas durante a nossa Prática de Ensino Supervisionada.

---

<sup>225</sup> Cf. Direção-Geral da Educação. “Aprendizagens Essenciais”. Lisboa: Direção-Geral da Educação, 2018. Consultado em: <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-0>.

<sup>226</sup> *Ibidem*.

<sup>227</sup> Cf. Direção-Geral da Educação. *Aprendizagens Essenciais. Educação Moral e Religiosa Católica. 1.º Ano - 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Direção-Geral da Educação, 2018, 6.

<sup>228</sup> Cf. *Ibidem*, 1.

<b>Aplicação das Aprendizagens Essenciais</b>	
Aula 1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descobrir a beleza e a diversidade da vida na Terra.</li> <li>• Identificar a Terra como a nossa casa comum.</li> </ul>
Aula 2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descobrir a beleza e a diversidade da vida na Terra.</li> </ul>
Aula 3	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descobrir a beleza e a diversidade da vida na Terra.</li> <li>• Reconhecer Deus, na mensagem cristã, como o Criador.</li> </ul>
Aula 4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer Deus, na mensagem cristã, como o Criador.</li> <li>• Promover atitudes de defesa do Planeta e da vida na terra.</li> </ul>
Aula 5	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer Deus, na mensagem cristã, como o Criador.</li> <li>• Promover atitudes de defesa do Planeta e da vida na terra.</li> </ul>
Aula 6	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer Deus, na mensagem cristã, como o Criador.</li> <li>• Promover atitudes de defesa do Planeta e da vida na terra.</li> </ul>

Tabela 3: Aprendizagens Essenciais aplicadas

### **3.2. Articulação intradisciplinar e interdisciplinar**

A organização curricular em espiral, como atrás dissemos, permite que as principais temáticas lecionadas em EMRC num nível de ensino mais elementar, venha a ser retomada noutros níveis de ensino posteriores. Neste caso, a Unidade Letiva “Cuidar da Natureza” possibilita, no futuro, três articulações intradisciplinares com outros temas que serão tratados pela disciplina, nos 6.º, 7.º e 8.º Anos de escolaridade, respetivamente no desenvolvimento das Unidades Letivas “A Partilha do Pão”, lecionada ao 6.º Ano, no 2.º Ciclo; “As origens”, lecionada ao 7.º Ano, no 3.º Ciclo; e “Ecologia e Valores, dada ao 8.º Ano, no 3.º Ciclo.<sup>229</sup>

Para além da intradisciplinaridade, inerente à organização interna em espiral do Programa de EMRC, desenvolvem-se também conceções interdisciplinares, entre a EMRC e outras disciplinas. Mas, atendendo a que os alunos do 1.º Ciclo vêm a maior parte das matérias lecionadas por um único professor, designado titular de turma, será que podemos falar de interdisciplinaridade?

---

<sup>229</sup> Cf. *Ibidem*, 3. Este documento apenas refere duas articulações intradisciplinares com as Unidades Letivas “A Partilha do Pão”, lecionada ao 6.º Ano, e “Ecologia e Valores, lecionada ao 8.º Ano, no 3.º Ciclo.

A interdisciplinaridade é “a integração interna e conceptual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas, com o fim de dar uma visão unitária de um sector do saber”<sup>230</sup>. Ora, ao contrário dos outros ciclos de ensino, em que cada professor se preocupa sobretudo em ensinar saberes e práticas da sua própria disciplina, no 1.º Ciclo, sendo um único professor a lecionar as diversas áreas do saber, a interdisciplinaridade sai naturalmente reforçada.

Assim, a nível interdisciplinar, os conteúdos da nossa Unidade Letiva proporcionam pontos de articulação com outras áreas disciplinares, desenvolvidas ao longo do 1.º Ano do 1.º Ciclo, nomeadamente com Português, Estudo do Meio e Expressões Artísticas,<sup>231</sup> tais como os seres vivos do seu ambiente, a criação de animais e o cultivo de plantas, os cuidados a ter com a natureza, os animais e as plantas; a representação da diversidade da vida no Planeta Terra. Efetivamente, na nossa Prática de Ensino Supervisionada, pudemos verificar que o grupo mobilizava com relativa facilidade saberes anteriormente adquiridos noutras áreas disciplinares, o que favoreceu o nosso processo de ensino e a sua aprendizagem.

#### **4. Estratégias de Aprendizagem**

As estratégias didático-pedagógicas de aprendizagem referem-se ao ato de planejar, sequenciar e orientar. O estratega projeta, ordena e orienta um número determinado de operações com a finalidade de atingir uma finalidade. Do mesmo modo, no ensino, as estratégias dizem respeito às operações teórico-práticas, que o professor adota para organizar, mediar, facilitar e promover as ações de ensino e de aprendizagem.<sup>232</sup> Neste sentido, as atividades que implementámos na nossa Prática de Ensino Supervisionada, foram por nós selecionados para promover a aquisição, transferência e permanência de informação e conhecimento junto dos alunos. Especificamente, pode-se dizer que as diversas estratégias didático-pedagógicas, que constam da nossa planificação e em seguida apresentamos, tiveram

---

<sup>230</sup> Olga Pombo; Henrique Guimarães; Teresa Levy. *A interdisciplinaridade – Reflexão e Experiência*. Lisboa: Texto Editora, 1994, 10.

<sup>231</sup> Cf. *Ibidem*, 6.

<sup>232</sup> Cf. Ilber Darío Saza Garzón; Doris Patricia Mora Marín; Fernando Santamaría González. *Estrategias didácticas apoyadas por tecnologías web*. Bogotá: Corporación Universitaria Minuto de Dios – UNIMINUTO, 2016, 21.

o objetivo de facilitar a construção, a apropriação e a aplicação dos conhecimentos veiculados.<sup>233</sup>

Para tal, articulámos métodos, técnicas e recursos, tanto materiais como digitais, de forma a responder o melhor possível às várias maneiras de aprender dos alunos, no 1.º Ano do 1.º Ciclo. As nossas estratégias contribuíram para ativar o seu potencial a aprendizagem e promover o desenvolvimento de competências e atitudes, tais como, entre outras: o pensamento crítico e criativo, o gosto e a responsabilidade pela aprendizagem, a aquisição e organização de saberes e a aplicação das informações em novos contextos.<sup>234</sup>

#### 4.1. Construção do conhecimento

A construção do conhecimento de cada indivíduo não é feita unicamente na escola. Ela decorre de todo o tipo de experiências ao longo da vida e em todos os seus contextos, que nos vão estimulando e proporcionando novos saberes. Por outro lado, o saber não é apenas aquele que experimentamos, mas também o que nos é transmitido. A escola e, em particular, o professor tem como dever profissional ensinar e transmitir conhecimentos, práticas, saberes e experiências.

“A função de ensinar, nas sociedades atuais, e retomando uma outra linha de interpretação do conceito, é antes caracterizada, na nossa perspectiva, pela figura da dupla transitividade e pelo lugar de mediação. Ensinar configura-se assim, nesta leitura, essencialmente como a especialidade de fazer aprender alguma coisa (a que chamamos currículo, seja de que natureza for aquilo que se quer ver aprendido) a alguém”<sup>235</sup>.

No passado, o papel do professor residia mais na transmissão de informação intelectual e prática. Atualmente cabe-lhe também estimular o desenvolvimento de uma consciência crítica, tornando os discentes cidadãos cientes, críticos e criativos. Com o acesso às tecnologias

---

<sup>233</sup> Cf. Yolanda Campos. “Estrategias de enseñanza y aprendizaje”. In Yolanda Campos. *Estrategias didácticas apoyadas en Tecnología*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2000, 1

<sup>234</sup> Cf. Katherine Campusano Cataldo; Catherine Díaz Olivos. *Manual de Estrategias Didácticas: Orientaciones para su Selección*. Santiago: Ediciones INACAP, 2017, 1.

<sup>235</sup> Maria do Céu Roldão. “Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional” *Revista Brasileira de Educação*, 12 (2007), 95.

vocacionadas para o ensino, os alunos têm novas formas de observar o Planeta, tomando consciência dos perigos que a biodiversidade enfrenta. Por isso, nas nossas aulas utilizámos recursos informáticos para acompanhar as diversas aprendizagens efetuadas, nomeadamente as apresentações de PowerPoint, vídeos, imagens, músicas, canções e histórias. Mas também utilizámos recursos físicos, que foram essenciais para promover aprendizagens significativas com os nossos alunos.

#### ***4.1.1. Mobilização de conhecimentos***

As estratégias de mobilização de conhecimentos são utilizadas antes dos momentos de transmissão de conteúdos. Apela simultaneamente a experiências vividas ou sentidas pelos discentes, conhecimentos prévios detidos por cada elemento do grupo e informações ou conhecimentos obtidos a partir de lecionações anteriores. A implementação destas estratégias deve ter em mente o que se espera que os alunos aprendam, pelo que o foco central das perguntas e interações incide principalmente sobre a identificação dos conceitos centrais da informação, partindo da ativação dos presumíveis conhecimentos prévios e antecedentes experimentais da vida real, que o grupo possa partilhar. Posteriormente, permitem a interligação com as novas aprendizagens, a partir de problemas detetados, hipóteses de resolução e conteúdos derivados, objetivando as aprendizagens essenciais da nova lecionação.<sup>236</sup>

Nas nossas lecionações, desenvolvemos sempre vários momentos de mobilização de conhecimentos prévios dos alunos, que, por serem do 1º Ano, têm a sua maneira própria de ver o mundo e oferecem-nos uma sensibilidade ecológica compatível com os valores de respeito para com a natureza. Efetivamente, os temas ambientais tornaram-se hoje de grande interesse educacional dado que, em alguns casos, se considera que os problemas com o meio ambiente e a biodiversidade têm origem numa desordem e falta de valores causada por uma crise da consciência moral característica da sociedade atual e do mundo desenvolvido. Por isso, é uma tarefa urgente e essencial o ensino de valores ambientais nos primeiros anos de educação da criança, trabalhando no desenvolvimento de estratégias que abordem questões relativas à

---

<sup>236</sup> Cf. Yolanda Campos. “Estrategias de enseñanza y aprendizaje”. In Yolanda Campos. *Estrategias didácticas apoyadas en Tecnología*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2000, 1.

---

interação humana com o meio ambiente, a fim de obter uma formação mais abrangente que, a longo prazo, promova e suporte relações de harmonia, respeito e cuidado pelo Planeta Terra.<sup>237</sup>

### ***Revisão das aprendizagens da aula anterior***

O primeiro momento de mobilização de conhecimentos, constante no começo de todas as aulas foi composto pela revisão das aprendizagens da aula anterior, consoante o quadro que segue abaixo. Na estratégia privilegiámos o diálogo conduzido através da inserção de perguntas intercaladas. Além das questões motivadoras, “O que aprendemos?”; “O que temos de melhorar?”, no desenvolvimento da interação docente/discentes fomos colocando perguntas para facilitar e orientar o diálogo, captar a atenção da turma, gerar atividade mental, descodificar sentidos literais, construir conexões entre matérias e solicitar informação, mantendo o foco nos assuntos tratados na leção anterior e fazendo a ponte para os assuntos da aula em curso.<sup>238</sup>

Aula 1	<b>Questões motivadoras:</b> O que aprendemos? O que temos de melhorar?
Aula 2	
Aula 3	
Aula 4	<b>Interação docente/discentes em grande grupo:</b> Em diálogo com os alunos, recordar os conteúdos ensinados, identificar e reforçar as aprendizagens efetuadas.
Aula 5	
Aula 6	

Tabela 4: Revisão das aprendizagens da aula anterior

---

<sup>237</sup> Cf. Eslava-Zapata, Rolando; Marylin Zambrano-Vivas; Edixon Chacón-Guerrero; Hilário González-Júnior; Andersson Martínez-Nieto. “Estrategias didácticas para la promoción de valores ambientales en la educación primaria” *AiBi Revista de Investigación, Administración e Ingeniería*, 6 (2018), 63.

<sup>238</sup> Cf. Yolanda Campos. “Estrategias de enseñanza y aprendizaje”. In Yolanda Campos. *Estrategias didácticas apoyadas en Tecnología*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2000, 6.

### *Atividade focal introdutória e ligação com a aula anterior*

Após a revisão das aprendizagens das aulas anteriores, procurou-se atrair a atenção dos alunos, ativar os seus conhecimentos prévios e criar situações motivacionais gerando interesse e empenho. Para isso, servimo-nos não só da referência a situações da vida real, análogas, lógicas e normais, mas também da implementação de situações surpreendentes, incongruente e discrepantes, face ao conhecimento anterior evidenciado pelos alunos.<sup>239</sup> Vejamos como ocorrem ao longo das 6 aulas.

Aula 1	<p>Análise da imagem de capa da Unidade Letiva 4:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>O que vez na imagem?</b> Conduzir os alunos pelos diversos elementos da natureza que aparecem na imagem do livro.</li><li>• <b>O que estão a fazer os meninos e as meninas?</b> Questionar os alunos sobre o que cada personagem do desenho está a fazer (semear, cultivar, beber, regar, colher flores...).</li></ul>
Aula 2	<p>A diversidade da vida na Terra:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Ligação com a aula anterior:</b> Partindo das aprendizagens da aula anterior, a docente expõe que no Planeta terra há uma grande diversidade de seres vivos (plantas, animais, aves, peixes, insetos, etc.).</li></ul>
Aula 3	<p>De onde vem tudo isto?</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Mobilização de conhecimentos dos alunos:</b> Partindo da diversidade da vida na terra e da riqueza da natureza, a docente questiona os alunos se sabem de onde vêm as plantas, animais, aves, peixes, insetos, etc. e tudo o que nos faz felizes. As crianças dão a sua opinião.</li></ul>
Aula 4	<p>Que aconteceu ao Mundo?</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Mobilização de conhecimentos dos alunos:</b> Solicitar ao aluno P..., que na aula anterior disse que o mundo estava a morrer, o porquê da sua afirmação. Solicitar a todos os alunos/as mais outros possíveis conhecimentos sobre os atentados contra o Planeta e contra a vida.</li><li>• <b>Síntese:</b> Por causa de tudo isto, o mundo não está feliz. Erguer e exibir o <b>Mundo triste</b> (2º pictograma giratório em cartão; e slide 9).</li></ul>
Aula 5	<p>Que tristeza, o Mundo está triste...</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>O Mundo ainda está Triste</b>, porque há muito lixo e a energia/combustível que usamos não é limpa (poluímos muito o Planeta para produzir energia/combustível).</li><li>• <b>Mobilização de conhecimentos dos alunos/as:</b> - Perguntar, de acordo com o que aprendemos: 1. Que tipo de energia usamos que não é limpa? 2. Qual é o elemento da criação mais claro e mais limpo? Valorizar: luz e Sol.</li><li>• <b>Síntese:</b> O sol é o elemento da criação mais claro, porque é luz e é a fonte de energia mais limpa.</li></ul>

---

<sup>239</sup> Cf. *Ibidem*, 1.

Aula 6	<p><b>À descoberta do Sol:</b> A docente recorda que o Sol é uma fonte de energia limpa e lembra os desenhos da aula anterior.</p>
	<p><b>Deus é o único Criador e nós somos todos irmãos:</b> <b>Estratégia (Interação docente-alunos/as):</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilizando o pictograma do Mundo com a criação, a docente e os alunos/as percorrer a sequência, reforçando os elementos criados nos dias a negrito:</li> <li>1º Dia: A luz: o dia e a noite</li> <li>2º Dia: O céu e as águas</li> <li><b>3º Dia: A terra e as plantas</b></li> <li><b>4º Dia: O Sol, a Lua e as estrelas</b></li> <li><b>5º Dia: Os peixes e as aves</b></li> <li><b>6º Dia: Os animais e o ser humano</b></li> <li>7º Dia: O descanso e a contemplação</li> <li>• <b>Síntese:</b> Todas as coisas criadas são nossas irmãs, por isso, temos de respeitar não só as pessoas, mas também os animais e a natureza.</li> </ul>

Tabela 5: Atividade focal introdutória e ligação com a aula anterior

#### 4.1.2. *Exposição de conteúdos*

Depois de termos mobilizado o conhecimento prévio e a participação ativa dos discentes, chega o momento da exposição de conteúdos, que procurámos desenvolver de forma dialogada e esteticamente apelativa, investindo no fator surpresa, que, para o nosso grupo, foi sempre vantajosa. A exposição de conteúdos dialogada conta com a participação ativa do grupo/turma, considerando não apenas os seus conhecimentos prévios, como ponto de partida, mas também as suas questões, respostas, hipóteses, soluções e dificuldades, a partir do reconhecimento e do confronto com a realidade.<sup>240</sup> Estes diálogos estabelecidos com os alunos foram sempre por nós orientados, ou seja, centrados no tópico e nos objetivos específicos de cada aprendizagem. Para isso, seguimos os seguintes critérios:

- Clareza sobre os objetivos do diálogo;
- Provocar o diálogo através de uma questão/situação centrada na temática;
- Incentivar o diálogo informal e a participação de todos;
- Permitir aos discentes a elaboração de novas questões e hipóteses;
- Gerir o tempo de modo a evitar a dispersão e focar o essencial;
- Encerrar o diálogo, resumindo os pontos essenciais.<sup>241</sup>

---

<sup>240</sup> Cf. Sady Mazzioni. “As estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem: conceções de alunos e professores de ciências contábeis”. *Revista Eletrónica de Administração e Turismo-ReAT*, 2. N.º1 (2013), 98.

<sup>241</sup> Cf. Yolanda Campos. “Estrategias de enseñanza y aprendizaje”. In Yolanda Campos. *Estrategias didácticas apoyadas en Tecnología*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2000, 2.

Sendo as Aprendizagens Essenciais,<sup>242</sup> que envolvem a nossa Unidade Letiva, facilmente materializáveis no imaginário dos alunos do 1.º Ano, cuja aptidão se situa ao nível das operações concretas, partimos do mundo real por eles conhecido, através de simulações e explorações de exemplos, contemplação de objetos, referência a pessoas, instituições e outras situações análogas. O mesmo se aplica ao tema “A história da Páscoa”, introduzido na aula 5, externo à Unidade Letiva, mas que ocorreu na semana anterior à pausa letiva do 2.º Período e foi aplicado de acordo com a orientação da professora cooperante, a planificação do Agrupamento e os interesses dos alunos. Neste enquadramento, a par com as estratégias didático-pedagógicas implementadas, foi relevante o recurso à observação e análise da realidade mediada por vídeos, fotografias e representações gráficas, recursos esses, conforme os casos, compilados, adaptados e criados por nós. Vejamos as estratégias adotadas na exposição de conteúdos, agregadas na seguinte tabela.

Aula 1	<p>O Planeta Terra, nossa casa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>‘T’ de Terra.</b> Exibir o globo terrestre e indicar a letra ‘T’ de Terra. Indicar na sala onde está a letra ‘T’.</li> <li>• <b>Vivemos numa casa comum: o Planeta Terra.</b> Expor e explorar os elementos que compõem o Planeta Terra (terra, ar, nuvens, água, gelo, neve, rios, mares, chuva, ar, vento, montanhas, desertos...).</li> </ul>
Aula 2	<p>Na Natureza temos tudo o que precisamos para sermos felizes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>‘N’ de Natureza.</b> <b>Exposição de conteúdos:</b> Projetar a imagem central da pág. 59, a partir da qual a docente explica que a Natureza nos dá tudo o que precisamos para nos alimentarmos.</li> <li>• <b>O que nos alimenta?</b> A partir da mesma imagem, a docente convoca os alunos para, em grande grupo, cada um, livremente, identificar um dos 14 alimentos que constam na figura e dizer, p/ex.: se gosta, quando se costuma comer, de que forma é preparado se comer/beber, etc.</li> </ul>
	<p>Origem dos alimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Exposição de conteúdos:</b> Explicar que os alimentos vêm da natureza: os vegetais, da agricultura, os animais, da pecuária, os peixes, da pesca.</li> </ul>
Aula 3	<p>A natureza no relato da criação:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Introdução ao tema:</b> A docente interpreta o poema “A Criação do Mundo”. Inicialmente, o Mundo (pictograma) aparece inteiro. À medida que o poema avança, a docente roda o círculo sobreposto, fazendo surgir, na parte janela do Mundo, uma figura que vai identificando os vários elementos da natureza, conforme seja o 1.º, o 2.º, o 3.º, o 4.º o 6.º, o 6.º e o 7.º dia da criação.</li> <li>• <b>Síntese da aprendizagem:</b> a docente coloca o Mundo (cartão) no ponto neutro, e pergunta:</li> </ul>

<sup>242</sup> Cf. Direção-Geral da Educação. *Aprendizagens Essenciais. Educação Moral e Religiosa Católica. 1.º Ano - 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Direção-Geral da Educação, 2018.

	<p>1. se gostaram do poema; 2. se se recordam do que aconteceu no primeiro dia.</p>
	<p><b>A natureza no relato da criação (continuação):</b></p> <p>• <b>Exposição de conteúdos:</b> a docente recorda aos alunos tudo o que aconteceu em cada um dos dias, seguindo o texto da Bíblia (Gn 1-2,4), adaptando o seu conteúdo e utilizando comparações sugestivas.</p>
Aula 4	<p><b>A natureza está doente:</b></p> <p>• <b>Exposição de conteúdos I:</b> Docente: <i>Atenção vou contar uma história...</i> <b>Estratégia:</b> Ler o poema “O cuidado da Natureza” e movimentar o Pictograma 2 de acordo com o texto</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Mundo inteiro (Pictograma 2), com um penso no rosto e uma expressão triste.</li> <li>2. Poluição da água; atentados contra os peixes;</li> <li>3. Atentados contra a vida vegetal e animal;</li> <li>4. Poluição da atmosfera;</li> <li>5. Poluição urbana;</li> </ol> <p><b>Nota:</b> À medida que o poema avança, a docente roda o círculo sobreposto do 2º pictograma, fazendo surgir, na janela do Mundo, uma figura nova que vai identificando diferentes situações de atentados contra a natureza e contra a vida (figuras 1 a 4; slides 10 a 13), de acordo com o poema.</p>
	<p><b>A natureza está doente:</b></p> <p>• <b>Exposição de conteúdos II:</b> <i>Mas a história não acaba aqui e tudo pode mudar, por isso, muita atenção...</i></p> <p><b>Estratégia</b> (idêntica):</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>6. Os ecopontos.</li> <li>7. Os 3 R’s;</li> <li>8. O Planeta agradece.</li> </ol> <p><b>Nota:</b> À medida que o poema avança, roda-se o círculo do 2º pictograma (figuras 5 a 7; slides 14 a 16).</p> <p><b>Diálogo conduzido sobre as aprendizagens:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Solicitar os alunos/as a indicar situações que atentam contra o Planeta e contra a vida. Em cada situação a docente cola um penso rápido na face do Mundo triste (2º pictograma).</li> <li>• Em seguida, solicitar os alunos/as a indicar situações que salvam o Planeta e a vida. Em cada situação, a docente retira um penso e cola um coração.</li> <li>• Por fim, substituídos todos os pensos por corações, a docente inverte a boca do mundo, que fica a sorrir.</li> <li>• <b>Síntese:</b> Se nós cuidarmos do Mundo e das criaturas, o Planeta agradece.</li> </ul>
Aula 5	<p><b>À descoberta do Sol:</b></p> <p>• <b>Exposição de conteúdos I:</b> Docente: <i>Desenvolver o tema do Sol como fonte de energia limpa e renovável.</i></p> <p><b>Reforço das aprendizagens:</b> Desenhar o Sol no manual e outros elementos da criação, que cada aluno/a prefira.</p>
	<p><b>A história da Páscoa:</b></p> <p>• <b>Exposição de conteúdos II:</b> Docente: <i>Desenvolver a história da Páscoa.</i></p> <p><b>Estratégia</b></p> <p>• <b>Desenvolver os temas:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Entrada em Jerusalém / Domingo de Ramos.</li> <li>2. A última Ceia / o pão e o vinho.</li> <li>3. Judas traição Jesus em troca de 30 moedas.</li> <li>4. Jesus morre na cruz/ Sexta-Feira Santa.</li> <li>5. Jesus é sepultado.</li> <li>6. Jesus ressuscita/ Domingo de Páscoa.</li> </ol> <p><b>Estratégia de Diálogo sobre as aprendizagens:</b></p> <p>• <b>Colocar o desafio:</b> <i>Quero ver quem consegue descobrir na história da Páscoa uma pessoa que é parecido com o Sol (à descoberta do Sol) e em que momento isso acontece.</i></p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Solicitar os alunos/as que digam em que momento da história da Páscoa é que Jesus se parece mais com o Sol. Valorizar: Jesus ressuscita.</li> </ul>
Aula 6	<p>O Sol e as outras criaturas são todas nossas irmãs:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Exposição de conteúdos I:</b> A docente explica que quem criou o <b>Sol</b> foi o mesmo Criador/Deus que criou as plantas, peixes, as aves, os animais e os seres humanos. (segue-se a mobilização de conhecimentos, ver atrás).</li> </ul>
	<p>Francisco de Assis e o lobo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Exposição de conteúdos II:</b> A docente explica que, por serem seres vivos e dotados de consciência, não podemos fazer sofrer os animais, nem domésticos nem selvagens.</li> <li>• Na sequência da aprendizagem anterior, os alunos/alunas são solicitados a dar exemplos de respeito pelos animais.</li> </ul>

Tabela 6: Estratégias para exposição de conteúdos

#### 4.1.3. Síntese das aprendizagens

No final de cada exposição de conteúdos e no encerramento de cada aula, fizemos sempre um breve resumo das aprendizagens, num esforço de oferecer aos alunos uma visão panorâmica, curta e sintética dos conteúdos lecionados, mencionando os pontos mais importantes. As sínteses frequentes proporcionam momentos de organização mental dos saberes e práticas veiculados, tornando mais provável a construção de aprendizagens significativas.<sup>243</sup>

Esta ação contribuiu para que os alunos se familiarizassem cada vez mais com as Aprendizagens Essenciais e com os argumentos que definem e defendem os principais valores associados à ecologia integral. Nas nossas sínteses procurámos integrar, organizar, hierarquizar e consolidar as informações apresentadas, recorrendo sempre que possível aos exemplos que os próprios alunos introduziram na aula. Ao mesmo tempo, os momentos de síntese foram orientados também para o esclarecimento de dúvidas apresentadas pelos alunos. A tabela seguinte ajuda-nos a compreender a estrutura utilizada no final de cada aula, para sintetizar e encerrar a leção.

---

<sup>243</sup> Cf. Yolanda Campos. “Estrategias de enseñanza y aprendizaje”. In Yolanda Campos. *Estrategias didácticas apoyadas en Tecnología*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2000, 7.

Aula 1	<p><b>Síntese e termo da lecionação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Síntese da aula e esclarecimento de dúvidas.</li> <li>• Os alunos saem ordenadamente, após a conclusão dos trabalhos.</li> </ul>
Aula 2	
Aula 3	
Aula 4	
Aula 5	
Aula 6	

Tabela 7: Síntese e termo da lecionação

## 4.2. Apropriação do conhecimento

Desde cedo percebemos que os nossos alunos estavam motivados para abordar os temas ecológicos. O respeito pela natureza tornou-se um valor de grande importância dentro das categorias de valores humanos, intimamente ligados aos valores éticos. Assim, enquanto a paz é um valor humano ligado às relações harmoniosas entre as pessoas, o cuidado pela natureza torna-se um valor humano referente às relações harmoniosas entre o ser humano e o meio ambiente.<sup>244</sup>

Através de estratégias de apropriação do conhecimento estabelecemos ligações entre os conhecimentos prévios dos alunos sobre o cuidado da Natureza e as novas informações e conteúdos, sobre a criação do mundo. De acordo com o planificado, antes de chegarmos à criação do Mundo, como obra de Deus, na aula 3, passámos por pequenas exposições de conteúdos e diversos exercícios e experiências exploratórios para “Descobrir a beleza e a diversidade da vida na Terra”, uma das Aprendizagens Essenciais em questão. Ora, esta metodologia de abordagem, construindo os novos saberes a partir do que os alunos já sabiam, facultou clareza, qualidade e organização aos conteúdos que aplicámos, destacou os conceitos já conhecidos e permitiu o emprego de exemplos e analogias da vida real. No fundo, estas estratégias levaram a que os conteúdos novos, uma vez contruídos e aprendidos, fossem

---

<sup>244</sup> Cf. Eslava-Zapata, Rolando; Marylin Zambrano-Vivas; Edixon Chacón-Guerrero; Hilário González-Júnior; Andersson Martínez-Nieto. “Estrategias didácticas para la promoción de valores ambientales en la educación primaria” *AiBi Revista de Investigación, Administración e Ingeniería*, 6 (2018), 63.

integrados no conjunto de conhecimentos do grupo/turma, para que permanecessem no corpo disponível de saberes incorporado na sua memória de longo prazo.<sup>245</sup>

Na nossa Prática de Ensino Supervisionada valemo-nos particularmente de atividades de observação e análise de situações da vida real mediante a visualização de vídeos, fotografias e representações gráficas como os Pictogramas 1, 2 e 3; trabalhos de expressão artística; exercícios do Manual escolar; ações simbólicas e de simulação de reciclagem de materiais através de jogos; canções que se repetiram ao longo de várias aulas, entre outras, conforme se discrimina no quadro que se segue. Cantar com gestos desenvolve competências psicomotoras, que envolvem tanto os processos físicos de coordenação motora, como os processos psicológicos de percepção e de memória.<sup>246</sup>

Aula 1	<p>O Planeta Terra, nossa casa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>É bom ter uma casa.</b></li> </ul> <p>Ver e ouvir o vídeo: “É bom ter uma casa”. Dialogar sobre as maravilhas da natureza que existem no Mundo.</p>
Aula 1 Aula 2 Aula 3 Aula 4	<p>Cantar a Natureza:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cantar a canção “Gosto de Flores” (<a href="https://photos.app.goo.gl/gfvcw2CtCHftvvFx9">https://photos.app.goo.gl/gfvcw2CtCHftvvFx9</a>).</li> <li>• Ouvir a canção e observar os gestos.</li> <li>• Cantar a canção fazendo os gestos.</li> <li>• Dialogar sobre a canção e aplicar o poema às aprendizagens da respetiva aula.</li> </ul>
Aula 2	<p>A diversidade da vida na Terra:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Reforço e aplicação das aprendizagens:</b> A docente entrega aos alunos a ficha de trabalho “A diversidade da vida na terra” e 20 figuras para colar na ficha, para que os alunos possam experimentar a grande diversidade de seres vivos existentes.</li> <li>• <b>Nota:</b> os alunos que acabarem a colagem mais cedo, realizam a atividade da pág. 57 do manual.</li> </ul> <hr/> <p>Origem dos alimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Reforço da aprendizagem:</b> Ver e ouvir o vídeo: “Na natureza temos tudo o que precisamos”.</li> </ul>
Aula 3	<p>A natureza no relato da criação</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ver e ouvir o vídeo: “A história da criação”.</li> <li>• Realizar a atividade da pág. 60 (colagem)</li> <li>• Realizar a atividade da pág. 62 (crucigrama).</li> </ul>

<sup>245</sup> Cf. Yolanda Campos. “Estrategias de enseñanza y aprendizaje”. In Yolanda Campos. *Estrategias didácticas apoyadas en Tecnología*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2000, 11-12.

<sup>246</sup> Cf. Aintzane Camara Izagirre. “La actividad de cantar en la escuela: una práctica en desuso”. *Revista de Psicodidáctica*, 17 (2004), 77.

Aula 4	Não me posso distrair... Ver e ouvir a canção: “O Planeta limpo”, de Filipe Pinto: ( <a href="https://photos.app.goo.gl/thhqWq3VPxKzqoQL8">https://photos.app.goo.gl/thhqWq3VPxKzqoQL8</a> ).
	Vamos reciclar! <b>Atividade experimental:</b> • Cada aluno coloca um objeto no ecoponto certo. <b>Estratégia:</b> solicitar cada aluno/a para escolher um objeto de uma caixa e coloca-lo no ecoponto da cor correspondente.
Aula 5	À descoberta do Sol: <b>Reforço das aprendizagens:</b> Desenhar o Sol no Manual escolar e outros elementos da criação, que cada aluno/a prefira.
	A história da Páscoa: <b>Estratégia de diálogo conduzido sobre as aprendizagens:</b> • Colocar o desafio: <i>Quero ver quem consegue descobrir na história da Páscoa uma pessoa que é parecida com o Sol (à descoberta do Sol) e em que momento isso acontece.</i> • Solicitar os alunos/as digam em que momento da história da Páscoa é que Jesus se parece mais com o Sol. Valorizar: Jesus ressuscita.
Aula 6	Francisco de Assis e o lobo: <b>Reforço das aprendizagens:</b> • <b>Colocar a questão:</b> E se os animais forem agressivos e “maus” para os seres humanos? Que fazer? • Solicitar os alunos/as para que encontrem estratégias de conciliação a partir de exemplos da vida real.
	Deus é o único Criador e nós somos todos irmãos: <b>Estratégia (Interação docente-alunos/as):</b> • Utilizando o pictograma do Mundo com a criação, a docente e os alunos/as percorrer a sequência, reforçando os elementos criados nos dias a negro: 1º Dia: A luz: o dia e a noite 2º Dia: O céu e as águas <b>3º Dia: A terra e as plantas</b> <b>4º Dia: O Sol, a Lua e as estrelas</b> <b>5º Dia: Os peixes e as aves</b> <b>6º Dia: Os animais e o ser humano</b> 7º Dia: O descanso e a contemplação • <b>Síntese:</b> Todas as coisas criadas são nossas irmãs, por isso, temos de respeitar não só as pessoas, mas também os animais e a natureza.

Tabela 8: Estratégias para apropriação do conhecimento

### 4.3. Aplicação do conhecimento

As estratégias de aplicação e utilização, permitem aplicar os conhecimentos obtidos durante as atividades de ensino e aprendizagem em circunstâncias e condições diferentes das que se verificaram quando foram aprendidos; e integrá-los com outras noções ainda desconhecidas ou em vias de desenvolvimento próximo. Podem ser dados aos alunos novos

problemas, perguntas ou hipóteses, fichas de trabalho, jogos didáticos, criação de cenários alternativos, entre outras possibilidades.<sup>247</sup>

Podem integrar-se aqui, do mesmo modo, atividades de avaliação formativa que, quanto a nós, nos pareceu ser a modalidade avaliativa mais adequada para aplicar aos alunos do 1º Ano, no contexto da nossa Prática de Ensino Supervisionada. Esta avaliação permite-nos obter informações sobre o andamento do processo de aprendizagem, de forma sistemática e permanente, contribuindo para verificar se as estratégias de ensino estão ou não a surtir efeito. Com efeito, é fundamental que os docentes monitorizem constantemente se o seu modo de ensinar está adaptado ao modo de aprender dos discentes e se as estratégias e recursos utilizados são adequados.<sup>248</sup>

No nosso estágio ajudámos os alunos a aplicar os conhecimentos que iam obtendo através da implementação de diversas atividades em grande grupo de forma individual. Algumas dessas atividades surgem na planificação em forma de fichas de trabalho ou realização de exercícios propostos no Manual escolar, conforme se pode verificar na tabela que se segue.

Aula 1	<p>Descobrir a vida no Planeta Terra:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Descobre onde vivo...</b> (dinâmica: JOGO) Destacar um a um os animais, aves e peixes do manual e questionar onde vive cada qual: Terra (animais e plantas), Céu (aves) e Água (peixes e outros).</li> <li>• <b>Descobre como sou...</b> Em cada imagem de animal, planta, ave ou peixe, salientar a variedade de espécies, cores, tamanhos...</li> <li>• Dialogar sobre <b>a diversidade de vida na Terra</b>: animais, plantas, oceanos enormes, rios, serras, montanhas, vales e florestas, vento, sol, chuva...</li> </ul>
Aula 2	<p>A diversidade da vida na Terra:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A docente entrega aos alunos a <b>ficha de trabalho</b> “A diversidade da vida na terra” e 20 figuras para colar na ficha, para que os alunos possam experimentar a grande diversidade de seres vivos existentes.</li> <li>• <b>Nota</b>: os alunos que acabarem a colagem mais cedo, realizam a atividade da pág. 57 do manual.</li> </ul> <p>Na Natureza temos tudo o que precisamos para sermos felizes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>O que nos alimenta?</b> A partir da mesma imagem, a docente convoca os alunos para, em grande grupo, cada um, livremente, identificar um dos 14 alimentos que constam na figura e dizer, p/ex.: se gosta, quando se costuma comer, de que forma é preparado se comer/beber, etc.</li> </ul>

<sup>247</sup> Cf. Yolanda Campos. “Estrategias de enseñanza y aprendizaje”. In Yolanda Campos. *Estrategias didácticas apoyadas en Tecnología*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2000, 15.

<sup>248</sup> Cf. Cristina Sá Carvalho. “Metas educativas e avaliação pedagógica”. *Pastoral Catequética*, 8 (2007), 179.

	<p>Origem dos alimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Exercício sobre o que aprendemos:</b> realização da ficha da pág. 59 (unir os alimentos com a origem).</li> <li>• <b>Jogo sobre o que aprendemos:</b> Solicitar um aluno de cada vez para identificar a figura do alimento que surgir no quadro interativo e pedir-lhe para a ligar a uma das figuras que representa a origem dos alimentos.</li> </ul>
Aula 3	<p>A natureza no relato da criação:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Introdução ao tema:</b> A docente interpreta o poema “A Criação do Mundo”. Inicialmente, o Mundo (pictograma) aparece inteiro. À medida que o poema avança, a docente roda o círculo sobreposto, fazendo surgir, na parte janela do Mundo, uma figura que vai identificando os vários elementos da natureza, conforme seja o 1º, o 2º, o 3º, o 4º o 6º, o 6º e o 7º dia da criação.</li> <li>• <b>Relembrar a aprendizagem:</b> a docente coloca o Mundo (cartão) no ponto neutro, e pergunta: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. se gostaram do poema;</li> <li>2. se se recordam do que aconteceu no primeiro dia.</li> </ol> </li> </ul>
	<p>A natureza no relato da criação (continuação):</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Exposição de conteúdos:</b> a docente recorda aos alunos tudo o que aconteceu em cada um dos dias, seguindo o texto da Bíblia (Gn 1-2,4), adaptando o seu conteúdo e utilizando comparações sugestivas. Utiliza a mesma técnica, rodando o círculo sobreposto para que apareça na janela do Mundo, a figura alusiva a cada um dos dias da criação. A docente deambula pela sala e todos os alunos podem ver bem as figuras e colocar as suas dúvidas.</li> </ul>
Aula 4	<p>Não me posso distrair...</p> <p>Realização individual de <b>ficha de trabalho</b> Estratégia: A docente distribui a ficha e 1 envelope com corações pensos de cartolina. <b>Correção</b> em grande grupo da ficha de trabalho Estratégia: Solicitar os alunos/as para responder e justificar a aplicação dos pensos e corações.</p>
Aula 5	<p>À descoberta do Sol:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>EXPOSIÇÃO DE CONTEÚDOS I:</b> Docente: <i>Desenvolver o tema do Sol como fonte de energia limpa e renovável.</i></li> <li>• <b>Reforço das aprendizagens:</b> Desenhar o Sol no manual e outros elementos da criação, que cada aluno/a prefira.</li> </ul>
	<p>A história da Páscoa:</p> <p><b>Estratégia para construir a história da Páscoa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cada aluno preenche de cor as duas faces do Pictograma giratório em cartão com “A história da Páscoa”. No fim colocar os ataches. Os alunos levam o respetivo Pictograma para casa para contar a história da Páscoa aos pais e, assim, consolidar e prolongar as aprendizagens.</li> </ul>
Aula 6	<p>Francisco de Assis e o lobo:</p> <p><b>Debate conduzido:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Colocar a questão:</b> E se os animais forem agressivos e “maus” para os seres humanos? Que fazer?</li> <li>• Solicitar os alunos/as para que encontrem estratégias de conciliação a partir de exemplos da vida real.</li> </ul>
	<p><b>Expressão Artística:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Atividade 1:</b> Colagem de imagens da história “Francisco de Assis e o lobo de Gúbio” na ficha.</li> <li>• Correção da Atividade 1 (slide 14)</li> <li>• <b>Atividade 2:</b> Pintar a figura de Francisco de Assis no Manual (pág. 63). Se terminarem a Atividade 1.</li> </ul>

Tabela 9: Estratégias para aplicação do conhecimento

## 5. Recursos didático-pedagógicos

Atualmente, a contribuição da tecnologia no campo educativo é tão vasta que, por momentos, pode parecer possível o estabelecimento exclusivo de uma relação pedagógica totalmente mediada por ferramentas tecnológicas.<sup>249</sup> Brevemente os alunos do Ensino Básico terão o seu computador portátil, os manuais serão digitais, os exames nacionais serão on-line e tender-se-á a desmaterializar o ensino. Talvez por ser docente de artes, na nossa Prática de Ensino e Aprendizagem, não cedi à tentação de me focar unicamente nas tecnologias. É certo que, em todas as aulas os alunos tiveram o apoio permanente de um PowerPoint, cujos diversos slides serviram para ampliar imagens que pretendíamos explorar com eles, visualizar vídeos, fazer jogos interativos, exibir a correção de fichas, entre outras atividades. Mas, não nos deixámos deslumbrar pelo computador, nem pelo projetor de vídeo. Ao contrário, tratámos de diversificar os recursos, criando materiais físicos originais e apelativos, conforme veremos.



Figura 2: Sala de aula e equipamento disponível

---

<sup>249</sup> Cf. Franco-Arturo Urbano-Ordoñez; Gabriel-Elías Chanchí-Golondrino; Wilmar-Yesid Campo-Muñoz. “Desarrollo de recursos educativos para Matemáticas en educación básica primaria, un enfoque colaborativo”. *Revista Espacios*, 798 (2020), 356.

---

A eficácia dos recursos depende da interação entre eles e a mente dos alunos. Consequentemente, é necessário preparar os alunos para perceberem e receberem os recursos adotados com proficiência e, assim, aumentar a sua motivação, atenção, percepção, interesse e envolvimento pessoal com o próprio recurso utilizado. Deste modo, nem todos os recursos nos poderiam ser úteis, pois o grupo podia rejeitá-los. Portanto, a sua pertinência didático-pedagógica depende de características endógenas de adequação e capacidade para mediar o processo de ensino e de aprendizagem. Afeta também a sua eficácia o comportamento do docente face aos recursos, uma vez que é a ele que compete manejá-los ou propô-los para que surtam o devido efeito educativos. Além disso, o docente é aquele que escolhe a estratégia didática e organiza o uso simultâneo ou sucessivos de vários recursos, dependendo dos objetivos em questão.<sup>250</sup>

Apresentamos, de seguida, os principais recursos utilizados na nossa Prática de Ensino Supervisionada, no âmbito da lecionação da Unidade Letiva “Cuidar da Natureza”. Conforme veremos, alguns desses recursos são permanentes, isto é, utilizados em todas as aulas. Outros, mostram-se prevalentes na maioria das aulas, podendo ou não se utilizados, de acordo com o andamento da sessão e a necessidade ou não de os utilizar, mediante a resposta dos alunos.

Aula 1 Aula 2 Aula 3 Aula 4 Aula 5 Aula 6	<ul style="list-style-type: none"> <li>• PowerPoint;</li> <li>• Manual escolar do 1º Ano de EMRC;</li> <li>• Quadro e Marcadores.</li> </ul>
Aula 1 Aula 2 Aula 3 Aula 4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Canção: “Cantar a Natureza” (<a href="https://photos.app.goo.gl/gfvcw2CtCHftvFx9">https://photos.app.goo.gl/gfvcw2CtCHftvFx9</a>).</li> </ul>

Tabela 10: Recursos permanentes e prevalentes

<sup>250</sup> Cf. Juan Díaz Bordenave; Adair Martins Pereira. *Estrategias de Enseñanza - Aprendizaje*. San José: Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura, 1997, 239-240.

A maior parte dos recursos que produzimos e aplicámos estão focados nos conteúdos selecionados para cada aula, pelo que surgem apenas no momento próprio recorrendo, por vezes, ao factor supressa. Alguns desses recursos, se são facilitadores da exposição de conteúdos uma matéria de grande importância, surgem numa aula e regressam na seguinte, no momento de revisão das aprendizagens. Foi o que ocorreu com os Pictogramas de cartão utilizados para representar respetivamente o “Mundo Feliz”<sup>251</sup> e o “Mundo Triste”<sup>252</sup>.

Outros recursos, ainda, foram de utilização única, como é o caso dos que serviram para propor as atividades de avaliação formativa e os que resultam de exercícios do Manual escolar. De seguida, na distribuição do elenco de recursos pelas respetivas aulas, apenas os referimos na aula em que surgem pela primeira vez, remetendo a informação sobre a sua nova utilização na aula seguinte para as planificações de aula. Aqui, iremos individualizar os recursos que foram mais significativos para o sucesso das aprendizagens, pela ordem com que forma introduzidos nas aulas.

Aula 1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo: É bom ter uma casa (<a href="https://photos.app.goo.gl/hquqHSip9TssRaFGA">https://photos.app.goo.gl/hquqHSip9TssRaFGA</a>);</li> <li>• Jogo de descoberta “Descobre onde vivo...” (PowerPoint).</li> </ul>
Aula 2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ficha de trabalho “A diversidade da vida na terra”;</li> <li>• 20 figuras em papel por aluno (3,5 x 3,5 cm);</li> <li>• Correção da ficha de trabalho (PowerPoint, slide 4).</li> <li>• Manual escolar, pág. 59 (unir os alimentos com a origem).</li> <li>• Vídeo: “Na natureza temos tudo o que precisamos” (<a href="https://photos.app.goo.gl/UpkuupyWGpCZvynUA">https://photos.app.goo.gl/UpkuupyWGpCZvynUA</a>);</li> <li>• Jogo Wordwall: (<a href="https://wordwall.net/pt/resource/30035136">https://wordwall.net/pt/resource/30035136</a>);</li> <li>• Cola.</li> </ul>
Aula 3	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pictograma 1: Mundo giratório sobreposto sobre cartão, com imagens dos elementos da criação do mundo, segundo Gn 1-2;</li> <li>• Corações vermelhos de cartolinas;</li> <li>• “Pensos rápidos” de cartolina;</li> <li>• Autocolantes em forma de coração vermelho;</li> <li>• Poema sobre o relato da criação;</li> <li>• Vídeo: “A história da criação” (<a href="https://photos.app.goo.gl/VdwP88i6aCDzEYXw5">https://photos.app.goo.gl/VdwP88i6aCDzEYXw5</a>);</li> <li>• Cola;</li> <li>• Lápis de cor.</li> </ul>

<sup>251</sup> Link para o Pictograma 1 - Mundo Feliz: <https://photos.app.goo.gl/8rU9MHEy4iTUfu6eA>.

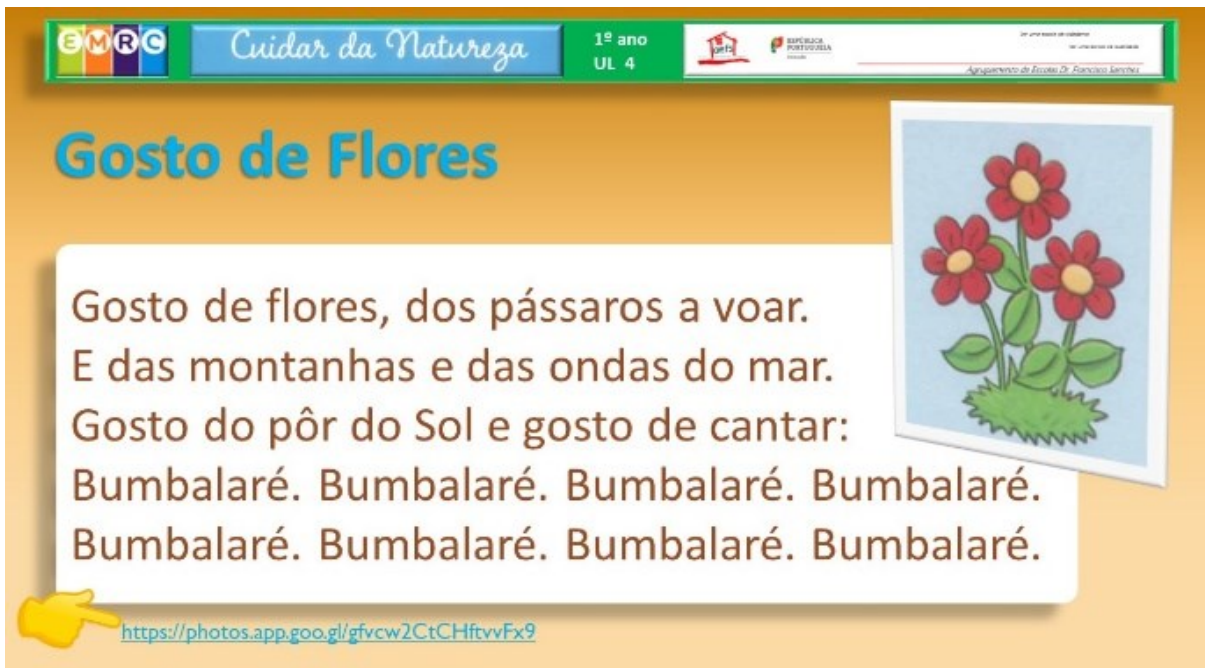
<sup>252</sup> Link para o Pictograma 2 - Mundo Triste: <https://photos.app.goo.gl/wQvEEfzRRHk5hETPA>.

Aula 4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pictograma 1: Mundo giratório sobreposto sobre cartão, com imagens dos elementos da criação do mundo, segundo Gn 1-2;</li> <li>• Pictograma 2: Mundo Triste giratório sobreposto sobre cartão, com imagens de poluição da água, poluição da atmosfera; poluição urbana; e atitudes de cuidado do ambiente e reciclagem;</li> <li>• Poema: “O cuidado da Natureza”.</li> <li>• Vídeo: “O Planeta limpo” (<a href="https://photos.app.goo.gl/thhqWq3VPxKzqoQL8">https://photos.app.goo.gl/thhqWq3VPxKzqoQL8</a>);</li> <li>• Ficha de trabalho;</li> <li>• Correção da ficha de trabalho (PowerPoint, slides 18);</li> <li>• Um envelope por aluno com corações vermelhos e “pensos rápidos” de cartolina;</li> <li>• Cola;</li> <li>• Lápis de cor.</li> </ul>
Aula 5	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pictograma 2: Mundo Triste giratório sobreposto sobre cartão, com imagens de poluição da água, poluição da atmosfera; poluição urbana; e atitudes de cuidado do ambiente e reciclagem;</li> <li>• Um Pictograma para cada aluno com a “A história da Páscoa”;</li> <li>• Aitches;</li> <li>• Tesoura;</li> <li>• Lápis de cor.</li> </ul>
Aula 6	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pictograma com a “A história da Páscoa”</li> <li>• Vídeo: “O Pequeno Francisco e o Lobo de Gúbio” (<a href="https://www.youtube.com/watch?v=uiTNBTZTOBE">https://www.youtube.com/watch?v=uiTNBTZTOBE</a>);</li> <li>• Ficha de trabalho: “Francisco de Assis e o lobo de Gúbio”;</li> <li>• Correção da ficha de trabalho (PowerPoint, slide 14);</li> <li>• Lápis de cor.</li> </ul>

Tabela 11: Recursos utilizados nas lecionações

## 5.1. Canção: “Cantar a Natureza”

- **Aplicação:** Aulas 1, 2, 3 e 4;
- **Link de acesso:** <https://photos.app.goo.gl/gfvcw2CtCHftvvFx9>;
- **Diapositivo de apoio:**



O slide apresenta o tema "Cuidar da Natureza" e o conteúdo da canção "Gosto de Flores". No topo, há uma barra com o logo EMRC, o título "Cuidar da Natureza", o nível "1º ano UL 4" e o nome da escola "Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental". À direita, há uma ilustração de três flores vermelhas com centros amarelos e folhas verdes. O texto da canção está em um balão de fala branco sobre um fundo laranja. Um cursor amarelo aponta para o link de acesso no canto inferior esquerdo.

**Gosto de Flores**

Gosto de flores, dos pássaros a voar.  
E das montanhas e das ondas do mar.  
Gosto do pôr do Sol e gosto de cantar:  
Bumbalaré. Bumbalaré. Bumbalaré. Bumbalaré.  
Bumbalaré. Bumbalaré. Bumbalaré. Bumbalaré.

<https://photos.app.goo.gl/gfvcw2CtCHftvvFx9>

- **Letra da canção:**

### **Cantar a Natureza**

Gosto de flores, dos pássaros a voar.

E das montanhas e das ondas do mar.

Gosto do pôr-do-Sol e gosto de cantar:

Bumbalaré. Bumbalaré. Bumbalaré. Bumbalaré.

Bumbalaré. Bumbalaré. Bumbalaré. Bumbalaré.<sup>253</sup>

- **Estratégia de aprendizagem:**

Cantar a canção com gestos.

Dialogar sobre o poema da canção.

---

<sup>253</sup> Autor desconhecido. “Cantar a Natureza”. Consultado em: <https://photos.app.goo.gl/gfvcw2CtCHftvvFx9>.

---

## 5.2. Vídeo: “É bom ter uma casa”

- **Aplicação:** Aula 2;
- **Link de acesso:** <https://photos.app.goo.gl/hquqHSip9TssRaFGA>;
- **Diapositivo de apoio:**



- **Estratégia de aprendizagem:**

Ver e ouvir o vídeo: “É bom ter uma casa”.

Dialogar sobre as maravilhas da natureza que existem na natureza.



### 5.3. Jogo de descoberta “Descobre onde vivo...”

- **Aplicação:** Aula 1;

- **Estratégia de aprendizagem:**

Destacar um a um os animais, aves e peixes do Manual escolar (págs. 55 e 56) através da sua ampliação por diapositivos do PowerPoint e questionar onde vive cada qual: Terra (animais e plantas), Céu (aves) e Água (peixes e outros).

Descobrir nas imagens onde vive cada animal, planta, ave ou peixe. Depois da resposta de um aluno, salientar a variedade de espécies, cores, tamanhos...

No fim, dialogar sobre a diversidade de vida na Terra: animais, plantas, oceanos enormes, rios, serras, montanhas, vales e florestas, vento, sol, chuva.

- **Diapositivos de apoio:**



Descobre onde vivo...



Terra 

Água 

Céu 

Descobre onde vivo...



Terra 

Água 

Céu 

Descobre onde vivo...



Terra 

Água 

Céu 

Descobre onde vivo...



Terra 

Água 

Céu 

Descobre onde vivo...



Terra 

Água 

Céu 

Descobre onde vivo...



Terra 

Água 

Céu 

Descobre onde vivo...



Terra 

Água 

Céu 

Descobre onde vivo...



Terra 

Água 

Céu 

## 5.4. Ficha de trabalho “A diversidade da vida na terra”

- **Aplicação:** Aula 2;
- **Diapositivo de apoio:**

**EMRC** Cuidar da Natureza 1º ano UL 4

REPUBLICA PORTUGUESA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS Dr. Francisco Sanches

### A diversidade da vida na terra

**Quando** olhamos à nossa volta, nem sempre descobrimos a diversidade e a beleza que existe na natureza.

**Hoje** vais descobrir que há muitas criaturas belas, que, como nós vivem no planeta Terra. Nos quadrados em branco que se seguem, cola os animais, as plantas e os peixes que recebeste, pela ordem que mais gostares. Bom trabalho!

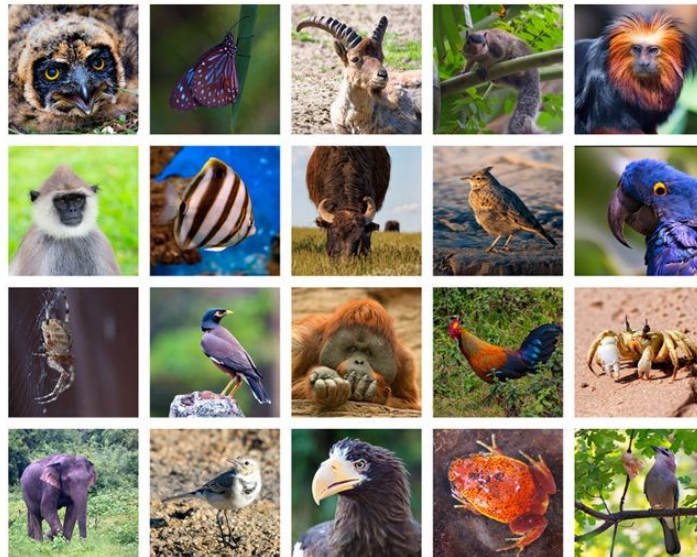
**Nos quadrados em branco** que se seguem, cola os animais, as plantas e os peixes que recebeste, pela ordem que mais gostares. Bom trabalho!

Quando olhamos à nossa volta, nem sempre descobrimos a diversidade e a beleza que existe na natureza. Hoje vais descobrir que há muitas criaturas belas, que, como nós vivem no planeta Terra. Nos quadrados em branco que se seguem, cola os animais, as plantas e os peixes que recebeste, pela ordem que mais gostares. Bom trabalho!

A tua professora: Elisabete Cunha


Nome: \_\_\_\_\_

- **Banco figuras para recortar e colar na ficha de trabalho:**



- **Estratégia de aprendizagem:**

Entregar a ficha de trabalho e 20 figuras (separadas em envelopes) para colar e experimentar a diversidade de seres vivos existentes. Nota: os alunos que acabarem a colagem mais cedo, realizam a atividade da pág. 57 do Manual escolar.

- **Enunciado da ficha de trabalho:**

## *A diversidade da vida na terra*

Quando olhamos à nossa volta, nem sempre descobrimos a diversidade e a beleza que existe na natureza. Hoje vais descobrir que há muitas criaturas belas, que, como nós vivem no planeta Terra. Nos quadrados em branco que se seguem, cola os animais, as plantas e os peixes que recebeste, pela ordem que mais gostares. Bom trabalho!

A tua professora: Elisabete Cunha


Nome: \_\_\_\_\_

## 5.5. Vídeo: “Na natureza temos tudo o que precisamos”

- **Aplicação:** Aula 2;
- **Link de acesso:** <https://photos.app.goo.gl/UpkuupyWGpCZvynUA>;
- **Diapositivo de apoio:**



- **Estratégia de aprendizagem:**

Ver e ouvir o vídeo: “Na natureza temos tudo o que precisamos”.

Discussão sobre os conteúdos do vídeo.



## 5.6. Exercício: Unir pontos

- **Aplicação:** Aula 2;
- **Manual escolar,** pág. 59 (unir os alimentos com a origem);
- **Diapositivo de apoio:**



- **Estratégia de aprendizagem:**  
Realizar o exercício como na pág. 59 do Manual, unindo os alimentos com a origem.
- **Correção do trabalho, Diapositivo de apoio:**



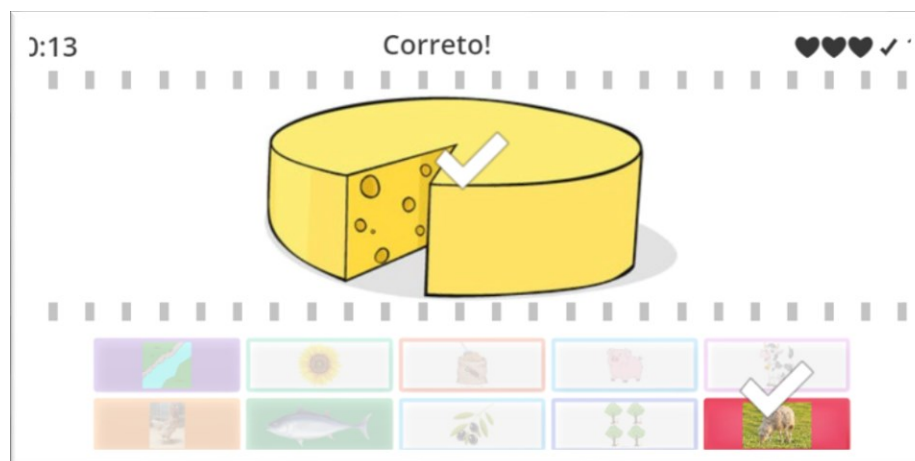
## 5.7. Jogo Wordwall: “A natureza dá-nos o que precisamos”

- **Aplicação:** Aula 2;
- **Link de acesso:** <https://wordwall.net/pt/resource/30035136>;
- **Diapositivo de apoio:**



- **Estratégia de aprendizagem:**

Solicitar um aluno de cada vez para identificar a figura do alimento que surgir no quadro interativo e pedir-lhe para ligar a uma das figuras que representa a origem dos alimentos, no banco de imagens que surge no rodapé.



## 5.8. Pictograma 1: “Mundo Feliz”

- **Aplicação:** Aulas 3 e 4;
- **Link de acesso:** <https://photos.app.goo.gl/8rU9MHEy4iTUfu6eA>.
- **Diapositivos de apoio:**



- **Estratégia de aprendizagem:**

***Ligação com a leção anterior. De onde vem tudo isto?***

- Mobilização de conhecimentos dos alunos: Partindo da diversidade da vida na Terra e da riqueza natural, a docente questiona os alunos se sabem de onde vêm as plantas, animais, aves, peixes, insetos, etc. e tudo o que nos faz felizes. As crianças dão a sua opinião.
- Por fim, a docente confessa retoricamente que não sabe de onde vem tudo isso e que precisa da ajuda de um amigo, que trouxe consigo: chama “Mundo!”. Os alunos chamam também: “Mundo”. Aparece o “Mundo Feliz” (Pictograma 1 giratório em cartão)<sup>254</sup>.

***Exposição de conteúdos: A natureza no relato da criação:***

- Introdução ao tema: A docente interpreta o poema “A Criação do Mundo” (ver recurso 5.9. Poema sobre a Criação do Mundo).

Inicialmente, na parte do poema que diz respeito à introdução, o “Mundo Feliz” (Pictograma 1) aparece inteiro, no ponto neutro.

- À medida que o poema avança, a docente roda o círculo sobreposto, fazendo surgir, na janela do Mundo, uma figura que vai identificando os vários elementos da natureza, conforme seja o 1º, o 2º, o 3º, o 4º o 6º, o 6º e o 7º dia da criação (cf. Gn 1-2,4).

***Reforço e síntese da aprendizagem:***

- A docente coloca o Mundo (cartão) na faze neutra, e pergunta:
  1. se gostaram do poema;
  2. se se recordam do que aconteceu no primeiro dia.
- A docente recorda aos alunos tudo o que aconteceu em cada um dos dias, seguindo o texto da Bíblia (Gn 1-2,4), adaptando o seu conteúdo e utilizando comparações sugestivas.
- Utilizar a mesma técnica, rodando o círculo sobreposto para que apareça na janela do Mundo, a figura alusiva a cada um dos dias da criação.
- A docente deambula pela sala, enquanto expõe, com articulando o Pictograma 1 com o discurso. Assim, todos os alunos podem ver bem as figuras e colocar as suas dúvidas.

---

<sup>254</sup> Link para o Pictograma 1 - Mundo Feliz: <https://photos.app.goo.gl/8rU9MHEy4iTUfu6eA>.



## 5.9. Poema sobre a Criação do Mundo

- **Aplicação:** Aulas 3.

### A CRIAÇÃO DO MUNDO

#### Introdução

Atenção lindas crianças  
Uma história vou contar  
É da criação do mundo  
Que eu vou lhes falar  
Prestem muita atenção  
Para ninguém s'enganar.

Deus sabe todas as coisas  
Sabe de tudo enfim  
Resolveu criar o mundo  
P'ra você e para mim  
Nós temos de cuidar dele  
Para não ter triste fim.

Sobre a criação do mundo  
Eu vou falar passo a passo  
P'ra você compreender  
Tudo desde o seu começo  
Sobre a criação de Deus  
E entrar nesse compasso.

#### 1º dia

Logo no primeiro dia  
Deus fez uma opção  
Criou o céu e a terra  
P'ra não haver confusão  
À luz, Deus chamou dia  
E noite, à escuridão.



#### 2º dia

Já no segundo dia  
A água Deus quis separar  
As águas se dividiram  
Deus fez o céu e o mar  
Um azul tão vibrante  
Que dá gosto só de olhar.



### 3º dia

Ora no terceiro dia  
As águas Deus veio juntar  
Para termos terra fértil  
Muito boa de plantar  
Dando árvores frutíferas  
Para nos alimentar.



### 4º dia

Ao chegar o quarto dia  
Deus fez a separação  
Entre o dia e a noite  
Com mais uma criação  
O sol para iluminar o dia  
E a lua, a escuridão.

Criou também as estrelas  
E a luz irradia  
Para acompanhar a lua  
E nos trazer alegria  
Um céu bem estrelado  
É regalo de poesia.

A lua e o sol  
Têm mais de uma função  
Pois que são determinantes  
Do clima e da estação  
Se faz frio é Inverno  
Se faz calor é verão.

Isso tudo é verdade  
Não é imaginação  
A terra se movimenta  
E faz sua rotação  
Em torno de si mesma  
Ou do sol, que é translação.



### 5º dia

No quinto dia Deus pensou  
Que algo iria faltar  
Criou as aves do céu  
E tantos peixes no mar  
Adornando a natureza  
D'uma beleza sem par.



### 6º dia

Veio, então, o sexto dia  
E Deus procedeu assim  
Criou tantos animais  
Que parecem não ter fim  
Criou mais o ser humano  
Que não pode ser ruim.



### 7º dia

Por fim, no sétimo dia  
Depois de tudo criar  
Deus contente descanso  
Parando para admirar  
A obra das suas mãos  
Que temos de preservar

Como Deus é perfeito  
Não podemos duvidar  
Do poder que Ele tem  
Mas temos de acreditar  
Foi Ele que criou o mundo  
Que temos que admirar  
E também temos de amar.<sup>255</sup>



- **Estratégia de aprendizagem:**

Integrada na anterior.

---

<sup>255</sup> Adaptado de: Sírilia Lima. “A criação do mundo”. *Recanto das Letras*. Consultado em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/2057259>.

---

## 5.10. Vídeo: “A história da criação”

- **Aplicação condicional:** Aula 3;  
**Link de acesso:** <https://photos.app.goo.gl/VdwP88i6aCDzEYXw5>;
- **Diapositivo de apoio:**



- **Estratégia de aprendizagem:**

Este recurso foi planificado para ser utilizado apenas se fosse necessário, podendo ser dispensado caso a estratégia anterior surtisse o efeito pretendido, como de facto aconteceu. Trata-se de um pequeno vídeo de animação, que relata a criação do mundo, com base numa adaptação do texto bíblico (cf. Gn 1 e 2).

O vídeo respeita a sequência dos elementos criados em cada um dos dias, pelo que poderá substituir o momento da exposição de conteúdos previsto após a recitação do poema, nas estratégias descritas nos recursos 5.8. Pictograma 1: “Mundo Feliz” e 5.9. Poema sobre a Criação do Mundo.

### 5.11. Pictograma 2: “Mundo Triste”

- **Aplicação:** Aulas 4 e 5;
- **Link de acesso:** <https://photos.app.goo.gl/wQvEEfzRRHk5hETPA>.
- **Diapositivo de apoio:**



- **Estratégia de aprendizagem:**

#### *Exposição de conteúdos I: A natureza está doente*

Introduzir com surpresa o “Mundo Triste” (Pictograma 2),<sup>256</sup> com um penso e expressão triste. À medida que o poema “O cuidado da Natureza ” avança (ver recurso 5.12.), ao rodar o círculo sobreposto do Pictograma 2, surge na janela uma figura com diferentes situações de atentados contra a natureza e contra a vida (figuras 1 a 5; diapositivos 10 a 13): 1. “Mundo Triste” inteiro, ponto neutro; 2. Poluição da água; atentados contra os peixes; 3. Atentados contra a vida vegetal e animal; 4. Poluição da atmosfera; 5. Poluição urbana.

#### *Exposição de conteúdos II: Cuidar da natureza*

A docente refere: “Mas a história não acaba aqui e tudo pode mudar, por isso, muita atenção...” e continua a leitura do poema, mantendo a estratégia. (figuras 6 a 8; diapositivos 14 a 16): 6. Os ecopontos; 7. Os 3 R’s; 8. O Planeta agradece.

---

<sup>256</sup> Link para o Pictograma 2 - Mundo Triste: <https://photos.app.goo.gl/wQvEEfzRRHk5hETPA>.

---

- **Imagens do Pictograma 2: “Mundo Triste”**

Nota: O Pictograma 2 resulta da sobreposição de 2 imagens impressas em cartão de 280 gr.



**Pictograma 2:**  
“Mundo Triste”  
(imagem sobreposta).



**Pictograma 2:**  
“Mundo Triste”  
(imagem subposta).

## 5.12. Poema sobre “O cuidado da Natureza”

- **Aplicação:** Aulas 4 e 5.

### O CUIDADO DA NATUREZA

#### 1. O mundo está triste

Era uma vez este mundo  
Em sete dias criado  
Chama-se Planeta terra  
E por nós é habitado.

Este mundo que é o nosso  
Vive triste e preocupado  
Com tanta poluição  
E fumo por todo o lado.

Com tanto lixo no chão  
Que não dá para entender!  
Mas, também lixo no mar  
E as florestas a arder.

Porque há tanto desperdício?  
Se não foi sempre assim?  
Quando Deus criou o mundo  
Não foi para este fim!

Mas, agora, todos nós  
Vamos prestar atenção  
Que este mundo criado  
Nos quer dar uma lição!

Pois ele, que é bom amigo,  
Tem muito para contar:  
O mundo quer ser feliz  
Nossa casa p'ra habitar!



## 2. Poluição da água e atentados contra os peixes

Deus criou os oceanos  
E pôs os peixes no mar  
São lindos os peixinhos  
Felizes e a nadar.

Por isso, os rios da terra  
Não podemos poluir  
Porque as águas ficam sujas  
E eles não podem fugir.

Não fugindo os peixinhos  
Morrem no fundo do mar  
E se nós os comermos  
Podem-nos contaminar.

Os peixes que vivem lá  
Nada podem fazer  
Tartarugas e baleias  
Podem não sobreviver.

A água limpa e pura  
Também dá para beber  
E nós precisamos dela  
Para podermos viver.

Água é um bem precioso  
Que nós devemos cuidar  
Poupar água é muito bom  
Ai de quem desperdiçar.

Já pensaste se um dia  
A água vier a faltar?  
Por isso banhos rápidos  
Sempre devemos tomar.

Além disso, é importante  
Quando a fores utilizar  
Lavar rápido as mãos  
E as torneiras fechar.



### 3. Atentados contra a vida vegetal e animal

E que dizer das florestas  
Que cobrem a Terra inteira!  
Vejam só, que lindas árvores  
Que nos dão lenha e madeira.

Nos seus ramos os passarinhos  
Fazem ninhos e se abrigam.  
Como são belas as aves  
Digam lá o que digam.

As aves que Deus criou  
Nos céus livres a voar,  
Dão alegria ao mundo  
Não as devemos caçar.

As árvores são responsáveis  
Por oxigénio nos dar.  
Assim o ar fica limpo  
P'ra podermos respirar.

Os pássaros e outros bichos  
Têm nelas seu lugar.  
Se nós cortarmos as árvores  
Onde elas vão morar?



## 5. Poluição urbana

A tristeza do Planeta,  
Observa-se em todo o lado.  
Vejam só quanto lixo!  
E muito mal arrumado!

O ser humano, atenção,  
Deverá ter mais cuidado  
Mesmo sendo inteligente  
Por vezes é desleixado.

Quando atiras para o chão  
O pacote das bolachas  
Sujas a rua e a escola.  
É muito feio, não achas?

Nem todo o lixo é igual  
E não vai pró mesmo lado.  
Juntar tudo é muito mau,  
Separar é acertado.



## 6. Os ecopontos

Para separar o lixo  
E salvar este Planeta  
Olha bem prós ecopontos  
Não te faças de cegueta.

Quando tens lixo à mão,  
Há que saber o lugar:  
Azul, amarelo, verde,  
E vermelho prá acertar!

As cores dos ecopontos  
Servem pra nos ajudar  
A deitar o lixo certo  
No seu devido lugar.

Com as cores dos ecopontos  
É mais fácil separar:  
Papel, vidro, metal, plástico.  
Vamos, então, reciclar.

No azul pomos papel.  
Mas no amarelo é diferente  
Pomos nele metal e plástico  
Como faz a boa gente.

Se o vidro vai pró verde,  
Fica a faltar uma cor:  
No ecoponto vermelho  
As pilhas tenho de pôr.



## 7. Os três R's

Além disso, é muito importante  
Os três “Erres” respeitar  
Reduzir é o primeiro,  
É o contrário de gastar.

Reduzir é gastar menos  
É poupar água e luz  
É não estragar papel.  
Mas que esperto é quem reduz.

O outro “Erre” é diferente  
Quer dizer Reutilizar  
Com quem lava a roupa  
Para a voltar a usar.

Reutilizas o saco  
Quando às compras tu vais.  
E as garrafas de água  
Vão servir uma vez mais.

O terceiro “Erre”, então,  
Significa reciclar.  
Com este Erre tu vais  
Por o lixo lugar.



## 8. O Planeta agradece

Muita atenção, agora:  
Fazendo isto tudinho  
Nosso Planeta agradece  
Porque fica mais limpinho.

E nós podemos brincar  
No recreio e no jardim  
Tudo vai ser mais saudável.  
Para ti e para mim.



### 5.13. Vídeo: “O Planeta limpo”

- **Aplicação:** Aula 4;
- **Link de acesso:** <https://photos.app.goo.gl/thhqWq3VPxKzqoQL8>;
- **Diapositivo de apoio:**



**EMRC** Cuidar da Natureza 1º ano UL 4

REPUBLICA PORTUGUESA

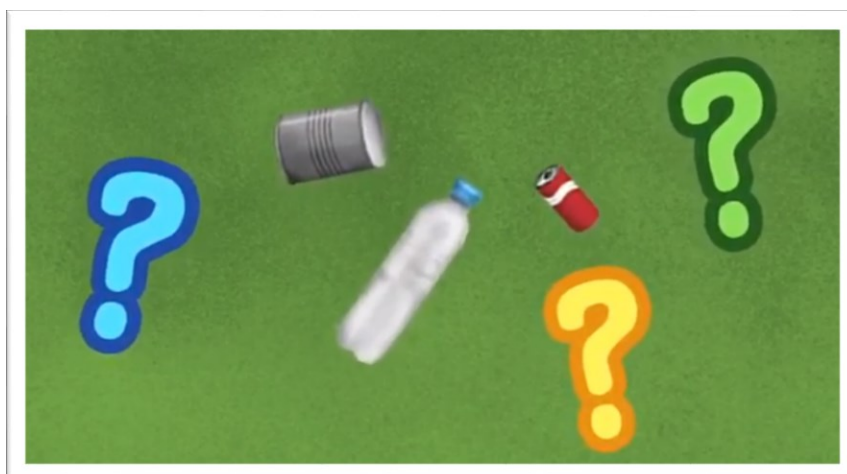
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS Dr. FRANCISCO SENECHES

## O Planeta limpo:

<https://photos.app.goo.gl/thhqWq3VPxKzqoQL8>

- **Estratégia de aprendizagem:**

Ver e ouvir o vídeo: “O Planeta limpo”. Discussão sobre os conteúdos do vídeo.



### 5.14. Ficha de trabalho “Cuidar da Terra”

- **Aplicação:** Aula 4;
- **Diapositivo de apoio:**



- **Estratégia de aprendizagem:**  
Distribuir a ficha e 1 envelope com corações pensos de cartolina, solicitando que coloquem um coração nas boas práticas ecológicas e um penso nas práticas a evitar.
- **Correção do trabalho, Diapositivo de apoio:**



- **Enunciado da ficha de trabalho:**

## Vou cuidar da terra

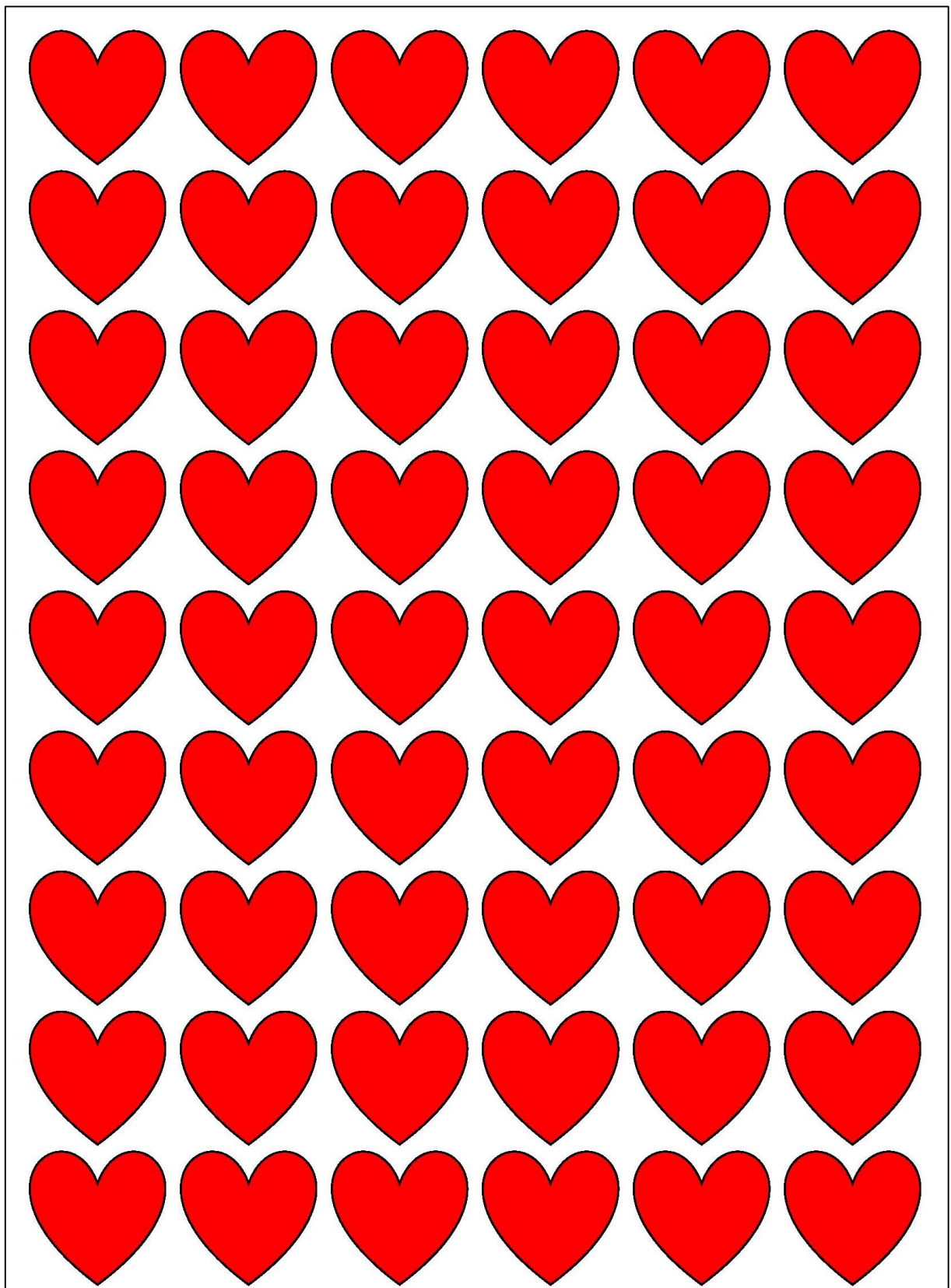
Todos precisamos de estar atentos à natureza e de cuidar no nosso planeta. Se nos distrairmos, ele pode ficar doente. Observa com atenção as imagens. Se vires algo que sabes que não está correto, coloca um penso para curar essa situação. Se vires algo que sabes que está bem, coloca um coração. Bom trabalho!

A tua professora: Elisabete Cunha.

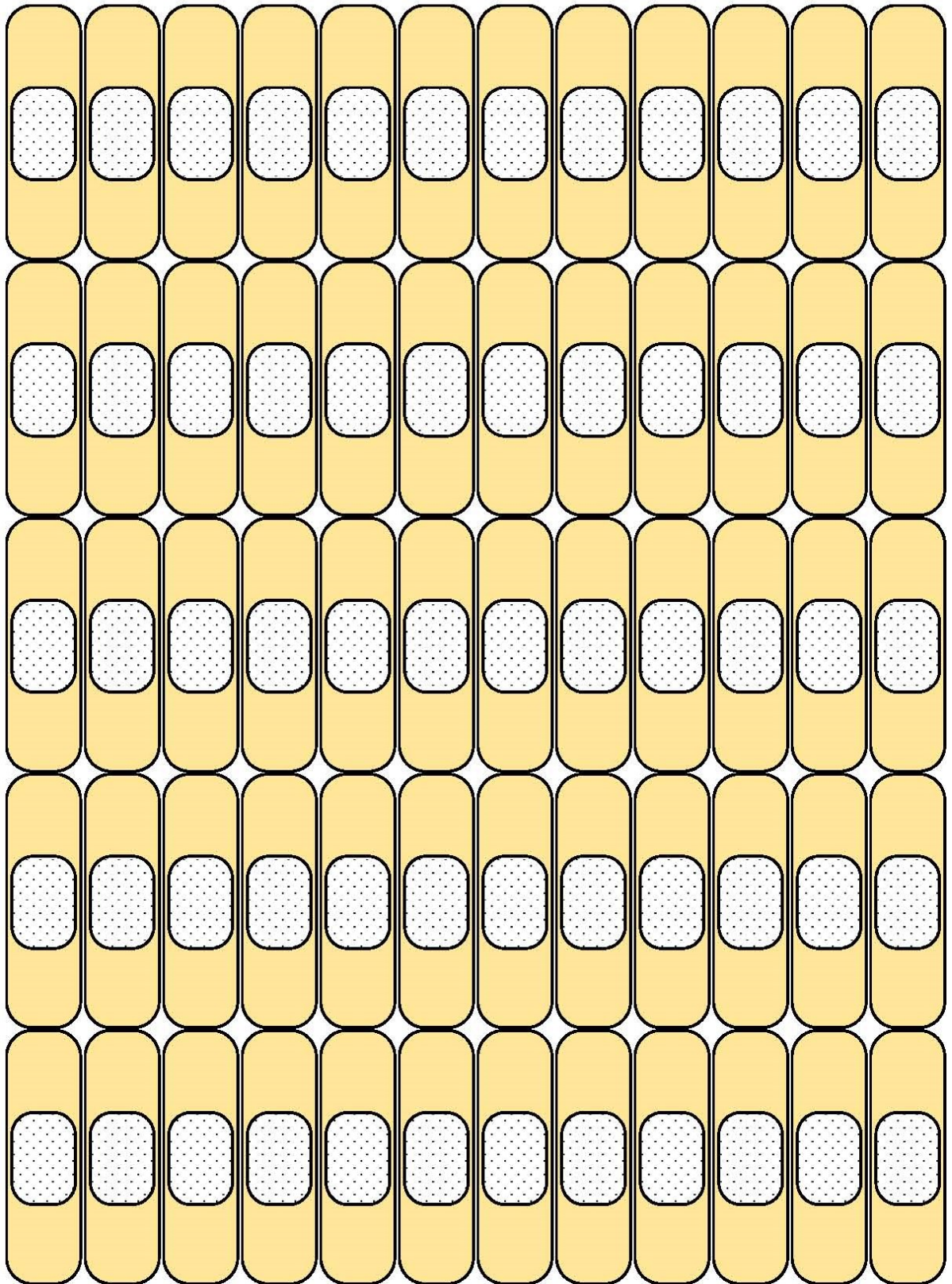


Nome: \_\_\_\_\_

- Banco de corações vermelhos de cartolina:



- Banco de “pensos” de cartolina:



### 5.15. Pictograma 3: “A história da Páscoa”

- **Aplicação:** Aula 5;
- **Diapositivos de apoio:**
- **Estratégia de aprendizagem:**

#### *Ligação com aula anterior:*

Recorda que o “Mundo Triste” se deve ao lixo, poluição e falta de cuidados para com a natureza.

#### *Mobilização de conhecimentos:*

Perguntar, de acordo com o que aprendemos: 1. Que tipo de energia usamos que não é limpa? 2. Qual é o elemento da criação mais claro e mais limpo? Valorizar: a luz e o Sol. **Síntese:** O Sol é o elemento da criação mais claro; é luz e uma fonte de energia mais limpa.

#### *Exposição de conteúdos I: À descoberta do Sol:*

Desenvolver o tema do Sol como fonte de energia limpa e renovável. Propor desenhar o Sol no Manual escolar (pág. 66) e acrescentar outros elementos da criação, que cada aluno/a prefira.

#### *Exposição de conteúdos II: A história da Páscoa:*

A docente expõe a os seguintes temas de acordo com o texto “A história da Páscoa:” (ver recurso 5.16.): 1. Entrada de Jesus em Jerusalém/ Domingo de Ramos; 2. A última ceia de Jesus / o pão e o vinho; 3. Judas traiçoa Jesus em troca de 30 moedas; 4. Jesus morre na cruz/ Sexta-Feira Santa; 5. Jesus é sepultado/ Sábado Santo; 6. Jesus ressuscita/ Domingo de Páscoa.

#### *Diálogo conduzido sobre as aprendizagens:*

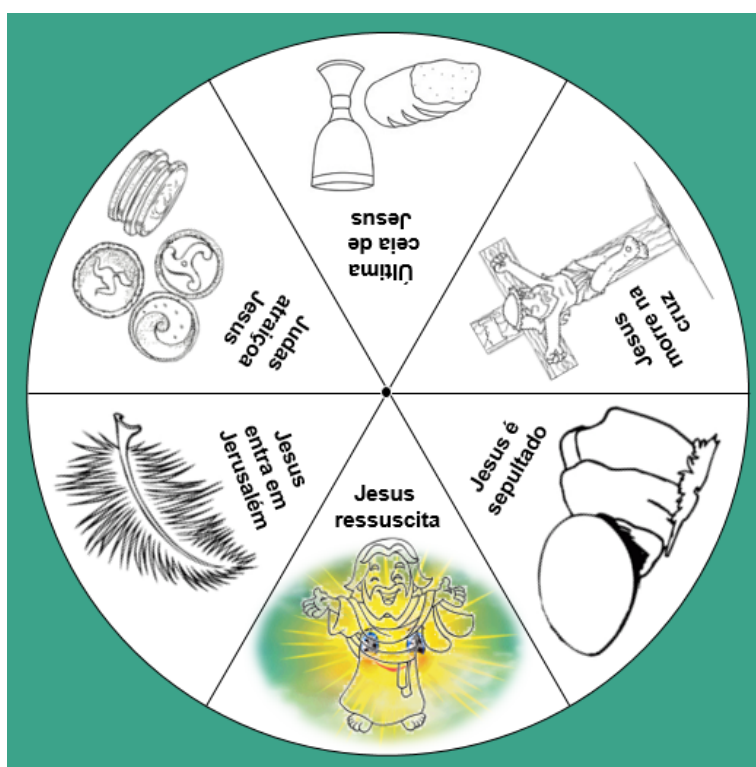
A docente coloca o desafio de saber quem consegue descobrir na história da Páscoa uma pessoa que é parecida com o Sol (à descoberta do Sol) e em que momento isso acontece (a história da Páscoa). **Síntese:** Jesus parece mais com o Sol no momento em que ressuscita.

#### *Aplicação do conhecimento:*

Construir a história da Páscoa: Cada aluno recorta e preenche de cor as duas faces (anterior e posterior) do Pictograma 2 “A história da Páscoa”, que une colocando um atache no centro. Os Pictogramas são levados pelos alunos para casa para, com eles, contarem a história da Páscoa aos pais, familiares e amigos, consolidando e prolongando as aprendizagens.



**Pictograma 3:**  
 “A história da Páscoa”  
 (imagem sobreposta).



**Pictograma 3:**  
 “A história da Páscoa”  
 (imagem subposta).

## 5.16. Texto sobre “A história da Páscoa”

- **Aplicação:** Aula 5.
- **Texto e diapositivos de apoio:**

### A HISTÓRIA DA PÁSCOA

#### 1. Entrada em Jerusalém (Domingo de Ramos)

Quando Jesus entrou na cidade chamada Jerusalém, foi recebido como muita alegria. Ele entrou na cidade montado num burrinho e as pessoas, ao vê-lo, começaram a bater palmas e cortar ramos das árvores para o aclamarem balançando esses ramos de oliveira e palmeira. Por isso que no próximo domingo chama-se Domingo de Ramos. Há meninos/as que oferecem ramos à madrinha. Normalmente, esses ramos que se oferecem às madrinhas, são benzidos nas igrejas, no Domingo de Ramos.



## 2. A última Ceia / o pão e o vinho (Quinta-feira Santa)

Na noite de Quinta-Feira Jesus tomou a sua última refeição. Na hora da ceia, Jesus juntou-se com os seus 12 Apóstolos para comer com eles. Quando estavam sentados à mesa, Jesus pegou no pão, partiu-o e distribuiu por todos dizendo-lhes que aquele pão era o seu corpo. Depois, fez o mesmo como vinho e disse que o vinho era o seu sangue. Ainda hoje a Igreja lembra todos os dias esse episódio na celebração das Eucaristias.



## 3. Judas atraiçoa Jesus em troca de 30 moedas (Quinta-feira Santa)

Judas, que um dos 12 Apóstolos, na Quinta-feira, antes da Páscoa, combinou dizer ao Sumo Sacerdote, que queria prender Jesus, o lugar onde Jesus ir dormir naquela noite. Então, Judas foi à frente dos guardas enviados pelo Sumo Sacerdote e entrou no Jardim das Oliveiras, onde Jesus estava a passar a noite. Judas tinha combinado que daria um beijo a Jesus, para que os guardas soubessem quem era que deviam prender. E assim aconteceu: depois da Última Ceia, Judas traiu Jesus nessa noite e, em troca, deram-lhe trinta moedas de prata.



#### 4. Jesus morre na cruz (Sexta-Feira Santa)

Depois de Jesus ter sido preso, primeiro as autoridades Judaicas e, depois, as autoridades romanas, condenaram-no à morte. Por isso, no começo da tarde, obrigaram-no a pegar numa cruz e caminhar para fora da cidade, onde o crucificaram até que morreu. Foi um momento muito doloroso e triste, que até o céu ficou mais escuro que o normal.



#### 5. Jesus é sepultado (Sexta-Feira Santa e Sábado Santo)

Depois de ter sido descido da cruz, Jesus foi colocado num túmulo escavado na rocha, com uma porta de pedra na frente. Foi aí que Jesus repousou depois de ter sofrido a morte na cruz.



#### 6. Jesus ressuscita/ Domingo de Páscoa.

Então, no Domingo de Páscoa, Jesus ressuscitou cheio de luz. Por isso, a Páscoa não é só receber amêndoas e ovos de chocolate (embora seja muito bom, não é?...). Mas, o verdadeiro sentido da Páscoa é a grande alegria de Jesus ter ressuscitado. Então, Jesus morreu, mas agora está vivo. E está vivo para sempre.



### 5.17. Vídeo: “O Pequeno Francisco e o Lobo de Gúbio”

- **Aplicação:** Aula 6;
- **Link de acesso:** <https://www.youtube.com/watch?v=uiTNBTZTOBE>;
- **Diapositivo de apoio:**



- **Estratégia de aprendizagem:**

Ver e ouvir o vídeo: “O Pequeno Francisco e o Lobo de Gúbio”. Diálogo conduzido sobre o vídeo, em que os alunos são solicitados a refletir sobre a estratégia utilizada por São Francisco de Assis, para reconciliar os habitantes da cidade de Gúbio com o lobo.



## 5.18. Ficha de trabalho “Francisco de Assis e o lobo de Gúbio”

- **Aplicação:** Aula 6;

- **Estratégia de aprendizagem:**

Distribuir a ficha de trabalho “Francisco de Assis e o lobo de Gúbio” e um envelope com 6 pequenas imagens alusivas à história.

Solicitar que os alunos colem as imagens na ficha respeitando a sequência da história, z a que assistiram a partir do vídeo (recurso 5.17).

- **Atividade condicional:**

Os alunos que terminarem mais rapidamente a resolução da ficha de trabalho “Francisco de Assis e o lobo de Gúbio”, preenchem de cor a figura de Francisco de Assis, no Manual escolar (pág. 63).

- **Correção do trabalho, Diapositivo de apoio:**

**Francisco de Assis e o lobo de Gúbio**

**O lobo Já não atacava os habitantes de Gúbio e estes davam alimentos ao lobo.**

Socorro, o lobo está a atacar de novo!

O quê? Irmão lobo?

Eu vou falar com o irmão lobo.

Irmão lobo, sei que tens fome. Eu vou cuidar de ti.

Eu vou fazer a paz entre ti e as pessoas.

REPUBLICA PORTUGUESA

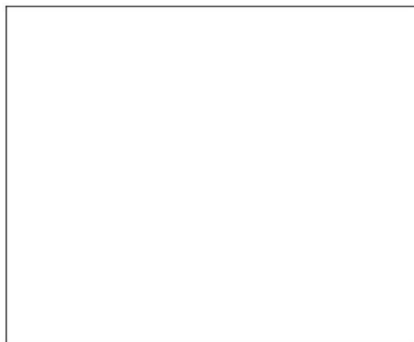
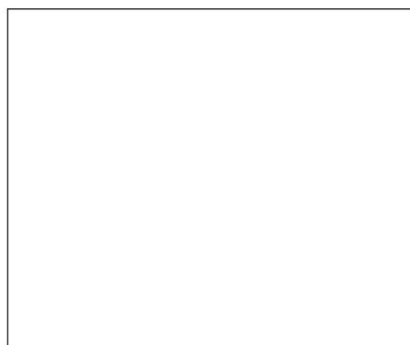
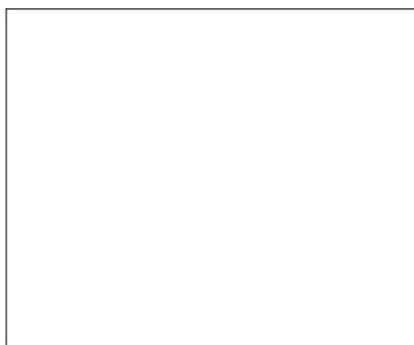
Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

- Enunciado da ficha de trabalho “Francisco de Assis e o lobo de Gúbio”:

*Francisco de Assis e o lobo de Gúbio*

Coloca por ordem as imagens da história **Francisco de Assis e o lobo de Gúbio**, utilizando os espaços em branco. Bom trabalho.

A tua professora: Elisabete Cunha.



Nome: \_\_\_\_\_

- Banco de imagens para a ficha de trabalho “Francisco de Assis e o lobo de Gúbio”:



## 6. Atividades de avaliação

A avaliação é parte integrante da educação, devendo surgir como uma atividade que tem por objetivo reforçar a aprendizagem, mais do que simplesmente regulá-la. Nesse sentido, a avaliação pode preceder a ação pedagógica de transmissão de saberes, através da aplicação de estratégias de diagnóstico; pode acompanhar as ações de ensino e aprendizagem, sendo uma delas, pela aplicação de atividades de avaliação formativa; e pode surgir no final do processo, após a consolidação das aprendizagens, como avaliação sumativa, de caráter quantitativo ou qualitativo.<sup>257</sup>

A avaliação sumativa debruça-se sobre as aprendizagens realizadas, procurando verificar a sua consolidação e a sua apropriação por parte dos alunos. Esta avaliação tem geralmente lugar em momentos específicos do ano letivo.<sup>258</sup> No 1º Ciclo tem caráter qualitativo. Atendendo a estas características, não nos pareceu adequada para aplicar durante a nossa Prática de Ensino Supervisionada.

Na avaliação formativa a preocupação principal reside em recolher dados para reorientar o processo de ensino e aprendizagem. Serve de bússola orientadora, pois oferece ao docente e ao grupo/turma uma ideia do rumo que as aprendizagens estão a ter; e, ao mesmo tempo, funciona como um velocímetro, que nos reporta quanto ao ritmo das mesmas aprendizagens, podendo o docente e o grupo/turma perceberem se há alguns alunos que estão a aprender de forma mais lenta.<sup>259</sup>

Foi esta última forma de avaliação que adotámos preferentemente, utilizando diversos recursos e instrumentos de recolha. Assim, em todas as aulas tivemos a preocupação de monitorizar o processo de ensino e aprendizagem, a fim de verificar o grau de acompanhamento das aprendizagens aplicadas, quer do grupo/turma, quer de cada discente. Ao mesmo tempo, através desta monitorização, pudemos orientar melhor e aperfeiçoar a nossa prática letiva. Ao

---

<sup>257</sup> Cf. Luiza Cortesão. “Formas de ensinar, formas de avaliar: breve análise de práticas correntes de avaliação”. Paulo Abrantes (Coord.); Filomena Araújo. *Reorganização curricular do ensino básico: avaliação das aprendizagens: das concepções às novas práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, 2002, 38-39.

<sup>258</sup> Cf. *Ibidem*, 39.

<sup>259</sup> Cf. *Ibidem*, 39-40.

longo do tempo, fomos percebendo se as estratégias implementadas estavam ou não a surtir o efeito esperado.<sup>260</sup>

Neste horizonte pedagógico, prestámos particular atenção à tabela de Critérios de Avaliação que, para a disciplina de EMRC, o Departamento Curricular de Ciências Sociais e Humanas havia definido e nos foi entregue pela professora orientadora. Reproduzimos integralmente os Critérios de Avaliação no Dossier da nossa Prática de Ensino Supervisionada.

Vejam agora a articulação das diversas estratégias e atividades de avaliação aplicadas ao longo das 6 aulas, em que desenvolvemos a Unidade Letiva “Cuidar da Natureza”.

Aula 1 Aula 2 Aula 3 Aula 4 Aula 5 Aula 6	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação de situações que revelam a beleza e a diversidade da vida na terra.</li> <li>• Organização e qualidade da participação.</li> <li>• Organização e qualidade na elaboração das tarefas.</li> <li>• Participação com empenho na realização dos vários trabalhos propostos (em grupo e individualmente).</li> <li>• Visualização e audição dos vídeos com atenção, sendo capaz de relacionar a mensagem com as aprendizagens.</li> </ul>
Aula 1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogo de exploração: “Descobre onde vivo”;</li> <li>• Jogo de exploração: “Descobre como sou” (PowerPoint, slides 6-19).</li> </ul>
Aula 2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ficha de trabalho “A diversidade da vida na terra”;</li> <li>• Exercício da pág. 59 do Manual escolar (unir os alimentos com a origem);</li> <li>• Jogo Wordwall.</li> </ul>
Aula 3	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar a atividade da pág. 60 do Manual escolar (colagem);</li> <li>• Realizar a atividade da pág. 62 do Manual escolar (crucigrama).</li> </ul>
Aula 4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização individual de ficha de trabalho;</li> <li>• Correção em grande grupo da ficha de trabalho.</li> </ul>
Aula 5	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenhar o Sol no manual e outros elementos da criação, que cada aluno/a prefira (Manual escolar, pág. 66).</li> <li>• Construção e pintura do Pictograma giratório em cartão com “A história da Páscoa”.</li> </ul>

---

<sup>260</sup> Cf. Cristina Sá Carvalho. “Metas educativas e avaliação pedagógica”. *Pastoral Catequética*, 8 (2007), 179.

Aula 6	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão Artística:</li> <li>• Atividade 1: na ficha com colagem das imagens da história “Francisco de Assis e o lobo de Gúbio”.</li> <li>• Correção da Atividade 1 (PowerPoint, slide 14)</li> <li>• Atividade 2: Pintar a figura de Francisco de Assis no Manual (pág. 63).</li> </ul>
--------	--

Tabela 12: Estratégias e atividades de avaliação formativa

Como estratégia de *feedback* avaliativo, utilizámos não só o reforço positivo, a apreciação crítica dos trabalhos efetuados pelos alunos, a correção das fichas de avaliação, o diálogo orientado, entre outras. O *feedback* compreende todo o tipo de informações ou comentários fornecidos pelo docente aos alunos, em relação aos aspetos de interpretação, compreensão, desempenho de tarefas, resposta a perguntas e intervenções espontâneas, a fim de reduzir as discrepâncias entre conhecimento que o aluno evidencia e os objetivos de aprendizagem.<sup>261</sup>

Uma das ferramentas que utilizámos, para valorizar os trabalhos dos alunos, tanto nas fichas de trabalho, como nos respetivos livros, foi a colagem de pequenos “Smiles” amarelos, representando “carinhas” apreciativas, como as seguintes:



Figura 3: Smiles para *feedback* de avaliação formativa

As formas de *feedback* têm de ser compreensíveis para os alunos e devem ser de tal modo discretas, que não causem constrangimentos, mas sirvam de reforço das aprendizagens. Quando bem aplicadas, contribuem para fazer com que os alunos se tornem agentes ativos no seu próprio processo de ensino e aprendizagem.<sup>262</sup>

<sup>261</sup> Cf. Flor Jiménez Segura. “Uso del feedback como estrategia de evaluación: aportes desde un enfoque socioconstructivista”. *Actualidades Investigativas en Educación*, 15 (2015), 793-817.

<sup>262</sup> Cf. *Ibidem*.

## 7. Planificação da Unidade Letiva

A organização com sentido dos conteúdos disciplinares é o resultado final de uma planificação bem coerente e consistente. Na nossa planificação tivemos, antes de mais, em conta a realidade da turma, para podermos equacionar a melhor forma de trabalhadas os Domínios e Aprendizagens Essenciais, através de ferramentas e estratégias didático-pedagógicas. De facto, não se pode devidamente operacionalizar uma planificação sem o conhecimento prévio do grupo discente e seu contexto educativo,<sup>263</sup> razão pela qual, no nosso estágio, foram fundamentas as sucessivas aulas que, ao longo de várias semanas, passámos com os alunos, enquanto assistíamos à lecionação da professora titular da disciplina de EMRC.

Para planificar as ações de ensino e aprendizagem, o docente tem de se colocar perante o Programa da disciplina e tomar decisões sobre os conteúdos a lecionar, o ritmo dessas ações, as estratégias de ensino, os materiais a utilizar e as formas de recolha de informação para a avaliação dos discentes e do próprio processo de ensino.<sup>264</sup> Esta tarefa, realizada no contexto de o estágio pedagógico, requer também a consulta dos instrumentos curriculares previamente estabelecidos pela escola, referentes à disciplina e aprovados pelo Conselho Pedagógico, nomeadamente, no nosso caso, o Plano de Aprendizagem da Disciplina de EMRC do 1.º Ano, anual e trimestral, que pode ver-se devidamente reproduzido no Dossier de Estágio, conforme nos foi facultado.

Assim, no momento de planificarmos as nossas aulas tivemos de ter em conta não só o Programa nacional e o Plano de Aprendizagem da Disciplina de EMRC do Agrupamento, mas também a caracterização da turma, o nível e as idades dos discentes, os seus interesses pessoais, as teorias sobre a psicologia da aprendizagem para os 6 anos de idade e a forma como nos pareceu que melhor aprendiam. No entanto, estamos conscientes de que muitas das decisões também foram tomadas devido à forma como sabemos e gostamos de ensinar; outras, devido aos limites que as próprias estruturas e equipamentos da sala de aulas nos impunham; e outras, ainda, graças aos conselhos da professora orientadora.

---

<sup>263</sup> Cristina Sá Carvalho. “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos no desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014”. *Pastoral Catequética*, 31-32 (2015), 38.

<sup>264</sup> Cf. Teresa Leite. “Planeamento e conceção da ação de ensinar”. *Situações de Formação*, 2 (2010), 12.

---



Domínios	Aprendizagens Essenciais	Estratégias de Aprendizagem	Áreas de competência PASEO	Recursos	Tempo minutos	Avaliação
					6'	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Descobrir a vida no Planeta Terra:</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>JOGOS Descubre onde vivo...</b> (dinâmica: JOGO) Destacar um a um os animais, aves e peixes do manual e questionar onde vive cada qual: Terra (animais e plantas), Céu (aves) e Água (peixes e outros).</li> <li>• <b>Descobre como sou...</b> Em cada imagem de animal, planta, ave ou peixe, salientar a variedade de espécies, cores, tamanhos...</li> <li>• Dialogar sobre <b>a diversidade de vida na Terra:</b> animais, plantas, oceanos enormes, rios, serras, montanhas, vales e florestas, vento, sol, chuva ...</li> </ul> </li> </ul>		Manual 1º Ano, p. 55-56 PowerPoint - Slides 6-19	15'	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Cantar a Natureza:</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aprender a canção “Gosto de Flores”</li> <li>• Ouvir a canção e observar os gestos.</li> <li>• Cantar a canção com gestos.</li> <li>• Dialogar sobre o poema da canção.</li> </ul> </li> </ul>		Manual 1º Ano, p. 58 PowerPoint – Slide 20 <a href="https://photos.app.goo.gl/gfvcw2CtCHftvvFx9">https://photos.app.goo.gl/gfvcw2CtCHftvvFx9</a>	10'	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Síntese e termo da leção:</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Síntese da aula e esclarecimento de dúvidas.</li> <li>• Os alunos saem ordenadamente, após a conclusão dos trabalhos.</li> </ul> </li> </ul>			5'	

### 3.2. Planificação da Aula 2

<b>Unidade Letiva 4 - Cuidar da Natureza</b> Aula: 2/6	<b>Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC)</b>	Ano: 1º - 1 Data: 15/03/2022 Tempo letivo: 60 minutos
---	---	---

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Estratégias de Aprendizagem	Áreas de competência PASEO	Recursos	Tempo minutos	Avaliação
<b>SUMÁRIO:</b> Introdução à Unidade Letiva 4 – Cuidar da Natureza. A beleza na natureza e a diversidade de vida na Terra..		<ul style="list-style-type: none"> <li>● Acolhimento e saudação.</li> <li>● Verificar as presenças.</li> </ul>		PowerPoint - slide 1; Quadro e Marcadores.	5'	
Cultura cristã  Visão cristã da vida	Descobrir a beleza e a diversidade da vida na Terra	<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Revisão das aprendizagens da aula anterior:</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>O que aprendemos? O que temos de melhorar?</b> Em diálogo com os alunos, a docente recorda os conteúdos ensinados na aula anterior e reforça as aprendizagens efetuadas.</li> </ul> </li> </ul>	Linguagem e textos  Informação e comunicação	PowerPoint - Slide 2	3'	Identificação de situações que revelam a beleza e a diversidade da vida na terra.
		<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>A diversidade da vida na Terra:</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Ligação com a aula anterior:</b> Partindo das aprendizagens da aula anterior, a docente expõe que no Planeta terra há uma grande diversidade de seres vivos (plantas, animais, aves, peixes, insetos, etc.).</li> <li>• <b>Reforço e aplicação das aprendizagens:</b> A docente entrega aos alunos a ficha de trabalho “A diversidade da vida na terra” e 20 figuras para colar na ficha, para que os alunos possam experimentar a grande diversidade de seres vivos existentes.</li> <li>• <b>Nota:</b> os alunos que acabarem a colagem mais cedo, realizam a atividade da pág. 57 do manual.</li> </ul> </li> </ul>	Raciocínio e resolução de problemas  Pensamento crítico e criativo	PowerPoint - Slide 3  Ficha de trabalho “A diversidade da vida na terra” 20 figuras (3,5x3,5 cm) Resolução: PowerPoint - Slide 4	3'  10'	Organização e qualidade da participação.  Organização e qualidade na elaboração das tarefas.
		<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Na Natureza temos tudo o que precisamos para sermos felizes:</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>‘N’ de Natureza.</b> <b>Exposição de conteúdos:</b> Projetar a imagem central da pág. 59, a partir da qual a docente explica que a Natureza nos dá tudo o que precisamos para nos alimentarmos.</li> <li>• <b>O que nos alimenta?</b> A partir da mesma imagem, a docente convoca os</li> </ul> </li> </ul>	Relacionamento interpessoal  Desenvolvimento pessoal e autonomia	Manual, pág. 57  PowerPoint - Slide 5 Manual, pág. 59  PowerPoint - Slide 5	4'  5'	Participação com empenho na realização dos vários trabalhos propostos (em grupo e individualmente).  Visualização e audição dos vídeos com atenção, sendo capaz de relacionar a mensagem com a diversidade da vida na terra.

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Estratégias de Aprendizagem	Áreas de competência PASEO	Recursos	Tempo minutos	Avaliação
		<p>alunos para, em grande grupo, cada um, livremente, identificar um dos 14 alimentos que constam na figura e dizer, p/ex.: se gosta, quando se costuma comer, de que forma é preparado se comer/beber, etc.</p>				
		<p>● <u>Origem dos alimentos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Exposição de conteúdos:</b> Explicar que os alimentos vêm da natureza: os vegetais, da agricultura, os animais, da pecuária, os peixes, da pesca.</li> <li>• <b>Reforço da aprendizagem:</b> Ver e ouvir o vídeo: “Na natureza temos tudo o que precisamos”. Discussão.</li> <li>• <b>Exercício sobre o que aprendemos:</b> realização da ficha da pág. 59 (unir os alimentos com a origem).</li> <li>• <b>Jogo sobre o que aprendemos:</b> Solicitar um aluno de cada vez para identificar a figura do alimento que surgir no quadro interativo e pedir-lhe para ligar a uma das figuras que representa a origem dos alimentos, no banco de imagens que surge no rodapé.</li> </ul>		<p>PowerPoint - Slides 6</p> <p><a href="https://photos.app.goo.gl/UpkuupyWGpCZvynUA">https://photos.app.goo.gl/UpkuupyWGpCZvynUA</a></p> <p>Manual 1º Ano, p. 59 Soluções: PowerPoint - 7</p> <p>PowerPoint - 8 Jogo Wordwall: <a href="https://wordwall.net/pt/resource/30035136">https://wordwall.net/pt/resource/30035136</a></p>	<p>4’</p> <p>2’</p> <p>5’</p> <p>10’</p>	
		<p>● <u>Cantar a Natureza:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aprender a canção “Gosto de Flores”.</li> <li>• Ouvir a canção e observar os gestos.</li> <li>• Cantar a canção com gestos.</li> <li>• Dialogar sobre o poema da canção.</li> </ul>		<p>Manual 1º Ano, p. 58 PowerPoint – Slide 9 <a href="https://photos.app.goo.gl/gfvcw2CtCHftvvFx9">https://photos.app.goo.gl/gfvcw2CtCHftvvFx9</a></p>	10’	
		<p>● <u>Síntese e termo da lecionação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Síntese da aula e esclarecimento de dúvidas.</li> <li>• Os alunos saem ordenadamente, após a conclusão dos trabalhos.</li> </ul>		<p>PowerPoint – Slide 10</p>	5’	

### 3.3. Planificação da Aula 3

<b>Unidade Letiva 4 - Cuidar da Natureza</b> <b>Aula: 3/6</b>	<b>Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC)</b>	Ano: 1º - 1 Data: 22/03/2022 Tempo letivo: 60 minutos
--	---	---

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Estratégias de Aprendizagem	Áreas de competência PASEO	Recursos	Tempo minutos	Avaliação
<b>SUMÁRIO:</b> Introdução à Unidade Letiva 4 – Cuidar da Natureza. A beleza na natureza e a diversidade de vida na Terra..		<ul style="list-style-type: none"> <li>● Acolhimento e saudação.</li> <li>● Verificar as presenças.</li> </ul>		PowerPoint - slide 1; Quadro e Marcadores.	5'	
Cultura cristã  Visão cristã da vida	Descobrir a beleza e a diversidade da vida na Terra	<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Revisão das aprendizagens da aula anterior:</u></li> <li>• <b>O que aprendemos? O que temos de melhorar?</b>                              Em diálogo com os alunos, a docente recorda os conteúdos ensinados na aula anterior e reforça as aprendizagens efetuadas, nomeadamente.                              a) No Planeta terra há uma grande diversidade de seres vivos (plantas, animais, aves, peixes, insetos, etc.).                              b) Natureza nos dá tudo o que precisamos para nos alimentarmos e sermos felizes.</li> </ul>	Linguagem e textos  Informação e comunicação  Raciocínio e resolução de problemas  Pensamento crítico e criativo	PowerPoint - slide 2  PowerPoint - slide 3	5'	Organização e qualidade da participação.  Compreensão da história, da mensagem e das imagens que ilustram os relatos da criação.  Organização e qualidade na elaboração das tarefas.
	Reconhecer Deus, na mensagem cristã, como o Criador	<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Ligação com a aula anterior. De onde vem tudo isto?</u></li> <li>• <b>Mobilização de conhecimentos dos alunos:</b> Partindo da diversidade da vida na terra e da riqueza da natureza, a docente questiona os alunos se sabem de onde vêm as plantas, animais, aves, peixes, insetos, etc. e tudo o que nos faz felizes. As crianças dão a sua opinião.</li> <li>• Por fim, a docente confessa retoricamente que não sabe de onde vem tudo isso e que precisa da ajuda de um amigo, que trouxe consigo: chama “Mundo!”. Os alunos chamam também: “Mundo”. Aparece o MUNDO (pictograma giratório em cartão).</li> </ul>	Relacionamento interpessoal  Desenvolvimento pessoal e autonomia	<b>Pictograma:</b> Mundo giratório sobreposto sobre cartão, com imagens dos elementos da criação do mundo (Gn 1-2) ;  Autocolantes em forma de “penso rápido;  Autocolantes em forma de coração vermelho.	4	Participação no trabalho e na dinâmica da apresentação do relato da criação.  Visualização e audição dos vídeos com atenção, sendo capaz de relacionar a mensagem com o relato da criação.
		<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>A natureza no relato da criação:</u></li> <li>• <b>Introdução ao tema:</b> A docente interpreta o poema “A Criação do Mundo”. Inicialmente, o Mundo (pictograma) aparece inteiro. À medida que o poema avança, a docente roda o círculo sobreposto, fazendo surgir, na janela do Mundo, uma</li> </ul>		Mundo em pictograma giratório de cartão  Poema: relato da criação	6	

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Estratégias de Aprendizagem	Áreas de competência PASEO	Recursos	Tempo minutos	Avaliação
		<p>figura que vai identificando os vários elementos da natureza, conforme seja o 1º, o 2º, o 3º, o 4º o 6º, o 6º e o 7º dia da criação.</p> <p>• <b>Síntese da aprendizagem:</b> a docente coloca o Mundo (cartão) no ponto neutro, e pergunta:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. se gostaram do poema;</li> <li>2. se se recordam do que aconteceu no primeiro dia.</li> </ol>				
		<p>● <u>A natureza no relato da criação (continuação):</u></p> <p>• <b>Exposição de conteúdos:</b> a docente recorda aos alunos tudo o que aconteceu em cada um dos dias, seguindo o texto da Bíblia (Gn 1-2,4), adaptando o seu conteúdo e utilizando comparações sugestivas.</p> <p>Utiliza a mesma técnica, rodando o círculo sobreposto para que apareça na janela do Mundo, a figura alusiva a cada um dos dias da criação.</p> <p>A docente deambula pela sala e todos os alunos podem ver bem as figuras e colocar as suas dúvidas.</p>		PowerPoint - slide 4	15	
		<p>● <u>A natureza no relato da criação (continuação):</u></p> <p>• <b>Reforço da aprendizagem:</b> Ver e ouvir o vídeo: “A história da criação”.</p> <p>Realizar a atividade da pág. 60 (colagem)</p> <p>Realizar a atividade da pág. 62 (crucigrama)</p>		Vídeo: “A história da criação” <a href="https://photos.app.goo.gl/VdwP88i6aCDzEYXw5">https://photos.app.goo.gl/VdwP88i6aCDzEYXw5</a> Manual 1º Ano, p. 60-62	10’	
		<p>● <u>Cantar a Natureza:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cantar a canção “Gosto de Flores”.</li> <li>• Ouvir a canção e observar os gestos.</li> <li>• Cantar a canção com gestos.</li> <li>• Aplicar o poema da canção às aprendizagens.</li> </ul>		Manual 1º Ano, p. 58 PowerPoint – slide 5 <a href="https://photos.app.goo.gl/gfvew2CtCHftvvFx9">https://photos.app.goo.gl/gfvew2CtCHftvvFx9</a>	10’	
		<p>● <u>Síntese e termo da leção:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Síntese da aula e esclarecimento de dúvidas.</li> <li>• Os alunos saem ordenadamente, após a conclusão dos trabalhos.</li> </ul>		PowerPoint – slide 6	5’	

### 3.4. Planificação da Aula 4

<b>Unidade Letiva 4 - Cuidar da Natureza</b> Aula: 4/6	<b>Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC)</b>	Ano: 1º - 1 Data: 29/03/2022 Tempo letivo: 60 minutos
---	---	---

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Estratégias de Aprendizagem	Áreas de competência PASEO	Recursos	Tempo minutos	Avaliação
<b>SUMÁRIO:</b> Introdução à Unidade Letiva 4 – Cuidar da Natureza. A beleza na natureza e a diversidade de vida na Terra.		<ul style="list-style-type: none"> <li>● Acolhimento e saudação.</li> <li>● Verificar as presenças.</li> </ul>		PowerPoint - slide 1; Quadro e Marcadores.	5'	
Cultura cristã  Visão cristã da vida	Reconhecer Deus, na mensagem cristã, como o Criador	<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Revisão das aprendizagens da aula anterior:</u></li> <li>• <b>O que aprendemos? O que temos de melhorar?</b>                Recorrendo ao pictograma giratório de cartão (<b>Mundo Feliz</b>), utilizado na aula anterior, a docente recorda, em diálogo com os alunos, os conteúdos e reforça as aprendizagens sobre a criação (adaptada de Gn 1-2,4). Sequência: pictograma e slides 2 a 8.             </li> <li>• <b>1º e 2º dias:</b> prevalência da intervenção da docente.</li> <li>• <b>3º ao 7º dias:</b> prevalência da intervenção de alunos.</li> <li>• <b>Síntese:</b> Deus viu que tudo o que criou é bom e, por isso, o mundo está feliz (sorriso do Mundo).</li> </ul> <b>Nota:</b> Pousar o Pictograma 1 discretamente, debaixo do Pictograma 2.	Linguagem e textos  Informação e comunicação  Raciocínio e resolução de problemas  Pensamento crítico e criativo  Relacionamento interpessoal	<b>Mundo Feliz</b> 1º pictograma giratório em cartão (figuras 1 a 7)  PowerPoint - slides 2 a 8	6'	Organização e qualidade da participação.  Compreensão da história/poema, da mensagem e das imagens que a ilustram.  Organização e qualidade na elaboração das tarefas.  Participação no trabalho e na dinâmica da exposição/diálogo.
Ética e Moral	Promover atitudes de defesa do Planeta e da vida na terra.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Ligação com aula anterior: que aconteceu ao Mundo?</u></li> <li>• <b>Mobilização de conhecimentos dos alunos:</b>                Solicitar ao aluno P..., que na aula anterior disse que o mundo estava a morrer, o porquê da sua afirmação. Solicitar a todos os alunos/as mais outros possíveis conhecimentos sobre os atentados contra o Planeta e contra a vida.</li> <li>• <b>Síntese:</b> Por causa de tudo isto, o mundo não está feliz. Erguer e exibir o <b>Mundo triste</b> (2º pictograma giratório em cartão; e slide 9).</li> </ul>	Desenvolvimento pessoal e autonomia	<b>Mundo Triste:</b> 2º pictograma giratório em cartão PowerPoint - slide 9	7'	Construção do conhecimento em conjunto  Compreensão das atitudes para salvar a vida e o Planeta

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Estratégias de Aprendizagem	Áreas de competência PASEO	Recursos	Tempo minutos	Avaliação
		<p>● <u>Nova aprendizagem: <i>A natureza está doente:</i></u>  <b>• EXPOSIÇÃO DE CONTEÚDOS I:</b>  Docente: <i>Atenção vou contar uma história...</i>  <b>Estratégia:</b>  1. Mundo inteiro (2º pictograma), com um penso no rosto e uma expressão triste.  2. Poluição da água; atentados contra os peixes;  3. Atentados contra a vida vegetal e animal;  4. Poluição da atmosfera;  5. Poluição urbana;  <b>Nota:</b> À medida que o poema avança, a docente roda o círculo sobreposto do 2º pictograma, fazendo surgir, na janela do Mundo, uma figura nova que vai identificando diferentes situações de atentados contra a natureza e contra a vida (figuras 1 a 4; slides 10 a 13), de acordo com o poema.</p>		<p><b>Poema</b>  “A história do Mundo triste” (de Elisabete Cunha) secções 1 a 5</p> <p><b>Mundo triste</b>  2º pictograma giratório em cartão (figuras 1 a 4)  PowerPoint - slides 10-13</p>	7'	<p>Visualização e audição dos vídeos com atenção, sendo capaz de relacionar a mensagem com as aprendizagens.</p> <p>Realização correta do trabalho individual e justificação das respostas</p> <p>Compreende as regras de participação na sala de aula</p>
		<p>● <u>Continuação da aprendizagem: <i>Cuidar da natureza:</i></u>  <b>• EXPOSIÇÃO DE CONTEÚDOS II:</b>  <i>Mas a história não acaba aqui e tudo pode mudar, por isso, muita atenção...</i>  <b>Estratégia (idêntica):</b>  6. Os ecopontos.  7. Os 3 R's;  8. O Planeta agradece.  <b>Nota:</b> À medida que o poema avança, roda-se o círculo do 2º pictograma (figuras 5 a 7; slides 14 a 16).</p>		<p><b>Poema</b>  “A história do Mundo triste” (de Elisabete Cunha) secções 6 a 8</p> <p><b>Mundo triste</b>  figuras 5 a 7</p> <p>PowerPoint - slides 14-16</p>	5'	
		<p>● <u>Diálogo conduzido sobre as aprendizagens:</u>  • Solicitar os alunos/as a indicar situações que atentam contra o Planeta e contra a vida. Em cada situação a docente cola um penso na face do Mundo triste (2º pictograma).  • Em seguida, solicitar os alunos/as a indicar situações que salvam o Planeta e a vida. Em cada situação, a docente retira um penso e cola um coração.  • Por fim, substituídos todos os pensos por corações, a docente inverte a boca do mundo, que fica a sorrir.  • <b>Síntese:</b> Se nós cuidarmos do Mundo e das criaturas, o Planeta agradece.</p>		<p>PowerPoint – slide 16</p> <p>Mundo triste/alegre</p> <p>Autocolantes em forma de “penso rápido;</p> <p>Autocolantes em forma de coração vermelho;</p>	6'	

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Estratégias de Aprendizagem	Áreas de competência PASEO	Recursos	Tempo minutos	Avaliação
		<p>● <b>Reforço da aprendizagem:</b> <i>Não me posso distrair...</i></p> <p>1. Ver e ouvir a canção: “O Planeta limpo” (de Filipe Pinto).</p> <p>2. <u>Realização individual de ficha de trabalho</u>  <b>Estratégia:</b> A docente distribui a ficha e 1 envelope com corações pensos de cartolina.</p> <p>3. <u>Correção em grande grupo da ficha de trabalho</u>  <b>Estratégia:</b> Solicitar os alunos/as para responder e justificar a aplicação dos pensos e corações.</p>		<p>Vídeo “O Planeta limpo”:  <a href="https://photos.app.goo.gl/thhqWq3VPxKzqoQL8">https://photos.app.goo.gl/thhqWq3VPxKzqoQL8</a>  PowerPoint – slide 17</p> <p>Ficha de trabalho  PowerPoint - slides 18  Envelopes com jogos de corações e pensos</p> <p>Correção da Ficha  PowerPoint - slides 18</p>	<p>3’</p> <p>7’</p> <p>4’</p>	
		<p>● <u>Cantar a Natureza:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cantar a canção “Gosto de Flores”</li> <li>• Ouvir a canção e observar os gestos.</li> <li>• Cantar a canção com gestos.</li> <li>• Aplicar o poema da canção às aprendizagens.</li> </ul>		<p>Manual 1º Ano, p. 58  PowerPoint – Slide 21  <a href="https://photos.app.goo.gl/gfvcw2CtCHftvvFx9">https://photos.app.goo.gl/gfvcw2CtCHftvvFx9</a></p>	5’	
		<p>● <u>Síntese e termo da lecionação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Síntese da aula e esclarecimento de dúvidas.</li> <li>• Os alunos saem ordenadamente, após a conclusão dos trabalhos.</li> </ul>		<p>PowerPoint – Slide 22</p>	5’	

### 3.5. Planificação da Aula 5

<b>Unidade Letiva 4 - Cuidar da Natureza</b> <b>Aula: 5/6</b>	<b>Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC)</b>	Ano: 1º - 1 Data: 05/04/2022 Tempo letivo: 60 minutos
--	---	---

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Estratégias de Aprendizagem	Áreas de competência PASEO	Recursos	Tempo minutos	Avaliação
<b>SUMÁRIO:</b> À Descoberta do Sol. A história da Páscoa.		<ul style="list-style-type: none"> <li>● Acolhimento e saudação.</li> <li>● Verificar as presenças.</li> </ul>		PowerPoint - slide 1; Quadro e Marcadores.	5'	
Ética e Moral	Promover atitudes de defesa do Planeta e da vida na terra.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Revisão das aprendizagens da aula anterior:</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>O que aprendemos? O que temos de melhorar?</b> Recorrendo ao pictograma giratório de cartolina (<b>Mundo Triste</b>), utilizado na aula anterior, a docente recorda, em diálogo com os alunos, os conteúdos e reforça as aprendizagens, de acordo com a sequência: pictogramas e slides 2 a 8:</li> <li>• <b><u>A natureza está doente:</u></b> prevalência da intervenção da docente (pictogramas e slides 2 a 5).</li> <li>• <b><u>Cuidar da natureza:</u></b> prevalência da intervenção dos discentes (pictogramas e slides 6 a 8).</li> </ul> </li> </ul>	Linguagem e textos  Informação e comunicação  Raciocínio e resolução de problemas  Pensamento crítico e criativo	<b>Mundo Triste</b> Pictograma giratório em cartolina (figuras 1 a 7)  PowerPoint - slides 2 a 8	5'	Organização e qualidade da participação.  Compreensão das atitudes para salvar a vida e o Planeta  Compreensão da história da Páscoa.
		<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Ligação com aula anterior:</u> Que tristeza, o Mundo está triste...</li> <li>• <b>O Mundo ainda está Triste</b>, porque há muito lixo e a energia/combustível que usamos não é limpa (poluímos muito o Planeta para produzir energia/combustível).</li> <li>• <b>Mobilização de conhecimentos dos alunos/as:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Perguntar, de acordo com o que aprendemos:</li> <li>1. Que tipo de energia usamos que não é limpa?</li> <li>2. Qual é o elemento da criação mais claro e mais limpo? Valorizar: luz e Sol.</li> </ul> </li> <li>• <b>Síntese:</b> O sol é o elemento da criação mais claro, porque é luz e é a fonte de energia mais limpa.</li> </ul>	Relacionamento interpessoal  Desenvolvimento pessoal e autonomia	PowerPoint - slides 8  <b>Síntese:</b> PowerPoint - slide 9	5'	Organização e qualidade na elaboração das tarefas.  Participação no trabalho e na dinâmica da exposição/diálogo.  Construção do conhecimento em conjunto

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Estratégias de Aprendizagem	Áreas de competência PASEO	Recursos	Tempo minutos	Avaliação
Cultura cristã Visão cristã da vida	Reconhecer Deus, na mensagem cristã.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Nova aprendizagem: <i>A descoberta do Sol:</i></b></li> <li>• <b>EXPOSIÇÃO DE CONTEÚDOS I:</b> Docente: <i>Desenvolver o tema do Sol como fonte de energia limpa e renovável.</i></li> <li>● <b>Reforço das aprendizagens:</b> Desenhar o Sol no Manual e outros elementos da criação, que cada aluno/a prefira.</li> </ul>		PowerPoint - slides 9  Manual, pág. 66	2'  8'	Realização do trabalho individual  Compreende as regras de participação na sala de aula
		<ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Nova a aprendizagem: <i>A história da Páscoa:</i></b></li> <li>• <b>EXPOSIÇÃO DE CONTEÚDOS - II:</b> Docente: <i>Desenvolver a história da Páscoa.</i></li> </ul> <b>Estratégia</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Desenvolver os temas:</b> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Entrada em Jerusalém / Domingo de Ramos.</li> <li>2. A última Ceia / o pão e o vinho.</li> <li>3. Judas traição Jesus em troca de 30 moedas.</li> <li>4. Jesus morre na cruz/ Sexta-Feira Santa.</li> <li>5. Jesus é sepultado.</li> <li>6. Jesus ressuscita/ Domingo de Páscoa.</li> </ol> </li> </ul>		PowerPoint - slides 10-15	5'	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Diálogo conduzido sobre as aprendizagens:</b></li> </ul> <b>Estratégia</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Colocar o desafio:</b> <i>Quero ver quem consegue descobrir na história da Páscoa uma pessoa que é parecida com o Sol (à descoberta do Sol) e em que momento isso acontece.</i></li> <li>• Solicitar os alunos/as que digam em que momento da história da Páscoa é que Jesus se parece mais com o Sol. Valorizar: Jesus ressuscita.</li> </ul>		PowerPoint - slides 10-15	5'	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Aplicação do conhecimento:</b> <i>Construir a história da Páscoa:</i> Colorir as duas faces do Pictograma giratório em cartolina com <i>A história da Páscoa</i>. No fim colocar os ataches.</li> </ul> <b>Nota:</b> Os alunos levam o respetivo Pictograma para casa para contar a história da Páscoa aos pais e, assim, consolidar e prolongar as aprendizagens.		Pictograma giratório em cartolina com a história da páscoa Lápis de cor PowerPoint - slides 16	20'	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Síntese e termo da lecionação:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Síntese da aula e esclarecimento de dúvidas.</li> <li>• Os alunos saem ordenadamente, após a conclusão dos trabalhos.</li> </ul> </li> </ul>		PowerPoint – Slide 17	5'	

### 3.6. Planificação da Aula 6

<b>Unidade Letiva 4 - Cuidar da Natureza</b> <b>Aula: 6/6</b>	<b>Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC)</b>	Ano: 1º - 1 Data: 19/04/2022 Tempo letivo: 60 minutos
--	---	---

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Estratégias de Aprendizagem	Áreas de competência PASEO	Recursos	Tempo minutos	Avaliação
<b>SUMÁRIO:</b> Devemos amar e cuidar a natureza.		<ul style="list-style-type: none"> <li>● Acolhimento e saudação.</li> <li>● Verificar as presenças.</li> </ul>		PowerPoint - slide 1; Quadro e Marcadores.	5'	
Cultura cristã  Visão cristã da vida	Reconhecer Deus, na mensagem cristã.  Promover atitudes de defesa do Planeta e da vida na terra.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Revisão das aprendizagens da aula anterior:</u></li> <li>• <b>O que aprendemos? O que temos de melhorar?</b></li> <li>• <b>A história da Páscoa:</b></li> <li>- A docente aponta a sequência de 6 imagens do pictograma, a começar nos Ramos e a terminar na Ressurreição, recordando as aprendizagens;</li> <li>- Os alunos/as dizem como contaram a história em casa e como foi a sua Páscoa.</li> </ul>	Linguagem e textos  Informação e comunicação  Raciocínio e resolução de problemas  Pensamento crítico e criativo  Relacionamento interpessoal  Desenvolvimento pessoal e autonomia	Pictograma com <i>A história da Páscoa</i>  PowerPoint - slides 2	5'	Organização e qualidade da participação.  Compreensão da relação fraterna entre as criaturas e os seres humanos  Visualização e audição do vídeo com atenção, sendo capaz de relacionar a mensagem com as aprendizagens.  Organização e qualidade na elaboração das tarefas.  Participação no trabalho e na dinâmica da exposição/diálogo.
		<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Ligação com aula anterior:</u></li> <li>• <b>À descoberta do Sol:</b></li> <li>- A docente recorda que o Sol é uma fonte de energia limpa e lembra os desenhos feitos pelos alunos/as na aula anterior (Pág. 66 do Manual).</li> </ul>		PowerPoint - slides 3	4'	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>● <u>Nova aprendizagem: <i>O Sol e as outras criaturas são todas nossas irmãs:</i></u></li> <li>• <b>EXPOSIÇÃO DE CONTEÚDOS I:</b></li> <li>A docente explica que quem criou o Sol foi o mesmo Criador/Deus que criou as plantas, peixes, as aves, os animais e os seres humanos.</li> <li>● <b>Mobilização de conhecimentos anteriores:</b></li> <li>Deus é o único Criador e nós somos todos irmãos:</li> <li><b>Estratégia (Interação docente-alunos/as):</b></li> <li>• Utilizando o pictograma do Mundo com a criação, a docente e os alunos/as percorrer a sequência, reforçando os elementos criados nos dias a negrito:</li> <li>1º Dia: A luz: o dia e a noite</li> <li>2º Dia: O céu e as águas</li> <li><b>3º Dia: A terra e as plantas</b></li> <li><b>4º Dia: O Sol, a Lua e as estrelas</b></li> <li><b>5º Dia: Os peixes e as aves</b></li> <li><b>6º Dia: Os animais e o ser humano</b></li> <li>7º Dia: O descanso e a contemplação</li> </ul>		PowerPoint - slides 4 a 10	2'	

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Estratégias de Aprendizagem	Áreas de competência PASEO	Recursos	Tempo minutos	Avaliação
Ética e Moral		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Síntese:</b> Todas as coisas criadas são nossas irmãs, por isso, temos de respeitar não só as pessoas, mas também os animais e a natureza.</li> </ul>				Compreende as regras de participação na sala de aula
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Nova aprendizagem: <i>Francisco de Assis e o lobo:</i></b></li> <li>• <b>EXPOSIÇÃO DE CONTEÚDOS - II:</b> A docente explica que, por serem seres vivos e dotados de consciência, não podemos fazer sofrer os animais, nem domésticos nem selvagens.</li> <li>• Na sequência da aprendizagem anterior, os alunos/alunas são solicitados a dar exemplos de respeito pelos animais.</li> </ul>		PowerPoint - slide 11	3'	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Aplicação do conhecimento em debate conduzido:</b></li> <li>• <b>Colocar a questão:</b> E se os animais forem agressivos e “maus” para os seres humanos? Que fazer?</li> <li>• Solicitar os alunos/as para que encontrem estratégias de conciliação a partir de exemplos da vida real.</li> </ul>		PowerPoint - slide 12	3'	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Reforço das aprendizagens:</b></li> <li>• <b>Vídeo:</b> «O Pequeno Francisco e o Lobo de Gúbio»: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=uiTNBTZTOBE">https://www.youtube.com/watch?v=uiTNBTZTOBE</a></li> <li>• <b>Diálogo sobre o vídeo:</b> os alunos/alunas são solicitados para refletirem sobre a estratégia utilizada por São Francisco de Assis, para reconciliar os habitantes da cidade de Gúbio com o lobo.</li> </ul>		PowerPoint - slide 13 Vídeo: «O Pequeno Francisco e o Lobo de Gúbio»	8' 5'	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Aplicação do conhecimento (Expressão Artística):</b></li> <li>• <b>Atividade 1:</b> Colagem de imagens da história «Francisco de Assis e o lobo de Gúbio» na ficha.</li> <li>• Correção da Atividade 1 (slide 14)</li> <li>• <b>Atividade 2:</b> Pintar a figura de Francisco de Assis no Manual (pág. 63). Se terminarem a Atividade 1.</li> </ul>		Ficha: «Francisco de Assis e o lobo de Gúbio»  Resolução: PowerPoint – Slide 14 Manual, pág. 63,	6' 2' 4'	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Síntese e termo da leção:</b></li> <li>• Síntese da aula e esclarecimento de dúvidas.</li> <li>• Os alunos saem ordenadamente, após a conclusão dos trabalhos.</li> </ul>		PowerPoint – Slide 15	5'	

## **8. Síntese e reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada**

A Prática de Ensino Supervisionada surge como o corolário de um percurso que teve início no Curso de Mestrado em Ciências Religiosas com especialização em ensino de Educação Moral e Religiosa Católica, que compreende o estágio pedagógico realizado na Escola Básica do 1.º Ciclo de São Victor do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, da cidade de Braga. Foi desenvolvida junto de um grupo/turma de alunos do 1.º Ano do Ensino Básico, através da aplicação da Unidade Letiva “Cuidar da Natureza”, composto por 14 elementos, 7 raparigas e 7 rapazes, com 6 anos de idade.

O estágio pedagógico teve início no momento em que travámos conhecimento com o grupo/turma, isto é, antes de dar início às leccionações. Durante o primeiro período, fomos acompanhando os alunos, em sala de aula. Inicialmente adotámos uma ação de observação passiva. Depois, encetámos uma forma mais ativa de observação, a que poderemos chamar participante, na medida em que prestámos alguma colaboração na execução de tarefas, em conformidade com as instruções da docente titular da disciplina de EMRC, que orientou o nosso estágio.

A observação em sala de aula e, sobretudo, a participação nas atividades deu origem a uma interação pedagógica informal, que facilitou a relação com o grupo/turma no momento de aplicar a nossa Prática de Ensino Supervisionada. De facto, o conhecimento dos alunos e a compreensão do contexto escolar permitiu-nos perceber aquela realidade escolar concreta, nas suas potencialidades e limites, tornando mais lógica e ágil a planificação dos métodos e estratégias de ensino. Não podemos esquecer que se tratava de um grupo/turma do 1.º nível de ensino, que tinha acabado de deixar o Pré-Escolar. Queríamos que o seu contacto com a disciplina fosse muito positivo, lhes deixasse boas memórias e sentissem que o que iam aprender era significativo.

Assim, partimos para a planificação da Unidade Letiva dispondo do conhecimento prévio do grupo/turma, com o qual mantínhamos uma relação pedagógica estável, próxima e tranquila. Por outro lado, estávamos também na posse dos documentos organizacionais e pedagógicos do Agrupamento de Escolas em questão e tínhamos dado início à redação do referencial teórico, fruto da pesquisa documental até então realizada.

Planificámos 6 aulas de 50 minutos, com base no programa da disciplina e na planificação anual e trimestral que nos foi disponibilizada, adotando, inclusivamente, alguns dos recursos aí previstos. Atendendo ao facto de que os alunos disponham do Manual escolar da disciplina, estabelecemos como critério, quanto possível, realizar as atividades aí previstas e utilizar as imagens da natureza, dos animais e de São Francisco de Assis aí disponibilizadas.

Todavia, a grande maioria dos recursos didático-pedagógicos utilizados foram criados ou adaptados por nós. Deles se destacam os 3 Pictogramas giratórios de cartão, representando o “Mundo Feliz”, o “Mundo Triste” e “A história da Páscoa”. De igual forma devemos salientar que em todas as aulas tivemos um PowerPoint com diapositivos orientados para apoiar o desenvolvimento das atividades de ensino, aprendizagem e avaliação, bem como para mediar a implementação das respetivas estratégias. Ou seja, foi a partir dos diapositivos do PowerPoint que fizemos a ligação para as canções, vídeos, jogos e imagens digitais.

Há duas atividades previstas, que constam nas planificações, mas que são de aplicação condicional, isto é, apenas seriam realizadas se fosse necessário, podendo ser dispensadas caso as estratégias anteriores surtissem o efeito pretendido, como de facto aconteceu. No primeiro caso, é um pequeno vídeo de animação, que narra a criação do mundo, adaptando o relato bíblico; e, no segundo caso, é uma atividade prevista para ser realizada pelos alunos que tivessem terminado mais rapidamente a resolução da ficha de trabalho “Francisco de Assis e o lobo de Gúbio”, constando de colorir a figura de Francisco de Assis do seu Manual escolar.

Para emprestar beleza aos momentos de exposição de conteúdos e torná-los menos formais e mais apelativos e sedutores, incluímos na nossa planificação o recurso a canções com gestos, vídeos significativos, jogos de descoberta e desafio. Criámos dois Pictogramas Giratórios, ou seja, o Mundo Triste e o Mundo Feliz, para acompanhar as narrativas associadas aos dois temas mais importantes da Unidade Letiva, que foram apresentados em verso rimado, sob a forma de quadra popular. Referimo-nos à “História da criação”, um poema adaptado, conforme antes referido, que retrata Gn 1-2,4; e “O cuidado da Natureza”, da nossa autoria, que reporta os problemas ambientais e a forma como se podem evitar e remediar. A recitação destes poemas foi acompanhada pela exibição encadeada das figuras alusivas ao texto, que fazíamos surgir sucessivamente na janela dos Pictogramas 1 e 2 e, ao mesmo tempo, na apresentação de PowerPoint. Percebemos que, o recitar da poesia, a cadência e musicalidade das estrofes, o ritmo do texto e o deambular pela sala prendiam a atenção dos alunos, que retinham a mensagem e

fixavam os conteúdos com grande facilidade. Esta estratégia foi por eles tão apreciada que eles mesmos quiseram criar um Pictograma para poder movimentar, enquanto contavam uma eventual história. A resiliência docente sobre o processo de ensino significa que, embora nas aulas procurássemos ser fiéis às planificações, soubemos alterar o planificado, atendendo a que o tema da Páscoa não constava da planificação. Contudo, tendo sido avaliado como válido e pertinente, pela coordenação do estágio, foi introduzido o tema como conteúdo letivo e a dinâmica descrita como uma forma de oferecer aos alunos a oportunidade de criarem, eles mesmos, um Pictograma pessoal, sobre “A história da Páscoa”, conforme tanto desejavam, para colorirem em aula e poderem contar a história em casa aos pais, familiares e amigos.

Antes de introduzir os novos conceitos, demos destaque à primeira letra da palavra: “N” de “Natureza”, estratégia com a qual os alunos estavam familiarizados, uma vez que estavam a aprender as letras, no intuito de adquirir competências de leitura e escrita. Na exposição de conteúdos, empregámos frequentemente a técnica da narrativa dramatizada, como quem conta uma história, tocando nos conteúdos previstos para a lecionação, conforme as Aprendizagens Essenciais.

Nos momentos de revisão, síntese, reforço das aprendizagens e esclarecimento de dúvidas, optámos pelo diálogo conduzido, mobilizando os conhecimentos anteriores dos alunos e ajudando-os a consolidar os novos conteúdos e práticas. Deste modo, eles foram parte integrante do seu próprio processo de ensino e aprendizagem, encorajados por nós a participar ativamente com confiança e espontaneidade.

A avaliação implementada revestiu um carácter contínuo e formativo. Dispusemos atividades, estratégias e recursos de avaliação dos alunos e de monitorização do processo de ensino. Nesse sentido, tanto apresentámos ao grupo/turma questões, problemas e hipóteses, extraídas da vida real, para discussão; como solicitámos a realização de exercícios no Manual escolar e de fichas de trabalho, de resolução simples e prática, recorrendo a estruturas metodológicas extraídas das Expressões Artísticas. Também realizámos dois jogos interativos através da plataforma informática Wordwall, que os alunos apreciaram, sentindo-se reforçados em cada vez que acertavam nas suas escolhas. A observação do desempenho dos alunos durante a realização destas atividades avaliativas e na entrega de resultados, contribuiu para termos uma perceção precisa, a cada instante, das capacidades e atitudes do grupo/turma e da adequação das estratégias para a construção, apropriação e aplicação dos conhecimentos.

De acordo com os critérios de avaliação adotados pelo Departamento Curricular de Ciências Sociais e Humanas, onde se insere a disciplina de EMRC, desenvolvemos estratégias centradas no processo educativo e na aquisição de conhecimentos, capacidades e atitudes. Evitámos sobrecarregar os alunos com explicações excessivas de conteúdo ou com a realização de tarefas complexas e desajustadas à sua idade e ao contexto. Tratámos de os cativar e motivar permanentemente, tentando centrá-los nas Aprendizagens Essenciais e surpreende-los com estratégias apelativas.

Em resposta, o grupo/turma demonstrou ter-se apropriado de novos conhecimentos com base nas aprendizagens desenvolvidas através das nossas lecionações, como sejam a construção, retenção e aplicação de novos saberes e práticas, patente nos trabalhos devolvidos e aula e nas evidências recolhidas no Dossier. Demonstrou, ainda, ter adquirido novas competências nos domínios da cultura cristã, visão cristã da vida, ética e moral, sobretudo no que diz respeito ao preceituado nos objetivos das Aprendizagens Essenciais da Unidade Letiva, nomeadamente na descoberta da beleza e da diversidade da vida na Terra, na identificação do Planeta Terra como uma imensa casa comum, no reconhecimento de Deus o Criador e na promoção de atitudes de cuidado e defesa da vida na Terra e dos recursos existentes. Portanto, avaliamos de forma excelente o trabalho por nós efetuado no quadro da Prática de Ensino Supervisionada e, com a mesma menção, os resultados obtidos junto dos alunos.

## CONCLUSÃO

A conclusão deste Relatório encerra um percurso com dois horizontes: o académico realizado no âmbito do Curso de Mestrado em Ciências Religiosas com especialização em ensino de Educação Moral e Religiosa Católica; e o pedagógico, concretizado na Escola Básica do 1.º Ciclo de São Victor, em Braga, com um grupo de alunos do 1.º Ano, através da Prática de Ensino Supervisionada sobre a Unidade Letiva “Cuidar da Natureza”.

O cuidado da natureza é um tema que preocupa e empenha a humanidade há muito tempo, mas que tem ainda um longo caminho a percorrer. No campo da educação ambiental, a evolução positiva das últimas décadas fez com que as novas gerações se mostrem sensibilizadas para os temas ecológicos e, em geral, adotem condutas consentâneas com a redução, reutilização e reciclagem de resíduos. Contudo, atendendo às diversas e profundas agruras que assolam o Planeta, torna-se evidente que a soma destas práticas, individualmente consideradas, não consegue debelar o problema, nem a intervenção sectorial nos poderá obter soluções globalizadas.

Por isso, continuam a ser pertinentes as propostas que, depois da Encíclica *Laudato si'*, o Papa Francisco tem apresentado para que a humanidade invista numa estratégia ecológica integral, que veja e avalie todas as dimensões do problema e atue no campo das soluções. Uma ecologia integral não se limita às questões físicas e biológicas da natureza, mas preocupa-se também com o facto humano. Portanto, na visão da Igreja, a ecologia para ser integral não se pode interessar apenas pelos problemas ambientais, económicos, políticos e sociais, que a degradação do Planeta e das condições de vida nos impõem. Tem de tocar também a dimensão antropológica. É neste cenário que a ecologia integral requer da sociedade humana uma conversão integral, que dê lugar a uma nova forma de habitar a casa comum, que é a Terra, e de conviver com todos os seres vivos, especialmente com os nossos semelhantes.

Assentes estes pressupostos, voltamos à questão inicial, assinalada na introdução deste trabalho, com a qual pretendíamos saber como ensinar os alunos do 1.º Ano de EMRC a cuidar do Planeta no horizonte da ecologia integral.

Cuidar do Planeta deve ser um compromisso de todos. Neste sentido, partindo do nosso referencial teórico, em consonância com o Programa da EMRC do 1.º Ano, pretendemos

despertar os alunos, num enquadramento multidisciplinar e dinâmico, através dos domínios da cultura cristã, da visão cristã da vida, da ética e da moral. Deste desafio pedagógico resultou a necessidade de identificar com precisão os principais eixos de aprendizagem, que são o cuidar/cuidado, o Planeta e a ecologia integral.

Ao desenvolvermos a nossa investigação, por meio de uma laboriosa pesquisa documental, tantas vezes longa e silenciosa, juntamente com a questão inicial estimámos também um conjunto de objetivos educacionais. Deste modo, atribuímos à reflexão dos primeiros dois capítulos um carácter científico, sem perder o intuito pedagógico, no sentido de encontrar os fundamentos para ensinar os alunos a cuidar da criação e despertar neles uma consciência ecológica livre, espontânea e natural.

Competia-nos fundamentar, no primeiro objetivo, a consciência de que o Planeta Terra é uma casa; e essa casa é-nos comum. De forma a podermos transmitir esta ideia aos alunos, nutrimos a nossa reflexão a partir das conceções, exemplos e princípios operativos transcritos da Encíclica *Laudato si'*. O ponto de partida do Papa Francisco para estabelecer a sua doutrina sobre uma ecologia integral é a inelutável constatação de que o Planeta é não só a nossa casa comum, mas também a única casa onde podemos efetivamente morar. Pelo menos, no que nos é dado saber, até ao momento. Esta casa, é comum a todos os seres humanos, mas também a todos os outros seres animados e inanimados. Tal como o Santo Padre, também Leonardo Boff nos acompanhou para percebermos o real encanto que consiste em vivermos numa casa comum e, ao mesmo tempo, a grande desilusão que é constatarmos que esta casa se encontra suja, desgastada e praticamente em ruínas. Por isso, ela reclama um resgate urgente, realizado a partir de uma consciência ética, que nos garanta o futuro a nós, à natureza animada e inanimada, no presente e no futuro. Todos estes pressupostos se refletem em várias das nossas aulas aplicadas na Prática de Ensino Supervisionada, em particular ao tratarmos os temas da criação do mundo e da degradação a que foram devotadas cada uma das obras criadas, por causa da excessiva exploração de recursos e da falta de cuidado. De igual forma, tornámos patente para os alunos a visão integral da ecologia, através de estratégias de identificação e remediação dos problemas ecológicos, além da realização de atividades práticas e de fichas de trabalho com esse intuito.

Em segundo lugar, tínhamos o objetivo de descobrir a visão bíblica da criação em relação com a Terra e a natureza. A partir de uma análise simples do texto bíblico, pudemos constatar que, nas primeiras páginas da Bíblia, Deus surge como um agente Criador de todas as

coisas animadas e inanimadas, que habitam e constituem a nossa casa comum. Em seguida, os autores que consultámos contribuíram para nos ajudar a conhecer a ligação que o livro do Génesis estabelece entre a Terra e as criaturas que nela habitam. Referimo-nos especificamente ao facto de que o autor sagrado chama ao primeiro humano criado: *Adam* (cf. Gn 2,7), uma palavra que foneticamente está relacionada com *Adamah*, que em hebraico quer dizer “terra”, no sentido de “solo cultivável”. Foi a partir da terra que Deus modelou o primeiro ser humano e os outros animais (cf. Gn 2,19), o que simbolicamente quer dizer que todos foram gerados a partir da mesma matéria prima. Esta constatação, que levou o Papa Francisco, logo no número 2 da *Laudato si'*, a dizer que fisicamente o corpo humano é feito pelos mesmos elementos químicos disponíveis no Planeta, permitiu-nos a nós, no trabalho de docência de várias leccionações, ajudar os alunos a compreender melhor a ligação física e ontológica dos seres humanos com todas as outras criaturas, especialmente as enumeradas no relato da Criação (cf. Gn 1-2,4). Ao mesmo tempo, contribuiu também para lhes mostrarmos as razões que levaram São Francisco de Assis a considerar cada criatura animada e inanimada, como irmã, o que foi matéria relevante para cimentar as aprendizagens da 6.<sup>a</sup> aula.

Cabia-nos, também, em terceiro lugar, conforme os objetivos educacionais da nossa investigação, referidos na introdução, conhecer melhor os conceitos de cuidar/cuidado e de ecologia integral. A eles dedicámos respetivamente o começo do primeiro capítulo e uma parte do segundo, extraído do primeiro, como síntese e conclusão, que devemos “cuidar por (com)paixão do Planeta”; e, do segundo, que, como docentes, devemos “educar para o cuidado no contexto da ecologia integral”. Depois de termos uma noção clara destes conceitos básicos, tornou-se mais fácil interpretar as Aprendizagens Essenciais previstas nos documentos do Ministério da Educação, para a disciplina de EMRC, e transpô-las para a planificação das aulas, em particular: “Descobrir a beleza e a diversidade da vida na Terra”, “Reconhecer Deus, na mensagem cristã, como o Criador” e “Promover atitudes de defesa do Planeta e da vida na terra”.

Fazia parte do quarto e último objetivo educacional que nos havíamos proposto “saber cuidar do Planeta no horizonte da ecologia integral”. Ao enunciar o objetivo desta forma, tomámos para nós o ónus da aprendizagem, isto é, fizemos da nossa investigação um trabalho autodidata de aquisição de saberes e práticas sobre esta temática, aprendendo para depois ensinar aos alunos. Portanto, quisemos aprender, quer no âmbito teórico, quer no âmbito prático, como devemos cuidar do Planeta dentro do vasto horizonte que é a ecologia integral.

Sobre os resultados desta aprendizagem, remetemos não só para os dois primeiros capítulos de teor acadêmico, mas também para o terceiro capítulo, de caráter didático e pedagógico. Nos primeiros, vemos como a documentação reunida e a reflexão produzida nos permitiu encontrar um conjunto de motivos que, na perspectiva teológica, antropológica e eclesial sustentam as razões de cuidar do Planeta. No terceiro capítulo, tratámos de operacionalizar um conjunto de conteúdos e estratégias didático-pedagógicas que, depois de aplicadas junto do grupo/turma que nos foi confiado, nos permitem concluir sobre a viabilidade e adequação de ensinar aos alunos de EMRC do 1.º Ano como cuidar do Planeta no horizonte da ecologia integral, adotando recursos variados, físicos e digitais, que tornaram as aprendizagens motivadoras, apelativas, desafiantes e, ao mesmo tempo, significativas, profundas, consolidadas e duradoiras.

O Planeta tem uma carga física muito forte, enquanto mundo natural, conforme defendemos. Essa circunstância estabelece o bomnexo de coerência entre o nosso referencial teórico e o tema da Unidade Letiva “Cuidar da Natureza”. Recolhemos, sobretudo a partir do pensamento de Leonardo Boff, os princípios de uma ética do cuidado do Planeta. Por um lado, cuidar de alguém que se ama, a todos parece um ato humano e, de certo modo, necessário e imperativo. Por outro lado, cuidar de outros seres vivos e/ou de coisas inanimadas, sobretudo se não os/as amamos, mas simplesmente utilizamos, pode parecer, para muitos, um ato arbitrário e facilmente dispensável. Ora, a ética do cuidado, aplicada ao mundo natural animado e inanimado, estabelece como imperativo ético o dever de cuidar, que implica entre outras ações: respeitar, reparar e preservar todos os elementos naturais, vivos ou inertes. Estes princípios e valores, vividos e aplicados no horizonte de uma ecologia integral, ganham novo alcance, pois ao cuidar da natureza estamos a cuidar da nossa casa comum; e ao salvar a natureza, salvamos também a humanidade.

Cuidar do Planeta no horizonte da ecologia integral torna-se, assim, uma necessidade básica, que deve fazer parte do imaginário e da vida das crianças do 1º Ano de escolaridade, para que se concretize em boas práticas quotidianas, que são um dever de cidadania.

## BIBLIOGRAFIA

### Documentos eclesiais

Bento XV. “Encíclica *Caritas in veritate*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 101 (2009) 641-709.

Comissão Episcopal da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica - Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2007.

Concílio Ecuménico Vaticano II. “Constituição Pastoral *Gaudium et spes*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 58 (1966) 1025-1115.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Educação Moral e Religiosa Católica. Um Valioso Contributo para a Formação da Personalidade*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2006.

Francisco. *Mensagem do Papa Francisco Para o Lançamento do Pacto Educativo*. Cidade do Vaticano, 12 de setembro de 2019. Consultado em:  
[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco\\_20190912\\_messaggio-patto-educativo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html).

Francisco. “Encíclica *Laudato si’* ”. *Acta Apostolicae Sedis*, 107 (2015) 847-945.

Grupo de Trabajo Interdicasterial de la Santa Sede Sobre la Ecología Integral. *En Camino Para el Cuidado de la Casa Común. A Cinco Años de la Laudato si’*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

João Paulo II. “Bula *Inter sanctos*”. 29 de novembro de 1979. Cidade do Vaticano. Consultado em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost\\_letters/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19791129\\_inter-sanctos.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1979/documents/hf_jp-ii_apl_19791129_inter-sanctos.html).

João Paulo II. “Carta Encíclica *Redemptor Hominis*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 71 (1979), 257-324.

João Paulo II. “Encíclica *Sollicitudo rei sociales*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 80 (1988) 513-586.

João Paulo II. “Encíclica *Centesimus annus*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 83 (1991), 793-867.

João Paulo II. *Paz com Deus Criador, paz com toda a criação. Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXIII Dia Mundial da Paz*. Cidade do Vaticano, 1 de janeiro de 1990. Consultado em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19891208\\_xxiii-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace.html).

Leão XIII. “Encíclica *Rerum novarum*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 23 (1890-1891), 641-670.

Paulo VI. “Carta Apostólica *Octogesima adveniens*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 63 (1971) 401-441.

Paulo VI. *Mensaje de su Santidad Pablo VI a la Conferencia de las Naciones Unidas sobre el medio ambiente*. Cidade do Vaticano, 1 de junho de 1972. Consultado em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/messages/pont-messages/documents/hf\\_p-vi\\_mess\\_19720605\\_conferenza-ambiente.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/messages/pont-messages/documents/hf_p-vi_mess_19720605_conferenza-ambiente.html).

Pio XI. “Encíclica *Quadragesimo Anno*”. *Acta Apostolicae Sedis*, 23 (1931), 177-228.

Pio XII. *Radiomensagem na Solenidade de Pentecostes: 50º Aniversário da Carta Encíclica ‘Rerum Novarum’ de Leão XIII*. Cidade do Vaticano, 1 de junho de 1941. Consultado em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1941/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19410601\\_radiomessage-pentecost.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1941/documents/hf_p-xii_spe_19410601_radiomessage-pentecost.html).

## **Documentos organizacionais**

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. *Projeto Educativo 2018-2022*. Braga, 2018.

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. *Regulamento Interno*. Braga, 2019.

Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé. *Diário da República*, I Série-A, 269 (2004), 6741-6750.

Decreto-Lei N.º 54/2018, de 6 de julho. *Diário Da República*, I Série, 129 (2018), 2918-2928.

Decreto-Lei N.º 55/2018, de 6 de julho. *Diário Da República*, I Série, 129 (2018), 2928-2943.

- Decreto-Lei N.º 70/2013, de 23 de maio. *Diário da República*. I Série, 99 (2013), 3031-3033.
- Direção-Geral da Educação. *Aprendizagens Essenciais. Educação Moral e Religiosa Católica. 1.º Ano - 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: DGE, 2018. Consultado em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/1\\_ciclo/emrc\\_1c\\_1a.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/emrc_1c_1a.pdf).
- Direção-Geral da Educação. *Aprendizagens Essenciais*. Lisboa: Direção-Geral da Educação, 2018. Consultado em: <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-0>.
- Lei N.º 46/1986, de 14 de outubro. *Diário da República*. I Série, 237 (1986), 3067-3081.
- Martins, Guilherme (Coord.); Carlos Gomes; Joana Brocardo; José Pedroso; José Carrillo; Luísa Silva; Maria Encarnação; Maria Horta; maria Calçada; Rui Nery; Sónia Rodrigues. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Direção-Geral Da Educação, 2017.

## Referências

- Alvarez, Lisandro Diego Giraldez; Fernanda Braz De Jesus; Ana P. Lacerda Costa1; Letícia E. Ferraz Bastos; Daniel A. Moura de Souza; Douglas Gonçalves da Silva. “Efectos de los microplásticos en el medio ambiente: Un macroproblema emergente”. *Revista de Ciencia y Tecnología*, 33, N.º 1 (2020), 100-107.
- Araújo, Rogério Bianchi de. “A utopia concreta do cuidado em Leonardo Boff”. In: Márcia Pereira dos Santos; Selma Martines Peres; Maria Helena de Paula (Org.). *História, cidades, redes políticas e sociais*. São Paulo: Blucher, 2017, 75-87.
- Bodnar, Zenildo; Freitas; Kaira; Silva. “A epistemologia interdisciplinar da sustentabilidade por uma ecologia integral para a sustentação da casa comum”. *Revista Brasileira de Direito*, Vol. 12, 2 (2016), 59-70.
- Boff, Leonardo. “A busca de um *ethos* planetário”. *Cadernos IHU ideias*. 169 (2012), 3-16.

- Boff, Leonardo. “A perigosa travessia para a república mundial”. In: Washington Araújo (org.). *Quem está escrevendo o futuro? 25 textos para o século XXI*. Brasília: Letra Viva, 2000, 217-226.
- Boff, Leonardo. “O Desafio Ecológico à Luz da *Laudato si'* do Papa Francisco e da Cop21 de Paris”. In Héctor Alimonda (Org.); Catalina Toro Pérez; Facundo Martín. *Ecología Política Latinoamericana: Pensamiento Crítico, Diferencia Latinoamericana y Rearticulación Epistémica*. Buenos Aires: CLACSO, 2017, 213-230.
- Boff, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- Boff, Leonardo. *Ética da Vida. A Nova Centralidade*. São Paulo: Record, 2009.
- Boff, Leonardo. *La dignidad de la Tierra. Ecología, mundialización, espiritualidad. La emergencia de un nuevo paradigma*. Madrid: Trota, 2000.
- Boff, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- Boff, Leonardo. *San Francisco de Asís: Ternura y Vigor. Una lectura desde los pobres*. Santander: Editorial Sal Terrae, 1982.
- Bordenave, Juan Díaz; Adair Martins Pereira. *Estrategias de Enseñanza - Aprendizaje*. San José: Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura, 1997.
- Campos, Yolanda. “Estrategias de enseñanza y aprendizaje”. In Yolanda Campos. *Estrategias didácticas apoyadas en Tecnología*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2000, 1-20.
- Conselho de União Europeia. *Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (COP27), Cimeira sobre a execução da ação climática, Charm el-Cheik, Egito, 7-8 de novembro de 2022. Principais resultados da Cimeira sobre a execução da ação climática*. Consultado em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/meetings/international-summit/2022/11/07-08/>.
- Carvalho, Cristina Sá (Coord). *O Girassol. Manual do 1.º Ano do Ensino Cásico – Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

- Carvalho, Cristina Sá. “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos no desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014”. *Pastoral Catequética*, 31-32 (2015), 29-61.
- Carvalho, Cristina Sá. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2014.
- Cataldo, Katherinne Campusano; Catherine Díaz Olivos. *Manual de Estrategias Didácticas: Orientaciones para su Selección*. Santiago: Ediciones INACAP, 2017.
- Cortesão, Luiza. “Formas de ensinar, formas de avaliar: breve análise de práticas correntes de avaliação”. In: Paulo Abrantes (Coord.); Filomena Araújo. *Reorganização curricular do ensino básico: avaliação das aprendizagens: das concepções às novas práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, 2002, 35-42.
- Coutinho, Patrícia de Souza Albrecht; Angélica Dias Magalhães; Aldo Ramos Santos. “Mudanças Climáticas e os Impactos na Produção de Alimentos”. *Anais do Encontro Nacional de Pós-graduação*, 5. N.º1 (2021), 231-235.
- Cruz, Paulo Márcio; Zenildo Bodnar; Grazielle Xavier. “Pensar globalmente e agir localmente: o estado transnacional ambiental em Ulrich Beck” *Revista de Doutrina da Quarta Região*, 27 (2008), 822-837.
- Dartigues, André. *O que é a fenomenologia?*. São Paulo: Centauro Editora, 1992.
- Earth Charter International. *A Carta da Terra*. Consultado em: <https://earthcharter.org/wp-content/uploads/2021/02/Carta-da-Terra-em-portugues.pdf>; Earth Charter International <https://cartadaterrainternacional.org/>.
- Eslava-Zapata, Rolando; Marylin Zambrano-Vivas; Edixon Chacón-Guerrero; Hilário González-Júnior; Andersson Martínez-Nieto. “Estrategias didácticas para la promoción de valores ambientales en la educación primaria”. *AiBi Revista de Investigación, Administración e Ingeniería*, 6 (2018), 62-69.
- Felipe Milanez. *Fundamentos de ecologia*. Salvador: UFBA - Faculdade de Direito, 2020.
- Fernández, Aurelio. *Compendio de Teología Moral*. Madrid: Ediciones Palabra, 1999.

- Fernández-Reyes, Rogelio. “La encíclica *Laudato si'* en el diario La Razón y en el suplemento L'Osservatore Romano”. In *Actas del I Congreso Internacional Comunicación y Pensamiento. Comunicar y Desarrollo Social*. Madrid: Egregius, 2016, 808-832.
- Fontes, L.; F. Andrade; M. Pimenta; M. Guerreiro. “The water collecting system of the Sete Fontes, Braga (4th-20th century)”. *Arqueología de la Arquitectura*, 15 (2018), 1-15.
- Garcia, Ana Dias; Eunice Macedo; João Queirós. “Todos nós temos um bocadinho de ativismo: Experiências de participação de jovens na Greve Climática Estudantil”. *Educação, Sociedade & Culturas*, 61 (2022), 71-91.
- Garzón, Ilber Darío Saza; Doris Patricia Mora Marín; Fernando Santamaría González. *Estrategias didácticas apoyadas por tecnologías web*. Bogotá: Corporación Universitaria Minuto de Dios – UNIMINUTO, 2016.
- Giraldo Andrade, Yamileth. *Dios y los niños. Orientación y propuesta pastoral para iluminar la problemática relacional de los niños, a partir del amor de Dios*. Santiago de Cali: Universidad Pontificia Bolivariana, Facultad de Filosofía, Teología y Humanidades, 2020. Consultado em: <https://tinyurl.com/2dy7v6aq>.
- Gómez, Lucía Espejel; Jorge Alberto Hidalgo Toledo. “Discursos de Greta Thunberg: Análisis de contenido y su impacto en YouTube”. *Sintaxis*, 5 (2020), 46-61.
- Hernández, Marisela Arriaga. “El diagnóstico educativo, una importante herramienta para elevar la calidad de la educación en manos de los docentes”. *Atenas*, 3, 31 (2015), 63-74.
- Izagirre, Aintzane Camara. “La actividad de cantar en la escuela: una práctica en desuso”. *Revista de Psicodidáctica*, 17 (2004), 75-84.
- Lima, Carmen. *Não há Planeta B. Dicas e truques para um ambiente sustentável*. Porto Salvo: Chá das Cinco, 2020.
- Maria do Céu Roldão. “Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional”. *Revista Brasileira de Educação*, 12 (2007), 94-103.
- Martel, Fernando. “Las primeras imágenes de Dios en los niños”. *Proyección: Teología y Mundo Actual*, 227 (2007), 309-323.
-

- Martins, Ernesto Candeias. “Da ética da certeza à ética dos valores pós-modernos”. *Revista de educação PUC-Campinas*, 22 (2007), 25-40.
- Mazzioni, Sady. “As estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem: Conceções de alunos e professores de ciências contábeis”. *Revista Eletrónica de Administração e Turismo-ReAT*, 2. N-º1 (2013), 93-109.
- Mendes, Vítor Hugo. “Ecologia Integral y Pacto Educativo Global. La Educación Integral del Papa Francisco”. *Aula: Revista de Enseñanza e Investigación Educativa*, 27 (2021), 343-356.
- Moore, Jason. “El auge de la ecología-mundo capitalista - I”. *Laberinto*, 38 (2013), 9-26.
- Murad, Afonso. “*Laudato si'* e a Ecologia Integral. Um novo capítulo da Doutrina Social da Igreja”. *Medellín. Biblia, Teología y Pastoral para América Latina y El Caribe*, 43, N.º 168 (2017), 469-494.
- Nirwan; Yamini; Rajeev. “Developing Glasgow Accord for COP-26 Using Game Theory”. *Journal of Climate Change*. 7 (2021), 1-8.
- Oliveira, Luís Miguel Gonçalves de. “Estratégias de transição entre a educação pré-escolar e o 1.º CEB: Articulação e continuidade educativa”. *Revista San Gregorio*, 16 (2017), 50-59.
- Organização das Nações Unidas. *Guia sobre Desenvolvimento Sustentável. 17 objetivos para transformar o nosso mundo*. Consultado em: [https://www.instituto-camoes.pt/images/ods\\_2edicao\\_web\\_pages.pdf](https://www.instituto-camoes.pt/images/ods_2edicao_web_pages.pdf).
- Organização das Nações Unidas. *Objetivos de Desenvolvimento do Milénio*. United Nations Millennium Development Goals. Consultado em: [https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/objectivos\\_desenvolv\\_milenio.pdf](https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/objectivos_desenvolv_milenio.pdf).
- Piaget, Jean. “La teoría de Piaget”. *Infancia y aprendizaje*, 4 (1981), 13-54.
- Piaget, Jean; Rolando García. *Las explicaciones causales*. Barcelona: Barral, 1973.
- Pinho, Arnaldo de. “Busca dum Ethos Básico Universal: Reconhecimento duma ‘Humanitas’ Comum”. *Congresso Internacional de Direito Natural. Direito Natural, Religiões e Culturas. Porto, 17-18 Maio, 2002*. Coimbra: Coimbra Editora, 2004, 115-118.

- Pombo, Olga; Henrique Guimarães; Teresa Levy. *A interdisciplinaridade – Reflexão e Experiência*. Lisboa: Texto Editora, 1994.
- Rozzi, Ricardo. “Ecología superficial y profunda: Filosofía ecológica”. *Revista Ambiente y Desarrollo*, 23, N.º 1 (2007), 102-105.
- Schmit, Florence; Georgia Gratton; Michael Ball. Cop 27: *Climate deal falls short on GHG cuts: Update*. In *Argus*, 2022. Consultado em: <https://www.argusmedia.com/en/news/2393017-cop-27-climate-deal-falls-short-on-ghg-cuts-update>.
- Segura, Flor Jiménez. “Uso del feedback como estrategia de evaluación: aportes desde un enfoque socioconstructivista”. *Actualidades Investigativas en Educación*, 15 (2015), 793-817.
- SIC Notícias; Lusa. *Os principais acontecimentos em 30 anos de esforços para conter aquecimento global*. Consultado em: <https://sicnoticias.pt/especiais/cimeira-do-clima/2022-11-06-Os-principais-acontecimentos-em-30-anos-de-esforcos-para-conter-aquecimento-global-f0a49ce7>.
- Silva, Ricardo. *Município. Freguesia de S. Victor*. Câmara Municipal de Braga. Consultado em: <https://www.cm-braga.pt/pt/0701/municipio/freguesias/item/item-1-383>.
- Souza, Adriano de. “Alcance e desafios do património cultural imaterial. Propostas contemporâneas”. *Tópicos de Cultura: América Latina y El Caribe*, 1, N.º 1 (2021), 139-143.
- Teresa Leite. “Planeamento e conceção da ação de ensinar”. *Situações de Formação*, 2 (2010), 1-40.
- Toledo, Víctor. “La encíclica verde: ecología política, emancipación social y catolicismo”. *Papeles de Relaciones Ecosociales y Cambio Global*, 131 (2015), 13-19.
- Turrell, W. R. “How litter moves along a macro tidal mid-latitude coast exposed to a coastal current”. *Marine Pollution Bulletin*, 160 (2020), 1-13.
- Varanda, Isabel. “A Ecologia como chave hermenêutica da Criação e da Evolução”. *Theologica*, 45 (2010), 453-464.

Varanda, Isabel. “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”. *Theologica*, 38, N.º 2 (2003), 287-306.

Vaz, Armindo. *Em vez de ‘história de Adão e Eva’: o sentido último da vida projetado nas origens*. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2011.

Yunda, Victor Ordoñez. *De la idea de Dios en los niños de grado sexto de la Institución Educativa San Luis Beltran y su influencia en la vida cotidiana*. Neiva: Universidad Santo Tomás, Facultad de Educación - Licenciatura en Filosofía y Educación Religiosa, 2018, 47-49. Consultado em: <https://tinyurl.com/28q6dhf9>.

